FUNDAMENT0S

4-5

Número de homenagem a

Monteiro Lobato

O HOMEM

Artur Neves Caio Prado Junior Rossine C. Guarnieri

O ESCRITOR

Galeão Coutinho Afonso Schmidt

DEPOIMENTOS

Adolfo Jagle Antonio B. Lefèvre Tulman Neto Alceu M. Araujo Pedro Neme Hugo de Barros

LITERATURA

Afonso Schmidt

LEIS POLÍTICAS

Rivadávia Mendonça

WROCLAW

J. E. Fernandes

CRITICA

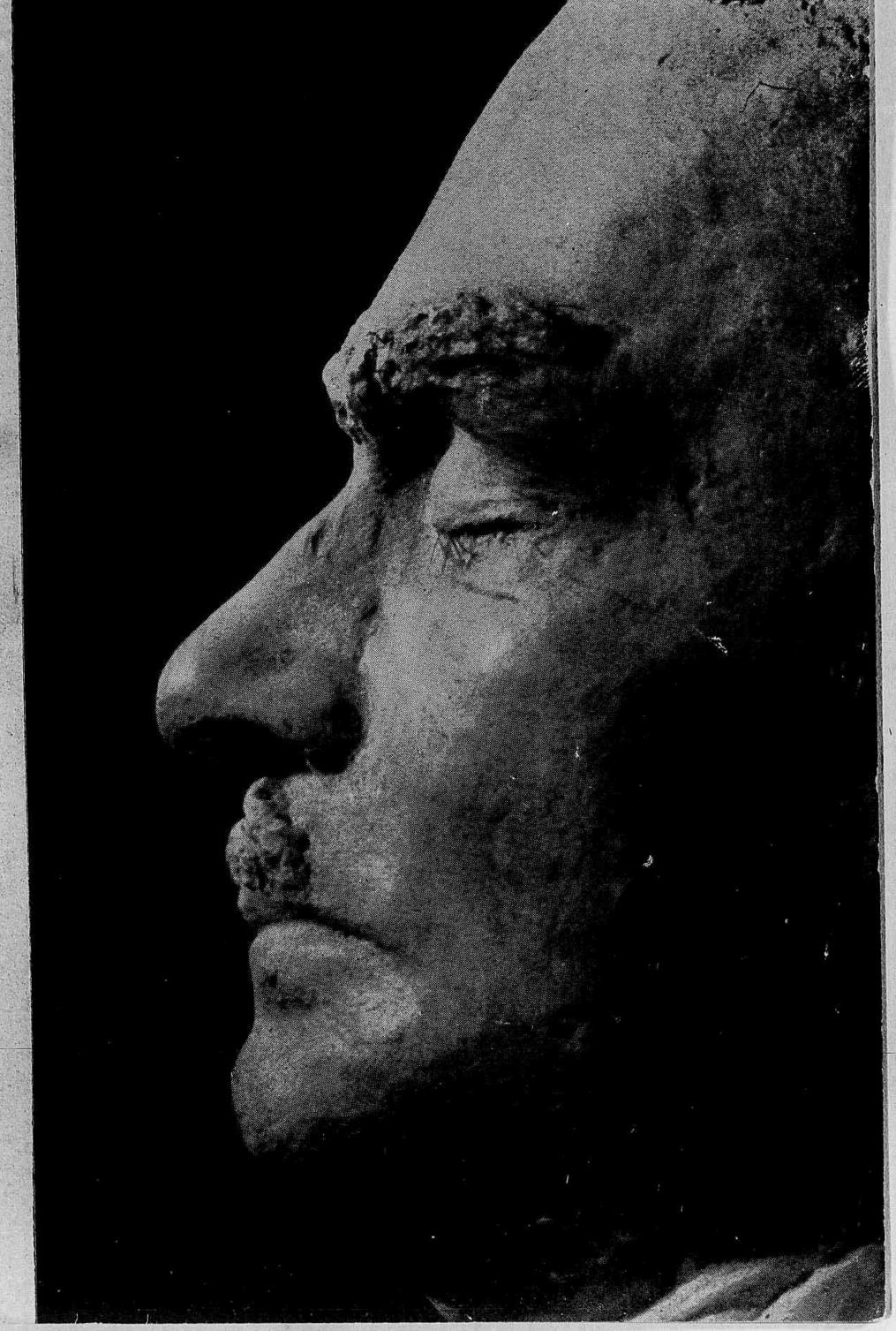
COMENTARIOS

NOTAS



Máscara mortuária de Monteiro Lobato SÃO PAULO — Setembro-Outubro de 19

Janeiro



Revista de cultura moderna São Paulo

Fundador

MONTEIRO LOBATO

Diretor-responsável

RUY BARBOSA CARDOSO

Redator-chefe

AFONSO SCHMIDT

Secretários

G. NONNENBERG e J. E. FERNANDES

Colaboram neste número:

ARTUR NEVES — Publicista e editor. — Organizador das obras completas de Monteiro Lobato.

CAIO PRADO JUNIOR — Historiador, sociólogo e parlamentar. Autor de obras fundamentais de interpretação de nossa história tais como: «História Econômica do Brasil» e «Formação do Brasil Colônia».

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI — Poéta de «Porto Seguro», «A voz do grande rio» e «Três Poemas».

GALEÃO COUTINHO — Jornalista e escritor. Autor de «Simão o Caolho», «Vovo Morungaba» e outros romances.

AFONSO SCHMIDT — Romancista de «A Marcha», «Colônia Cecília». Redator-chefe de «Fundamento».

RIVADÁVIA MENDONÇA — Publicista e advogado.

J. F. FERNANDES — Secretário de «Fundamentos».

ADOLFO JAGLE — Médico.

ANTONIO BRANCO LEFÈVRE - Neurologista

TULMAN NETO — Jornalista.

ALCEU MAYNARD ARAUJO - Folclorista.

PEDRO NEME — Publicitário.

HUGO DE BARROS — Comerciário.

VITOR BRECHERET — Escultor.

ROBERTO MAIA — Fotógrafo.

FUNDAMENTOS não se responsabilisa pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

Número avulso Cr\$ 6,00 — Atrazado Cr\$ 10,00 — Assinatura anual Cr\$ 70,00 Redação e administração: Rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, Sala 93

SÃO PAULO



A BRASILIENSE — editora das obras de Monteiro Lobato — se associa às homenagens que FUNDAMENTOS presta à memória do grande escritor, pioneiro da indústria do livro no Brasil.

EDITORA BRASILIENSE LTDA. Barão de Itapetininga, 93 - S. Paulo



Acumuladas, Bolos e Bettings



CASA DAS APOSTAS

Faça os seus "bettings",
"bolos" e "acumuladas",
no prado ou na Casa das
Apostas, das 9 às 22 horas
nas vésperas de corridas e
até uma hora antes do primeiro páreo. Pagamentos, diàriamente, das 9 às 18 hrs. Ladeira
Pôrto Geral, 24 (salão térreo).

BONIFICAÇÃO DAS ACUMULADAS

VENCEDOR

PLACÊ

Std-J1-19

Jockey Blub DE SÃO PAULO



EU VOS UNO PELO MATRIMÔNIO



o início de grandes responsabilidades morais e materiais, que precisam ficar asseguradas. Constitua, pois, um pecúlio garantido, subscrevendo títulos da Prudência Capitalização.

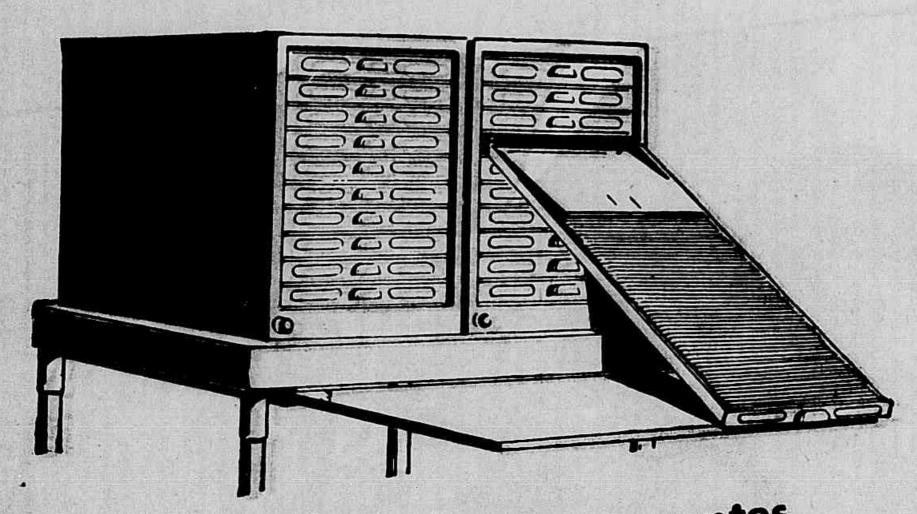
Peça a presença de um nosso agente ou procure, consultando-nos conhecer as vantagens seguras dos nossos diversos planos.

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

* COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA *

PANAM — Casa de Amigos

ORGANIZAÇÃO INTERNA



estoque - vendas - contas correntes cobranças - compras - produção cobranças - compras - produção

SEGURIT

Flimine os desperdícios, estabeleça exatos controles com Synthesis, o melhor fichário horizontal hoje fábricado em todo o mundo.

SECURIT

olivetti

TECNOGERAL S.A.

R. 24 de Maio, 47 - Tels. 6-5785 - 6-7742

PREFIRA PRODUTOS

oferecem superior qualidade e são 100% Brasileiros.



O INTERGÂMBIO FRANÇO-BRASILEIRO

Recebe regularmente da França,
Suiça e Portugal, as últimas novidades literárias, técnicas e
científicas.



Livros de Arte - Reproduções - Revistas - Encomendas de Obras Especialisadas - Assinaturas.



PREÇOS PROPORCIONAIS AO CÂMBIO ATUAL



Atendemos a Encomendas do Interior e de Outros Estados.

275, BARÃO DE ITAPETININGA - 4.0 Andar Tel. 6-6091 — C. P. 5728 SÃO PAULO

UM DOS MAIS INTERESSANTES E ORIGINAIS LIVROS DE A. J. CRONIN ATÉ AGORA PUBLICADOS



Um livro que se le dum folego só: como afirmou um crítico, lidas as primeiras páginas, não se consegue refrear o irresistível impulso de ir até o fim, tão absorventes, tão variadas e tão cheias de peripécias são as coisas que nos conta o mais querido romancista moderno.

Belo volume em formato grande - 35,00

O consagrado escritor GENOLINO AMADO, grande conhecedor da literatura inglesa, escreveu sobre A. J. Cronin:
"...um novo, intenso e singular novelista surgira na Inglaterra, trazendo na sua vocação criadora essa mescla de patético e de "humour", de imaginação surpreendente e de observação direta da realidade quotidiana, tão marcada e típica nos escritores de sangue escocês".

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Índice

Editorial	
о номем	
Monteiro Lobato — Artur Neves	
Monteiro Lobato — Caio Prado Junior .	288
Canto de amor para Monteiro Lobato — I	
O ESCRITOR	
Lobato panfletista — Afonso Schmidt	
O humor e a sátira em Monteiro Lobato -	- Galeão Coutinho 301
ANTOLOGIA	
A história do Rei Vesgo — Monteiro Lob	ato 313
DEPOIMENTOS	
Lobato perde um doente — Adolfo Jagle	
Lobato diante da morte — Antonio B. L	efevre 319
História de uma entrevista — M. Tulman	n Neto 322
O folclore e o çaa cy perereg — Alceu M	laynard Araujo
Lobato e o espiritismo — Hugo de Barro	(프리크) (트스 프린터) (프리스트) (리크) (리크) (리크) (리크) (리프리스트) (리크) (리크) (리크) (리크) (리크) (리크) (리크) (리크
Lobato publicitário — Pedro Neme	
Os começos de Monteiro Lobato — A. N	
LITERATURA	
Sete Cartas Loucas III — Afonso Schimi	dt 335
LEIS POLÍTICAS	
Lei de segurança — Rivadávia Mendonço	a
OS ESCRITORES E A PAZ	
Wroclaw — J. E. Fernandes	
NOTAS	

COM êste número, «FUNDAMENTOS» rende homenagem à memória de MONTEIRO LOBATO — seu fundador.

Não é fácil, nos limites de uma revista, delinear o perfil do homem e do escritor que, no dizer de Afonso Schmidt, «realizou obra tão vasta e profunda, que ao desaparecer do nosso meio, não poderá ser substituído no pôsto de combate por um homem ou por alguns homens, mas por uma geração inteira».

Procuramos, no entanto, fazer uma tentativa honesta de interpretação da vida e da obra do imortal criador de «Jéca Tatú» e «Zé Brasil». A nossa visão de Monteiro Lobato se contrapõe à daqueles que o encaram apenas como um escritor de estilo original e brilhante, digno de consagração antológica, e se esquecem de ver o aspecto mais saliente de sua personalidade — o de homem de ação, «idealista do progresso material», que sempre compreendeu e lutou pelos magnos problemas da nacionalidade. E' impossível focalizar Lobato fora da política ou tentar dissociar o grande escritor do patriota que, sem medir sacrifícios, pôs a sua inteligência e tôda a sua atividade a serviço de campanhas e empreendimentos que visavam o progresso de seu país e o bem estar de seu povo.

A exiguidade de tempo e dificuldades de ordem material não nos permitiram organizar um número de homenagem no qual pudessemos analisar a vida e a obra de Lobato com a extensão e a profundidade desejáveis. Muitas das colaborações solicitadas não nos chegaram às mãos a tempo. Entre estas, contam-se estudos autorizados sôbre o estilo e os têmas de seus livros, o valor pedagógico de sua literatura infantil, a análise de sua correspondência — tão vasta e de tão alto interêsse para a compreensão de sua personalidade, documentários sôbre suas campanhas e atividades práticas, enfim, diversos ensaios sôbre os múltiplos aspectos de sua exuberante personalidade. Tôdas estas novas contribuições para a análise da figura literária e humana de Lobato serão oportunamente publicadas.

EDITORIAL

Embora não julguemos resgatada nossa dívida para com Monteiro Lobato, acreditamos ter contribuido, na medida de nossas possibilidades, para corrigir uma distorção que vem sendo feita por muitos de nossos críticos, distorção que se faz no sentido de dar relêvo, na obra do escritor, apenas aos valores estéticos e literários menos desfavoráveis aos interêsses da classe que, conciente ou inconcientemente, tais críticos defendem.

Além de um grande escritor, Lobato foi um grande patrióta. E' assim que nós de «FUNDAMENTOS» o consideramos. E' assim que o povo brasileiro o julga.

Cumpre-nos finalmente agradecer a d. Purezinha Monteiro Lobato, viuva do grande escritor, a valiosa colaboração que nos prestou, facultando-nos acesso a docunmentos e fotografias, e fornecendo preciosos dados para a elaboração de muitos dos trabalhos enfeixados neste número.

Monteiro Lobato

ARTUR NEVES

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté no dia 18 de abril de 1882, de uma linha de fazendeiros e latifundiários do Vale do Paraíba (Taubaté, Pindamonhangaba, Paraibuna) cuja origem se perde nos tempos coloniais. Era filho de José Bento Marcondes Lobato, abastado fazendeiro da zona de Tremembé, proprietário da Fazenda Paraíso e da Fazenda Santa Maria (hoje transformada na usina «Maristela») e de d. Olimpia Alves Monteiro, filha de José Francisco Alves Monteiro, Visconde de Tremembé, e também abastados fazendeiros de ascendência paulista. Fôram seus avós paternos: D. Maria Antonia Marcondes Machado (descendente de Antonio Marcondes do Amaral, tronco da família Marcondes, de Pindamonhangaba) e José dos Reis Lobato, filho de José Lobato Moura e de D. Felícia Luiza de Alvarenga, de tradicional família de Paraibuna.

Monteiro Lobato, era, pois, um genuíno paulista do Vale do Paraíba, descendente por todos os lados de velhas famílias de agricultores e proprietários de terra. Não há por onde encontrar em sua ascendência, nem no ambiente em que passou a infância e a juventude, condições favoráveis à eclosão de um espírito revolucionário como o que mais tarde iria revelar.

Como todos os filhos das grandes famílias da época, Lobato teve uma educação totalmente orientada nos moldes clássicos, mais literária do que científica, ao tipo da que, anos mais tarde, em plena era da energia atômica, o sr. Gustavo Capanema, sob inspiração dos jesuítas, voltaria a impingir aos jovens brasileiros. Depois de ter aprendido as primeiras letras em casa, com professor particular, Lobato entrou como aluno interno no Colégio Stafford, de Taubaté, e em seguida no Colégio Paulista, onde ficou internado até prestar exames no Curso Anexo à Faculdade de Direito. Foi também aluno do Colégio Luís Antonio.

Em todo êsse período de infância, o único fato digno de nota na história de Monteiro Lobato, pelo menos o único fato que teve uma repercussão mais profunda e duradoura em seu espírito, foi uma célebre bomba que recebeu num exame de português. Essa reprovação iria despertar no futuro autor de URUPES uma grande ogeriza pelos gramáticos e pela gramática, que mais tarde êle

passaria a classificar de «sizuda e circunspecta ciência de torturar crianças e ensandecer adultos». E' interessante ver como o menino Lobato descreve a história dessa **bomba**, através de uma carta dirigida à sua mãe. Essa carta mostra como, aos 10 anos de idade, o escritor já se revelava em Lobato e como também já se revelava nele o horror à injustiça e ao regime de proteção e filhotismo que vigorava e ainda vigora em nossas escolas. E' o seguinte o texto da carta de Lobato, que naquela época se assinava Juca.

Janeiro de 1896

«Mamãe

Ontem entrei na prova oral de Português e fiz uma prova boa. Todos que viram disseram que eu tinha tirado um plenamente, mas quando fui ver eu estava inhabilitado. Creio que é engano, mas se não fôr eu vou sexta-feira, 10. A minha prova escrita foi boa e a oral também. Eu vi na prova escrita uns seis rapazes que não sabiam nada, que me perguntavam tudo, que colavam e que faziam uma descrição de dez linhas, sairem aprovados. Na oral vi rapazes que diziam que «pouquissimo» era advérbio; «fortes» não sabiam o que era, sairem aprovados. E eu que respondi tudo saí inhabilitado. Me parece que o Freire viu tanta proteção que disse: êste menino não sabe nada, porque se soubesse não precisava empenho e porisso me bombeou injustamente. Tenho vergonha de tôda gente, aquí que conheço poucas pessoas, quanto mais aí que todos sabem que vim fazer exames. Todos dizem que há engano, mas isso não é ao certo. Agora quando chegar aí vou estudar Francês, Português, Inglês, Geografia para fazer em junho ou faço em março os dois. Parece que vou morrer principalmente vendo como a senhora, papai e seu Germano vão ficar tristes. Só de me lembrar saem lágrimas dos olhos. Isto é uma loteria! Se alguém perguntar de mim, diga que não sabe, que morri. Conte só para seu Germano.

Seu filho

Juca»

Mas o menino Juca não morreu de vergonha e mais tarde, já transformado num guapo rapazote, vamos encontrá-lo cursando a Academia de Direito de São Paulo. Lobato costumava dizer que foi para essa escola só para satisfazer a vontade dos pais e confessava que apenas fêz ato de presença nas aulas no quntum satis para obter diploma. A verdade, porém, segundo o testemunho de seus colegas de turma, é bem outra. Lobato fêz um curso brilhante e sempre demonstrou uma inteligência e capacidade de apreensão admiráveis.

Foi durante o curso acadêmico que Monteiro Lobato começou a revelar os seus pendores literários. Fazia parte dum grupo de estudantes que se batizara com o pomposo nome de «Cenáculo» (*) e no qual tinha como companheiros Godofredo Rangel, José Antonio Nogueira, Raul de Freitas e outros. Moravam todos num pequeno chalé amarelo no Belemzinho, que recebeu o nome de «Minarete». Nesse período Lobato colaborou, sob diversos pseudônimos, num jornalzinho de Pindamonhangaba, fundado por Benjamin Pinheiro e que, por sugestão sua, recebeu o nome de «Minarete». As atividades do «Cenáculo» eram exclusivamente literárias. Pela cabeça daqueles jovens, filhos de famílias burguesas e pequeno-burguesas, quase todos vindos do interior e vivendo no regime das «mesadas» paternas, não passava, nem podia passar, sombra de preocupação de ordem política ou mesmo científica. Os alegres rapazes do «Minarete» viviam uma vida fútil e falsa, e só revelavam interêsse pelos transcendentes problemas literários e estéticos muito ao gôsto da época. E' o próprio Lobato quem confessa: «Viviamos a vida mais absurda do mundo — sonhando — inteiramente alheios às realidades envolvente — a ouvirmos Ricardo dizer versos como ninguém jamais os dirá».

Essa boêmia literária, característica tipicamente pequenoburguesa, e que infelizmente até hoje perdura em certos setores da nossa sociedade, era o traço dominante da vida dos hóspedes do «Minarete». E forçoso é confessar que, com exceção de Lobato, Godofredo Rangel e Ricardo Gonçalves, mesmo literáriamente muito pouco produziu o tal Cenáculo. Mais tarde o próprio Lobato reconheceria essa verdade em carta a Godofredo Rangel: «Não foges, meu caro, ao destino de Messias do Cenáculo. Tu és o esperado. Tu és o que prometeu e deu. Todos os mais não granaram, como as espigas do meu arrozal do Barro Branco».

Em 1904 Lobato conclue o curso de Direito e três anos mais tarde é nomeado promotor público de Areias, pequena cidade decadente do Vale do Paraiba. E' nessa cidadezinha do interior que êle começa a se dedicar com mais afinco à literatura, já agora com a seriedade de quem deseja construir edifício sólido e duradouro. E' ainda quando promotor em Areias, em 1908, que Lobato se casa com D. Purezinha, filha do advogado Dr. Francisco Marcondes de Gouveia Natividade, lente do Curso Anexo à Faculdade de Direito de São Paulo. Dêsse casamento, que durante 40 anos foi um modêlo de solidariedade e carinho, deveriam nascer 4 filhos: Marta, casada com Jurandir Ubirajara Campos; Edgard, já falecido, que foi casado com Gulnara de Morais; Guilherme, falecido aos 24 anos; e Ruth.

^(*) Sôbre o grupo do **Cenáculo**, v. «A Barca de Gleyre» e Prefácio de «Urupês».

Os anos passados em Areias fôram, realmente, de importância decisiva na formação literária de Lobato. Na cidade morta, que serviria de modêlo à sua Oblivion, tudo favorecia o estudo e a meditação. «A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar, exhausto e só, com os olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além...» «O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lépida, como os homens esquecem a atriz famosa logo que sé lhe desbota a mocidade. E sua vida de vovó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê no sombrio dos grotões...» «O silêncio em Oblivion é como o frio nas regiões árticas: uma permanente». Para matar o tempo, para fugir à mesmice e falta de vibração da vida de Areias, o jovem promotor procura refúgio nos livros. Não só lê os clássicos, como procura pôr-se a par de todo o movimento literário europeu. Lê e escreve continuamente e assim vai pouco a pouco criando o seu próprio estilo, num constante e paciente trabalho de lapidação e burilamento. A correspondência com Godofredo Rangel, que se acha enfeixada nos dois volumes de «A Barca de Gleyre», revela êsse interêsse permanente do escritor ainda inédito em aperfeiçoar o seu meio de expressão.

«Não fujo à pecha de ignorante em gramática, e até proclamo essa ignorância», diz êle a Rangel. «E na realidade guiome pelo tacto e o faro, pelo aspécto visual e auditivo da frase. Se algum período me tôa falso, releio-o em voz alta para perceber onde desafina. E achada a corda bamba, não analiso, dispenso-me de saber que preceito gramatical foi alí ofendido; aperto a cravelha e afino a frase. O método não será dos melhores, mas é o meu».

Na fatigante busca dum estilo correto e fácil, Monteiro Lobato lê tôda a obra de Camilo, analisando-lhe os períodos com uma minúcia e agudeza de observação admiráveis. Encara com tanta seriedade o aperfeiçoamento de seu futuro instrumento de trabalho, que chega a ler e a anotar todo o dicionário de Caldas Aulete para aumentar e enriquecer o seu vocabulário. Lobato procura não só encontrar um estilo novo e seu, como também uma vereda literária inexplorada e fundamentalmente brasileira. «Ou dou um dia coisa que preste, que esborrache o indígena, ou não dou cousa nenhuma», afirma êle a Rangel.

E' nessa época que Lobato entra em contacto com a literatura russa. Mergulha em Gorki, Gogol, Dostoiewski, Turguenef e Tolstoi e escreve a Rangel comunicando o seu grande entusiasmo pelas descobertas que faz: «Sair dum livros russo é sair dum pesadêlo! Não mais impressão céptica ou finamente agradável, nem higienicamente científica — mas a formidável impres-

são de quem põe o dedo na máquina infernal do Futuro. E' tudo muito grande, desconforme, assimétrico, brontossáurico... Amedronta! Esmaga! Exorbita do quadro comum das nossas concepçõezinhas caseiras de latinos». E continúa proféticamente: «A França é um velho jardim clássico. A Inglaterra é um gramado lindo. A Alemanha é uma horta científica e adubada com pós químicos, bostas sintéticas, urinas duma Werke. A Russia é a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro — os futuros valores, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso». E mais adiante: «Quando leio as outras literaturas, eu sinto isto ou aquilo — sentimentos analisáveis e classificáveis. Quando leio os russos, eu pressinto».

Mas não são apenas os livros e as questões literárias que prendem a atenção de Lobato durante os anos de Areias. O panorama que o rodeia, de completa decadência da terra e do homem, começa a impressionar a sua aguda sensibilidade. Qual a causa de tanta miséria? é a pergunta que a si mesmo dirige aquele moço que até então só lera os clássicos e vivera «a vida mais absurda do mundo — sonhando — inteiramente alheio às realidades envolventes». Lobato faz, então, a sua primeira tentativa de interpretação de um fenômeno econômico e social. Escreve êle em 1906: «A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outróra, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsôlo, ressurte de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflue com êles duma região para outra. Não emite peão, vive acampado. Emigra deixaido atrás de si um rastilho de taperas. A uberdade nativa do solo é o fator que o condiciona. Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital — e com êle os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas».

E é nessa mesma página, de 1906, que Lobato pela primeira vez descreve a tragédia econômica da pequeno-burguesia das cidades empobrecidas com a decadência da lavoura do café: «Os ricos são dois ou três forretas, coronéis da Briosa, com cem apólices a render no Rio; e os sinecuristas acarrapatados ao orçamento: juiz, coletor, delegado. O resto é a «mob»: velhos mestiços de miserável descendência, roídos de opilação e alcool; famílias decaídas, a viverem misteriosamente umas, outras à custa do parco auxílio enviado de fora por um filho mais audacioso que emigrou. «Boa gente», que vive de aparas». E vem aí também esboçado o quadro de miséria do campo: «As fazendas são Esco-

riais de soberbo aspécto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Ladeando a Casa Grande, senzalas vazias e terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos interstícios. O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafesais extintos. Agregados dispersos. Subsistem únicamente, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam — fauna cadavérica de última fase a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões».

Um artista para ser realmente grande precisa refletir em sua obra pelo menos algúns dos aspectos essenciais das contradições econômicas que o envolvem. Lobato compreendeu isso muito cedo e muito cedo passou a estudar o meio que o cercava sem qualquer preconceito romântico e sem qualquer fantazia literária. O escritor percebe que o seu estilo já atingiu a fôrça necessária para a fixação do quadro social que tem diante dos olhos, mas ao mesmo tempo confessa a Rangel, que, para realizar a sua obra, se ressente da falta de um contacto mais estreito com o povo: «O que me contas do Bernardo é realmente assombroso. Eu o imaginava um bacharel grudado como craca numa promotoria de Minas. E no entanto cultiva a vinha e tem venda de estrada! Está mais bem situado do que nós, Rangel, para o estudo das almas humanas. Está mergulhado na massa do povo, e nós bestamente vivemos entre títeres que não são povo nem coisa nenhuma. E' pasmoso como a sociedade esconde o homem em carne viva, todo instintos crús. A burguesia não tem alma. Educação e riqueza são máscaras de desindividualização. Que delícia nadar nas ondas da plebe, como num mar! Como Gorki nadava!»

Logo depois Monteiro Lobato iria ter oportunidade, senão de mergulhar na massa do povo, como Gorki, pelo menos de se plantar num excelente pôsto de observação que lhe permitiria penetrar fundo nos problemas da nossa gente da roça. Assim é que, com a morte de seu avô, o Visconde de Tremembé, Lobato recebe uma extensa gleba de terra em Buquira e vê-se de um dia para outro transformado em fazendeiro e pôsto em contacto direto com as piraquaras do Vale do Paraíba. Em dezembro de 1911, escreve êle a Rangel: «Estou na fazenda há já uma semana, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiro, roças de milho e mais coisas. Ainda não adquirí o olho exclusivamente utilitário. Uso muito o estético — e temo que isso me dê prejuizo no fim do ano. E' a opinião do meu utilitarissimo administrador».

E' na Fazenda do Buquira que começa o processo de gestação do Jéca Tatú. Como bem analisa Matias Arrudão, num dos melhores estudos até hoje publicados sôbre Monteiro Lobato, (*) «Jeca Tatú não surgiu de nenhuma inspiração repentina. Foi elaborado num lento processo do subconciente, vagaroso como um carro de boi, concebido como o próprio Lobato sem querer definiu: Rangel - não sei como vai ser essa obra. Talvez romance. Talvez uma série de contos e coisas com uma idéia central... Já te escreví sôbre isto: e se a idéia volta e insiste é que de fato está se gestando bem vivinha e será parida no tempo próprio». A idéia voltou e insistiu muitas vezes, no período que vai de 1912 a 1914. Quase tôdas as cartas de Lobato a Rangel escritas nessa época fazem referência ao que Lobato chamava a sua «teoria do caboclo»: «Já te expus a minha teoria do caboclo, como o piolho da terra, o Porrigo decalvans das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência européia». «Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veiu até Coelho Neto - e que até o Ricardo romantizou tão lindo: Cisma o caboclo à porta da cabana... Eu vou contar o que êle cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos»... «Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural».

Mas a verdade é que nessa época Lobato também não teve, nem poderia ter, uma visão certa do nosso homem do campo. O fazendeiro, que acabava de tomar posse dum imenso latifúndio e começava a temer os prejuízos do fim do ano, estava objetiva e subjetivamente condicionado a basear a sua teoria do caboclo em premissas falsas, resultantes de uma interpretação de fatores superficiais e não da análise profunda das causas econômicas e sociais, que levavam o pobre piraquara a se transformar no Porrigo decalvans das terras virgens. E' ainda Matias Arrudão, quem melhor explica as razões dessa «distorção» no processo de análise de Lobato: «Lobato não chegou a sentir a tragédia do Jéca Tatú. Procedeu como o tabelião que cerra o testamento e certifica solenemente — vi mas não li. Viu-a de longe, com os olhos deformantes de patrão, com todos os exageros decorrentes da falsidade dessa posição, que por si só já representa uma atitude na sociedade».

O primeiro encontro de Monteiro Lobato com seu Jéca Tatú não poderia, pois, ser um encontro de amigos, de pessoas que se compreendem e se querem bem. Havia entre êles, a separá-

^(*) Matias Arrudão — O Arrependimento de Lobato — «Estado de São Paulo», 11-7-1948.

los como um tapume, o profundo antagonismo de classe, a velha luta entre o explorador e o explorado. O Lobato-latifundiário perturbava ainda a visão do Lobato-escritor. Nos artigos «Velha Praga» e «Urupês», em que êle pela primeira vez retrata o Jéca Tatú, transparece tôda a revolta do fazendeiro contra os pobres piraquaras que lhe queimam o mato. Em vez de vingar-se apenas dos incendiários, Lobato generalizou o seu ataque e «deslombou» a classe inteira, pintando o caboclo como um «funesto parasita da terra, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização». E o Jéca Tatú surge assim, não como um retrato fiel do nosso homem da roça, mas como «uma caricatura de despique» que mais tarde o próprio autor renegaria, contrapondo-lhe a figura exata e precisa do Zé Brasil.

Como procurámos salientar em escrito anterior, a repercussão daqueles dois artigos — «Velha Praga» e «Urupês», marca uma época na nossa literatura e um momento de transição na obra de Lobato. O grande escritor dá alí um golpe de morte no velho romantismo e adota desassombradamente a atitude realista, não só diante do caboclo como de tôdas as coisas nacionais. Sua obra passa a ser, em todos os setores, uma obra de denúncia implacável e sistemática: denúncia da falseação política, denúncia do estado de abandono e pauperismo das populações do interior («Problema Vital»), denúncia da ignorância e da patifaria do govêrno («Mr. Slang e o Brasil»), denúncia da sabotagem das riquezas feita pelo oficialismo a serviço do imperialismo («O Escândalo do Petróleo»), denúncia de tôdas as «estilizações» das fraquezas nacionais e de tôdas as racionalizações dos nossos defeitos («Na Antevéspera», «América», prefácios e inúmeros artigos em jornais e revistas).

A mentira, o enfeite sistemático das nossas coisas, desesperáva-o — mas Lobato sabia fazer justiça. Depois que verificou que a causa da «ruindade» do Jéca era mais a doença do que outra coisa, não teve pêjo em perdir-lhe perdão:

«Eu ignorava que eras assim, meu caro Jéca», diz êle no prefácio da 4.ª edição dos «Urupês», «por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. E' essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não; assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outróra só via em ti mamparra e ruindade. Perdoame, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa da terra...»

Para se compreender em tôda a sua profundidade os efeitos que a criação do Jéca Tatú exerceu na obra lobateana, é necessário ouvir o que o próprio Lobato disse mais tarde a Matias

Arrudão, numa carta que pode ser considerada o documento básico para a interpretação de sua obra. Nessa página, que é um admirável exemplo de auto-crítica honesta e sincera, o escritor não só explica as condições psicológicas que motivaram a deformação da figura do Jéca, como mostra os rumos que resolveu tomar daí em diante para se penitenciar do êrro cometido. Diz Lobato a seu amigo: «Só você viu claro nesse triste caso do Jéca, em que a minha culpa é bem menor que a do Rui Barbosa. Eu escreví aquilo inocentemente, sem jamais pensar em qualquer espécie de repercussão — muito menos que a teria imensa pela voz de Rui. A interferência do colosso em minha pobre literaturazinha trouxe um desequilíbrio grave, dando excessiva preponderância a «uma caricatura de despique» por causa de um incêndio de matas. Mas eu confesso, Arrudão, que você está certíssimo naquela apreciação — o único que até hoje acertou, parece incrível! Por um defeito de criação, eu não via a miséria humana — ou via-a apenas sob um aspécto estético. Que pitoresco o homem da roça, em camisa e calça remendada! O incoercível pendor pela pintura (que foi a minha mania) levava-me a avaliar tudo pelo aspécto pitoresco. Pitoresco - pinturesco pitórico...» E aquí segue a explicação com que o próprio Lobato justificava a sua radical mudança de atitude: «Quando sarei, quando comecei a sentir em todo o seu horror o horror da miséria humana (de que o Jéca não passa de humilde ilustração) era tarde — minha obra literária já se havia cristalizado, e morto estava o meu interêsse pelas letras. Reagí de outra maneira. Escreví uma violenta série de artigos no «Estado», sob o título «Problema Vital», em que denunciava a doença do nosso homem da roca e o crime dos que na cidade, parasitàriamente, se gozavam do produto do seu doloroso trabalho. Mas verificando a inutilidade do «clamor no deserto», meditei a fundo na causa da miséria do nosso povo e me convencí de que vinha da «falta de eficiência» por causa do baixo índice de mecanização (prefácio do «Escândalo do Petróleo», o «Poço do Visconde», e muitos artigos em jornais) e atirei-me, com a fúria de quem quer resgatar-se de feio pecado, à tarefa de dar a êste país, ou criar neste país, a mentalidade do ferro e do petróleo, como o país da máquina — essa criadora da eficiência que liberta os países do pauperismo». E Lobato termina esta comovedora carta, fazendo uma amarga queixa contra a nossa «elite intelectual» que criminosamente permaneceu abúlica e silenciosa diante de suas heróicas campanhas: «A parte mais generosa da minha vida foi essa. Ninguém trabalhou com maior fúria pela «salvação do Jéca por via indireta» — mas não foi trabalho literário, não teve a realçá-lo um Rui, correu anônimamente e numa propaganda, que só eu sei, pró ferro e pró petróleo, com

passos práticos de fundação de companhias de ferro e petróleo. Todo mundo via naquilo um negócio comum como outro qualquer; eu só visava uma coisa: resgatar-me do meu crime de deshumanidade para com o Jéca, isto é, para com o povo brasileiro talvez em sua maioria; não com uma palinódia literária, coisa inócua — mas «dando-lhe o remédio que o iria salvar» da miséria crônica, mãe de todos os seus males. Falhei, ou pelo menos não pude ver as sementes que em mil artiguetes e notas não assinadas, publicadas em todos os jornais e jornalecos do país, eu lancei como criadoras da mentalidade que me parecia salvadora. A parte generosa da minha vida foi essa, que me levou até a cadeia e que ponho mil covados acima da outra, a literária — a vaidosa — a artificial — a pouco humana, tôda arte-pela-arte, a que até quiserem premiar com o grotesco crachá da «imortalidade» acadêmica. Porque essa era profundamente humana e, se vencesse, ia automaticamente calçar os pés do Jéca, dar-lhe ceroulas e calças sem remendo, e remédios para a bicharia das tripas, e elevação de nível de vida e comêço de cultura. Mas, meu caro Arrudão, obtive todos os prêmios com a obra má de vaidade — e a obra boa não tomou a atenção de ninguém, afóra o benemérito Tribunal de Segurança... Desculpe-me, Arrudão: — você é o primeiro sujeito que escreve sôbre mim e ao qual respondo abrindo o meu coração».

Uma simples atitude psicológica ou o mero desejo de resgatar o pecado cometido contra o Jéca, não bastariam, por si sós, para explicar a nova diretriz que, de 1918 em diante, transparece em tôda a obra de Lobato. Essa mudança de atitude ideológica, da qual «Problema Vital» é o primeiro exemplo, só poderia resultar, como de fato resultou, de uma completa mudança na condição social do escritor. Devemos realçar que é precisamente nessa época que Lobato, já transformado num escritor de renome nacional, após o retumbante êxito da primeira edição de «Urupês», vende a Fazenda do Buquira, corta todos os laços que o ligavam ao latifúndio e vem fixar residência em São Paulo.

Na capital paulista, onde a indústria está em plena fase de desenvolvimento, novas e amplas perspectivas se abrem diante do moço rico e talentoso que já havia sepultado nas terras erodidas do Vale do Paraíba os seus últimos sonhos agrícolas. Lobato, radicado na cidade que cresce e é o centro econômico do país, tem, enfim, oportunidade de revelar o traço mais profundo de sua psicologia — o de idealista prático, de «verdadeiro e ardente idealista do progresso material», como bem compreendeu Caio Prado Junior numa brilhante análise que fez da personalidade do criador de Jéca Tatú. Realmente Lobato sempre mostrou compreender a verdade que está contida na afir-

mação de Marx de que «as idéias não podem nunca ir além de um antigo estado de coisas; elas só podem ir além das idéias do antigo estado de coisas. As idéias além disso nada podem realizar. Para a realização das idéias são necessários homens que ponham em ação o poder prático».

A primeira iniciativa em que Lobato revelou a sua mentalidade de empreendedor capitalista foi a da transformação da «Revista do Brasil», orgão que naquela época reuniu os expoentes das letras paulistas, em núcleo inicial de uma grande casa editora. Lobato desde logo se integra na vida de diretor de emprêsa comercial e entra em contacto com uma série de problemas bem diversos daqueles que mêses antes preocupavam o jovem fazendeiro do Buquira. Entusiasma-se com a idéia de dar livros ao Brasil e em carta dirigida a Rangel conta das suas lutas e esperanças no novo setor de atividades em que penetrara: «A Revista cresce e engorda como bananeira, e a secção das edições toma corpo. Ontem saiu o romance do Lima Barreto; sai hoje o primeiro da série Martim Francisco. — E quantos na bica! O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias especializadas na fatura de livros. Talvez o número de março já seja feito em casa. Também iniciámos a importação de papel. Ontem chegou de Santos uma partida de 40 toneladas. Já meço literatura às toneladas. Há mil coisas a atender e o tempo voa e não dou conta do serviço. Ah, os belos dias contemplativos da fazenda!»

Os dias contemplativos da fazenda não voltariam nunca mais na vida de Lobato. Logo em seguida, como os negócios crescessem, o escritor teve de transformar-se em firma comercial, e apareceu como Monteiro Lobato & Cia., associado a um jovem de 18 anos — Octalles Marcondes Ferreira. A história dessa firma já foi por nós contada no prefácio de «Urupês»: — Afim de atender ao vertiginoso aceleramento de seu ritmo editorial, a companhia transformou-se em sociedade anônima, montou enormes oficinas, introduziu em São Paulo os primeiros monotipos, e depois de publicar centenas de obras e criar venda de livros em 1.200 localidades do Brasil, entrou em liquidação em consequência da sêca de 1925 e da incapacidade da Light de fornecer a energia elétrica necessária para mover a imensa maquinária gráfica que a empresa acabava de montar — máquinas adquiridas a crédito e calculadas de modo a se pagarem em 3 anos com o produto do próprio trabalho. Aquela súbita falta de energia, que durou quase um ano, veiu transtornar todos os cálculos. Lobato e Octalles resolveram requerar a falência da companhia e recomeçar a vida nas mesmas linhas. E ao lado da emprêsa que entrara em liquidação, surgiu humilde, mas riquíssima de vitalidade, a Companhia Editora Nacional, destinada a crescer incessantemente e tornar-se a maior do Brasil e uma das grandes da América do Sul.

Mas o golpe que o desastre da sua primeira emprêsa desferiu no coração de Lobato foi muito forte. Chegou a fazê-lo mudar de cidade — transferiu-se para o Rio, e depois mudou-se de país, indo para os Estados Unidos em 1927. Só quatro anos mais tarde, ao regressar ao Brasil, reaparece em cena o nome de Monteiro Lobato — mas o homem era outro. A literatura antiga — a arte-pela-arte não o seduz mais, e só na literatura infantil é que, daí em diante, êle iria ainda exibir as suas excepcionais qualidades de ficcionista.

Durante a sua longa permanência nos Estados Unidos, operara-se realmente uma grande transformação no espírito de Lobato. Diz Caio Prado Junior, no estudo já citado, que «o espetáculo da grandeza norte-americana fêz-lhe ver o que podia e devia ser um Brasil libertado de suas duras contingências materiais. E pôs mãos à obra. Não se contentou, como simples escritor, em estudar o caso brasileiro e propor remédios. Torna-se capitão de indústria. Consulta técnicos, convoca engenheiros, reune capitais e lança-se nesta grande tarefa de descobrir o petróleo brasileiro. Não idealizou o assunto, não colocou o problema em termos abstratos ou teóricos, o seu pensamento não ficou pairando no mundo dos sonhos e dos projetos e prédicas. Transformou-se em ação; e seu ideal de melhorar a sorte do povo brasileiro, de regenerar o seu Jéca Tatú, materializou-se num negócio de grandes perspectivas e amplas possibilidades».

A longa história da luta de Lobato pelo petróleo nacional vem contada em seu livro «O Escândalo do Petróleo», o mais terrível libelo até hoje escrito contra o imperialismo e seus agentes incrustados em nosso govêrno. E' nesse livro que pela primeira vez se denuncia, com provas documentais, o acapararamento das nossas terras petrolíferas e o vasto plano de sabotagem realizados pelo trust da Standard Oil, — por êsse mesmo trust que hoje, não tendo mais interêsse em negar a existência do petróleo brasileiro, mas sim em explorá-lo imediatamente, manobra no sentido de fazer com que seja aprovado pelo nosso parlamento um «Estatuto» entreguista, cuja única finalidade é servir de disfarce legal e jurídico a mais uma de suas investidas contra os interêsses econômicos da nossa pátria.

Lobato lutou com tôdas as suas fôrças contra o trust da Standard e corajosamente denunciou todas as manobras do capital colonizador, que visavam manter o nosso país dentro dos cíngulos asfixiantes de uma economia de base latifundiária e de estrutura semi-feudal. Logo de início, teve êle a compreensão nítida do significado de sua campanha no quadro da evolução econômico-social da nossa nacionalidade, e, com sua inteligência e combatividade, conseguiu transformá-la, de simples anseio inicial pela realização de um empreendimento capitalista, num movimento de extensão nacional, que desempenhou no seu tempo, juntamente com a campanha da Aliança Nacional Libertadora, liderada por Prestes, uma indiscutível função educativa e politizadora junto às mais amplas camadas da nossa população. Podemos dizer que foi através dos comícios da A.N.L. e dos paníletos e da pregação de Lobato em defesa do petróleo nacional que o povo brasileiro travou conhecimento com os problemas básicos da nossa economia e compreendeu a necessidade de manter uma posição de luta firme e corajosa frente às ameaças imperialistas.

Monteiro Lobato deu dez anos de sua vida à campanha do petróleo nacional. Nessa gloriosa luta, enfrentou perigos e fêz sacrifícios tremendos. Com a saúde já abalada, atravessava noites escrevendo cartas, artigos e prospectos de divulgação e propaganda e empreendia fatigantes viagens por todo o Brasil, afim de pregar o evangelho da nossa libertação econômica. Saúde, dinheiro, descanso — tudo Lobato sacrificou generosamente durante o que êle pitorescamente chamava a sua «febre petrolífera» — estranha febre que ao invés de levar o doente ao delírio, deu-lhe a lucidez necessária para compreender as linhas mestras da nossa revolução agrária e anti-imperialista. O entusiasmo de Lobato pelo petróleo era tão grande que êle chegou a estudar e aprender tôda a técnica da extração do ouro negro só para poder acompanhar a marcha dos trabalhos junto aos poços que suas companhias perfuravam.

Em 1941, os belenguis do Estado Novo, para fazerem calar a sua voz, não vacilaram em lançar no cárcere o escritor de renome internacional, já sexagenário e doente, cujo único crime era o de estar lutando contra a Standard Oil e seus agentes. Lobato saiu da cadeia com a saúde irremediávelmente comprometida. Saiu esmagado, arrazado — mas vencedor. O que êle semeou está germinando e será árvore um dia e nesse dia o Brasil compreenderá a grande luta de Lobato e o valor de seu sacrifício.

Mas Lobato não se limitou a defender o petróleo nacional. Ao voltar dos Estados Unidos, trouxe na sua vasta bagagem de experiência uma fórmula que, a seu ver, resolveria o problema do ferro no Brasil. Foi êle entre nós o divulgador e o defensor mais ardoroso do processo Smith, da redução do óxido de ferro em baixa temperatura. O livro «Ferro», em que aparecem reunidos os seus artigos publicados no «O Estado de São Paulo», em 1931, foi considerado pelos técnicos como uma

valiosa contribuição ao estudo do nosso problema siderúrgico e serviu de incentivo à formação de diversas emprêsas que até hoje empregam o processo preconizado por Monteiro Lobato.

E' interessante notar que Lobato sempre teve a sua vida ligada a empreendimentos industriais de grande alcance econômico e social e que, na sua época, constituiram verdadeiras obras de pionerismo. Foi êle, como já vimos, quem criou em bases sólidas e amplas a nossa indústria do livro. Foi êle o organizador das nossas primeiras emprêsas petróliferas e o primeiro dos nossos industriais a entrar em luta aberta contra o capital monopolizador estrangeiro. Foi êle, ainda, quem mais entusiasticamente agitou em nosso meio o problema da siderurgia. Lobato sempre sonhou com um Brasil industrializado e progressista, livre de todos os resquícios feudais que entravam o seu desenvolvimento, e ninguém fêz mais do que êle, quer como intelectual ou homem de negócios, para transformar êsse sonho em realidade.

* * *

A fase mais trágica e difícil da vida de Monteiro Lobato é a que vai de 1941 a 1945. E' nesse período que êle sofre a perda de seu filho Edgard, moço talentoso e empreendedor, que já se revelava um digno continuador da obra do pai, tanto nas letras como na vida de negócios. E' também nessa época que se vê obrigado a acompanhar, numa revolta surda, o enervante processo de liquidação das companhias que havia fundado com tantos sacrifícios e que ficaram impossibilitadas de viver diante da sistemática campanha de sabotagem organizada pelo trust da Standard. Fôram anos de amargura e sofrimento que teriam obrigado qualquer outro lutador de têmpera menos rija a ensarilhar definitivamente as armas.

Mas o que mais torturou o escritor nesses anos foi, sem dúvida, a axfixiante atmosfera criada pelo Estado Novo em nossa pátria. O homem que sentia uma necessidade fisiológica de dizer sem rebuços tôdas as verdades, o panfletário que de há muito transformara a sua pena na mais agressiva e eficiente arma de combate, não podia de maneira alguma adaptar-se ou conformar-se com a «nova ordem» implantada pela ditadura. Enquanto muitos dos nossos intelectuais dobravam a cerviz e procuravam se encangar ao carro da ditadura, em troca de uma posição vantajosa em qualquer dos galhos de sua frondosa árvore burocrática, Monteiro Lobato, velho e doente, cujo silêncio o ditador quisera comprar com um ministério, continuava a desafiar a censura do D.I.P. com cartas e prefácios de ataque aos êrros e arbitrariedades dos sóbas do Estado Novo. Essas

cartas e prefácios, que circulavam clandestinamente, constituiram por largo tempo uma das únicas manifestações de pensamento livre no Brasil.

Isolado na sua posição de resistência, contando apenas com a solidariedade e o apôio de pouquíssimos amigos, Lobato deixa transparecer em todos os seus escritos daquele período, um profundo cepticismo com referência aos homens e às coisas brasileiras. Nem mesmo a comemoração de seu jubileu literário, em 1943, consegue despertar-lhe o entusiasmo e, a um reporter que o entrevista nessa ocasião, queixa-se amargamente: «Eu nasci para escrever o que penso; sou um escritor, portanto. Mas estou impossibilitado de exercitar essa função. Sinto em minha boca um grande batoque enfiado... Uma rolha... Sou um homem desempregado e sem função».

Impossibilitado de escrever livremente o que pensa, durante os negros anos da ditadura Lobato passa a dividir o seu tempo entre a literatura infantil e a tradução de obras estrangeiras, atividades que daí em diante iriam constituir a sua única fonte de renda. O escritor, que até então pouca importância costumava dar ao rendimento financeiro de seu trabalho intelectual, entusiasma-se ao verificar que pode viver exclusivamente dêle. Trabalha intensamente, e quando anos mais tarde, diante de sua espantosa produção, alguns corvejadores de escândalo lançam dúvidas sôbre a autenticidade da autoria de suas traduções, êle responde risonho: «Posso ensinar o meu método a êsses moços. A questão tôda é ir para a máquina de escrever logo que chega o leiteiro e não parar até a hora do almoço. Éles que experimentem...»

Lobato orgulhava-se da sua enorme capacidade de trabalho e todas as manhãs costumava marcar antecipadamente a tarefa que desejava cumprir: «Hoje -hei-de traduzir trinta páginas do «Kim», só para castigar o corpo...» e não parava antes de terminar o trabalho. Mesmo na época em que andou muito doente, com a capacidade respiratória diminuída e prêsa de terríveis acessos de tosse provados por um cisto pulmonar, o velho escritor nunca deixou de «castigar o corpo» para cumprir a sua tarefa diária. E anos mais tarde, quando os direitos autorais de suas inúmeras edições lhe permitiam viver comodamente, Lobato afirmava com alegria: «Eu que herdei muitas fazendas e casas, que perdi fortunas em companhias de petróleo e ferro, em casas editoras e fazendas de café, nunca vivi tão bem nem tive tanto lucro como agora que exploro únicamente o meu Sítio do Picapáu Amarelo...»

Numa terra como a nossa, em que muitos intelectuais ainda se contentam com o êxito fácil de uma primeira produção literária e consideram a publicação de um pálido caderno de versos como a melhor credencial e o caminho mais rápido para a obtenção de um cargo público, o velho escritor, que sentia orgulho de viver exclusivamente de sua pena e até o fim da vida procurava «castigar o corpo» num intenso trabalho intelectual, deve servir de exemplo e incentivo às novas gerações.

* * *

Mas chega finalmente 1945, ano que assinala uma completa modificação no panorama político nacional. Após a vitória militar das Nações Unidas contra o nazi-fascimo, o govêrno de Vargas, premido pela luta organizada do povo a favor da anistia e outras liberdades públicas, começa a ceder no terreno da Democracia. Concede o direito de livre manifestação de pensamento, o de reunião e associação, e o próprio direito de greve. Restabelece relações com os povos soviéticos, sanciona a lei eleitoral e concede a anistia aos presos políticos. Após nove anos de prisão, Prestes é pôsto em liberdade e, à frente de seu partido, vem para a praça pública, nos mais empolgantes comícios registrados em nossa história, conclamar o povo brasileiro a aprofundar as suas recentes conquistas democráticas, líquidar definitivamente o facismo em nosso meio e a enfrentar corajosamente os problemas sociais e econômicos que afligem a nossa pátria.

Lobato, que nessa ocasião se encontrava gravemente enfêrmo, é um dos primeiros intelectuais a atender o apêlo de Prestes. O oxigênio das primeiras liberdades conquistadas pelo nosso povo parece dar novas fôrças aos seus pulmões enfermos Renasce nêle o antigo entusiasmo e, no dia do histórico comício do Pacaembú, de seu leito de enfêrmo envia a Prestes uma mensagem de fé e esperança no futuro do nosso povo. Essa mensagem, juntamente com as páginas de «Zé Brasil», marca o ponto mais alto, a etapa definitiva da evolução política do velho mestre, e constitue a página mais eloquente e preciosa de todo o magnífico tesouro que Monteiro Lobato legou às gerações futuras:

«Tenho como dever saudar Luiz Carlos Prestes porque sinceramente vejo nele uma grande esperança para o Brasil. Vejo nele um homem nitidamente marcado pelo Destino. Vejo nele o único dos nossos homens que pelos seus atos e pelo amor ao próximo conseguiu elevar-se à altura de símbolo.

Símbolo do que? Duma mudança social. A nossa ordem social é um enorme canteiro em que as classes privilegiadas são as flores e a imensa massa da maioria é apenas o estêrco que engorda essas flores. Estêrco doloroso e gemebundo.

Nasci na classe privilegiada e nela vivi até hoje, mas o que vi de miséria silenciosa nos campos e cidades me força a repudiar

uma ordem social que está contente com isso e arma-se até com armas celestes contra qualquer mudança. A nossa ordem social me é pessoalmente muito agradável, mas eu penso em mim mesmo se acaso houvesse nascido estêrco. Essa visão da realidade bra-sileira sempre me preocupou e sempre me estragou a vida.

Nada mais lógico, pois, do que o meu grande interêsse pelo homem que não conheço mas acompanho desde os tempos em que com um punhado de loucos lutava contra todo o poder do governo.

E lutava por que? Com que fim? Pela conquista do poder? Fácil lhe seria isso, como foi para os outros companheiros que desandaram. Prestes não lutava por. Lutava contra. Contra que? Contra a nossa ordem social tão conformada com o sistema do mundo dividido em flôres e estêrco. E pelo fato de sonhar com a grande mudança foi condenado a trinta anos de prisão, como pelo fato de sonhar um sonho semelhante, Jesus foi condenado a morrer na tortura.

Os acontecimentos do mundo vieram libertar o nosso homemsímbolo e ei-lo hoje na mais alta posição a que um homem pode erguer-se num país. Ei-lo na posição da fôrça de amanhã. Na posição do homem que fatalmente será elevado ao poder e lá agirá para que o regime de flores e estêrco se transforme em algo mais equitativo e humano.

Todos nós, um país inteiro, esperamos em Luiz Carlos Prestes; esperamos nele tanto quanto desesperamos de outros cujos programas de govêrno botam acima de tudo a «manutenção da ordem», isto é, a conservação do sistema de flores e estêrco. E qualquer coisa no fundo da nossa intuição nos diz que Prestes não nos decepcionará, e que um dia o antigo Cavaleiro da Esperança se transformará no Realizador das Nossas Esperanças».

Infelizmente a saúde de Lobato agravou-se e não pôde êle, como desejava, tomar parte mais ativa no processo de redemocratização do país. Alguns dias após o comício do Pacaembú foi submetido a uma delicada operação cirúrgica e teve de declinar do convite, que antes aceitára, para concorrer à senatória federal sob a legenda do Partido Comunista do Brasil. Não fôra êsse motivo de fôrça maior e o povo brasileiro teria tido oportunidade de colocar na trincheira parlamentar, ao lado de Prestes, o seu mais querido e afamado escritor.

Lobato após a convalescença resolve fazer uma excursão à Argentina, não só para concretizar um velho sonho mas também para acompanhar o lançamento da edição de seus livros infantís por uma editôra portenha. Em companhia da espôsa e da sua filha Ruth, parte em juho de 46 para Buenos Aires e lá fixa residência.

Os primeiros mêses de Buenos Aires são de verdadeiro encantamento para Monteiro Lobato. O escritor transforma-se numa espécie de embaixador das crianças brasileiras junto à meninada argentina. Faz visitas a escolas, recebe comissões de crianças desejosas de conhecerem de perto o «pai» da Emília

e de Narizinho e, entre festas e afagos de crianças, Lobato passa dias agradabilíssimos. Seu interêsse converge novamente para os assuntos editoriais e chega mesmo a fundar, com Ramon Prieto e outros, uma nova casa editora — a Editorial Acteon. Mas pouco a pouco Lobato vai se cansando do ambiente e sentindo que não tem possibilidades de se radicar definitivamente nele. Planeja uma excursão ao Perú e escreve ao autor destas notas: «Vou-me para o Perú. Isto aquí, da mesma forma que aí, não tem profundidade. São dois países que começaram com a vinda do europeu. Mas o Perú já tinha mil metros de profundidade quando o europeu chegou. De modo que há lá uma superposição de civilizações e raças — coisa muito mais interessante que êste imagracionismo daquí e daí». E repete em outra carta: «Nestes três mêses vou-me ao Perú, morar lá uns tempos, incar-me, lhamar-me, guanacar-me, chinchilar-me, etc. e escrever meu maior livro: minha pandilha lá do sítio afunda no Perú de Atahualpa e assiste ao drama da conquista pelos facinorosos Pizarro e Almagro, os nazistas da época».

Mas as duas maiores preocupações de Lobato, durante a sua permanência na Argentina, preocupações que transparececem em toda a longa correspondência que com êle mantivemos nessa época, são, sem dúvida, o seu desejo de reiniciar uma vida de trabalho intenso e o seu interêsse pela situação política e econômica do Brasil. Essas duas preocupações, que seriam o motivo propulsor de seu retôrno à pátria, aparecem nitidamente refletidas na carta de 21-2-47, escrita logo após a vitória eleitoral dos comunistas em São Paulo: «Quero voltar para ver os sinais da derrota em certas caras, e acompanhar de perto o que vai vir — e vai vir coisa brava. Os privilégios se defendem, e enquanto os privilegiados não fôrem destruídos, todas as vitórias perigam. Tenho medo de tôdas as reações inspiradas pelo padre e o militar, e financiadas pelos que se beneficiam de uma situação que cada vez mais lhes enche as contas no banco». E mais adiante: «Minha situação pessoal é a dum sujeito que sempre trabalhou e agora está há quase um ano out of job. Sinto-me na rua, desempregado, sem ter o que fazer e com grandes saudades do trabalho. Sempre foi minha pinga o trabalho; nele me absorvia e esquecia os males da vida, como acontece com os bebedos. Suportei a doença e a morte dos meus dois filhos à fôrça de trabalho — nunca produzi tanto como nesse período trágico da minha vida. E hoje, aquí, a ver manifestações ao Peron, a tomar copetins nas mesas de calçada da Avenida de Mayo e a não cultivar mais o meu vício! Largar de trabalhar é o mesmo que para o fumante largar de fumar. Conduz ao suicídio!»

O interêsse de Lobato pela política nacional, e principalmente pela política dos comunistas brasileiros, era tão grande que, ainda com referência às vitórias eleitorais de janeiro de 47, êle resolve escrever a Prestes uma longa carta de parabens, infelizmente pouco divulgada em nosso país. Essa carta, de 2 de fevereiro de 47, tem o seguinte teor:

«Meu caro Capitão Prestes:

Permita que me dirija ao grande chefe com a mesma simplicidade com que a êle me dirigia quando cá esteve exilado, ao tempo da perseguição. Nunca tivemos (nem espero que tenhamos) ensejo de conversar de espacio como duas simples criaturas humanas capazes de idealismo. Mas estou perto do fim e não quero ir-me sem falar de coração aberto com um dos homens mais decentes com que me encontrei na vida e o mais corajoso de todos.

Quando depois de oito anos de incomunicabilidade carcerária o amigo saiu e, dentro da apoteose com que o recebemos cometeu o êrro de aceitar Getúlio — malandro que realizou a mais enervante e cansativa ditadura da América — um véu de melancolia desceu sobre todos os corações sinceros. E eu, mero contemplador da vida, estranhei que o grande general brasileiro, «o único que mesmo nú continuava general», cometesse na política um semelhante êrro estratégico. Tomar em consideração uma fruta bichada e já em inicio de apodrecimento, foi fato que a mim mesmo só pude explicar como a momentanea cegueira dum enterrado vivo que súbito emerge da escuridão para a plena luz do sol. Mas fiquei na dúvida. Ter-me-ia iludido com o meu herói? Seria um estrategista apenas no campo militar?

As águas correm. O incidente «Brasil-Rússia» sobrevem e Prestes se afirma como um homem de coragem sobrehumana. Ainda ontem, recordando em conversa com Roger Pla a façanha, escabichamos na história um exemplo de coragem moral daquele vulto — e não o encontramos... Entre manter-se fiel a si mesmo e cortejar a avalanche esmagadora que podia desabar sobre êle, Prestes não vacilou, a avalanche despeja — mas vai pelo caminho se transformando em espanto e admiração. E Prestes emerge do incidente maior do que nunca.

As águas continuam a correr. Chega o dia das novas eleições. Até o céu e o inferno são mobilizados pelos cardeais contra os seguidores de Prestes — mas o antigo estrategista militar se revela estrategista político de igual valor, e vence. E conquista uma vitória tríplice: 1) enterra o ditador que tentava ressuscitar, 2) dá xeque-mate na intromissão do clero na política e 3) desvanece para sempre o fantasma do P.R.P.

Minha velha admiração por Prestes ressurge — aumentada. Era bem o homem que eu queria. De coragem moral absoluta e capaz na política de vencer o número por meio de hábeis golpes estratégicos. Sinto-me hoje grandemente feliz com a volta de meu ídolo ao velho nicho; e mais feliz ainda me sentirei, se o grande líder der apôio ao Adhemar para a implantação em São Paulo das idéias de Henry George — essa indispensável ponte de transição para futuros avanços ideológicos como os sonham os comunistas.

Eis explicado, meu caro capitão, o motivo desta carta e do abraço de parabens que aquí dêste repouso manda o seu amigo».

MONTEIRO LOBATO (*)

(*) Foi a seguinte a resposta do senador Prestes ao grande escritor:

«Prezado amigo Monteiro Lobato

Sua carta de 2 do corrente trouxe-me grande satisfação, não só pelo carinho e bondade de suas expressões, como também pela explicação que me dá de atitude sua para conosco — pobres políticos de carne e osso, que nem sempre podem fazer o que desejariam seus impulsos e sentimentos pessoais, obrigados que somos por convicção, profunda e científica, de que muito acima de nossos sentimentos e paixões estão os interêsses do proletariado, da classe històricamente destinada a enterrar para todo o sempre esta fase da pre-história da humanidade em que vivemos, da exploração do homem pelo homem.

Compreendo, agora, que não foi pròpriamente por culpa nossa que você nos abandonou e folgo imensamente por vê-lo a nos aplaudir num momento como êste, em que tão necessária para prosseguirmos vencendo os obstáculos que se sucedem em nossa marcha é o seu aplauso de patriota sincero, de homem independente e de artista de verdade.

Suas palavras sobre o que denomina de incidente «Brasil-Rússia», sôbre a nossa posição diante da guerra imperialista, servirão — e muito — para desmascarar os lacaios do imperialismo aquí em nossa terra, e ajudarão, sem dúvida, aos intelctuais honestos, mas em geral ainda tão atrazados e equivocados, a encontrar o verdadeiro caminho do patriotismo, o caminho de Lenine, de Barbusse e Romain Rolland.

Quanto às idéias de Henry George, que lhe poderei dizer? Será melhor esperarmos pelo encontro em que possamos «conversar de espacio como duas criaturas...» Afirmo-lhe somente que apoiaremos com entusiasmo tôdas as medidas efetivamente progressistas que venham a ser tomadas pelo sr. Adhemar de Barros no Governo de São Paulo. Se entre elas estiver a implantação das idéias de Henry George, tanto melhor, porque será satisfeito o seu apêlo.

Assusta-me somente essa situação de ídolo, e que se prolongue por muito tempo a residência incômoda no nicho a que me destina...

Creia-me grato e receba o abraço, de quem faz votos pela sua saúde e espera seu pronto regresso».

Lobato regressa da Argentina em junho de 47, e logo no seu primeiro dia em São Paulo, percebe que a burguesia paulista, através da sua «imprensa sadia», havia tomado posição contra o escritor que radicalizara a sua ideologia política no campo do socialismo e passara a atuar decididamente ao lado do povo e do proletariado. Os mesmos jornais que anos antes se valiam do prestígio de seu nome e do brilho de sua colaboração literária recusaram-se a publicar a entrevista que êle concedeu momentos após a sua chegada e na qual não deixava dúvidas sôbre a sua posição política. Daí em diante, as manifestações políticas do escritor, antes cortejado por tôda a imprensa brasileira, passam a sofrer verdadeiro boicote, e só conseguem chegar ao público através das «secções livres» dos jornais ou de folhetos e impressos custeados por êle mesmo ou por seus companheiros de ideal. Monteiro Lobato continúa a sentir na boca o batoque da censura, que desta vez não lhe é imposta pelo D.I.P. ditatorial, mas pelos diretores e secretários dos jornais da «imprensa sadia».

Mas o velho escritor sabe que a luta está declarada e não recúa. Pelo contrário. Avança sempre no caminho do socialismo e é nesse último ano de sua vida que consegue atingir o espigão da sua constante evolução ideológica e encontrar solução para o problema que sempre o preocupou e foi o fulcro de tôda a sua obra — o problema econômico e social do nosso homem da roça. Em «Zé Brasil» Lobato atina finalmente com a verdadeira linha a seguir e, abandonando as sinuosidades das «soluções indiretas» e das fórmulas paliativas, ataca de frente o monopólio da terra e declara guerra de morte aos Tatuíras latifundiários. Honestamente reconhece êle a justeza da linha de Prestes e dos comunistas e, inteiramente convencido da mesma, transforma as vinte páginas dêsse admirável folheto, não num simples levantamento de causas e efeitos, mas num claro e objetivo programa de luta capaz de rehabilitar o seu Jéca Tatú e fazer com que «tudo comece a mudar, e em vez da felicidade ficar só com as centenas, passe a ser também dos milhões». Como bem salientou Pedro Pomar, «a evolução do Jéca Tatú para o Zé Brasil tem um profundo significado na obra de Lobato e tôda a fôrça dos Tatuíras do mundo inteiro não seria capaz de esconder êsse grande fato da vida de Monteiro Lobato».

Poucas semanas antes de sua morte, quando os parlamentares comunistas são presos por terem assinado um manifesto em defesa da autonomia de São Paulo, Lobato é o primeiro intelectual a levantar a sua voz de protesto contra essa vergonhosa arbitrariedade. Em carta a Caio Prado Junior, que só pôde ser transcrita como matéria-paga nos principais jornais de São Paulo e do Rio, o escritor dá uma lição de coragem e combatividade a todos aqueles que se amedrontam diante da reação: «Cada ato teu o eleva mais — e agora vem a maravilha da prisão: prêso por ser digno, sincero, honesto nesta hora de deshonestidade, corajoso neste tempo de covardes, limpo neste século de sujeiras. Prêso porque teve a coragem de assinar o mais belo dos manifestos! Que maravilha, que honra, que glória! Eu aquí da minha insignificância, Caio, te beijo as mãos comovido — como se beijasse a mão da própria dignidade humana personalizada». Esta comovente carta de solidariedade aos parlamentares comunistas foi a última afirmação política saída da pena de Monteiro Lobato.

* * *

Alguns dias depois Lobato vê agravado o seu estado de saúde e passa a ficar sob permanentes cuidados médicos. A doença não consegue, entretanto, alterar a lucidez de seu espírito, nem diminuir a sua alegria de viver. O seu único aborrecimento vem da inatividade forçada. Aquele trabalhador infatigável, que passara a vida castigando o corpo em duros trabalhos, não se conforma com esperar a morte de braços cruzados. Quer trabalhar, rever provas de seus livros infantís, receber e fazer visitas. Sua sala continua cheia de amigos e admiradores que o procuram em busca de conselhos ou de dois dedos de prosa agradável. Quase nada é alterado na rotina da vida simples e feliz de seu lar até que inesperadamente sobrevemlhe um espasmo vascular, de graves consequências. Lobato fica impossibilitado de ler e escrever, mas mesmo assim não perde o ânimo e o bom humor e continúa a demonstrar interêsse por tudo que o rodeia. Tôdas as manhãs pedia êle a d. Purezinha, a sua boa e corajosa companheira de tantos anos, que lêsse em voz alta o noticiário político dos jornais, pois queria saber como as «coisas iam no mundo». E essas coisas que êle tanto queria saber eram sempre da mesma natureza: se a campanha de Henry Wallace estava ganhando terreno, se os guerrilheiros de Markos haviam obtido alguma nova vitória, se os russos continuavam firmes em Berlim... As notícias que assinalavam avanços das idéias socialistas enchiam de alegria os últimos dias do escritor, que sempre lutou por um mundo livre e melhor.

A morte veiu buscar Lobato na fria madrugada de 4 de julho de 1948. Com o seu desaparecimento, o povo brasileiro perdeu não só o seu maior e mais querido escritor, como o arauto mais eloquente e um dos militantes mais combativos da nossa revolução agrária e anti-imperialista.

Monteiro Lobato

CAIO PRADO JUNIOR

Monteiro Lobato escritor, Monteiro Lobato pensador, Monteiro Lobato empreendedor e realizador: sob qualquer dêsses aspéctos, o grande morto apresenta facetas inúmeras que merecem, como têm merecido, análise e a justa homenagem que todos lhe tributam. Mas há ainda mais em Monteiro Lobato, alguma coisa que o sintetiza melhor que outro traço qualquer de sua invulgar e tão rica personalidade: refiro-me a Monteiro Lobato homem de carater. E com isso não pretendo apenas prestar-lhe minha homenagem, mas também, para edificação de todos nós, destacar o que de mais precioso, a meu ver, êle deixou em seu acervo para a posteridade: o exemplo magnífico de uma inflexibilidade de ação e pensamento que encontra muito poucos paralelos. Exemplo inestimavel, porque muito necessitamos dêle.

Compare-se Monteiro Lobato com os homens de sua geração, com seus amigos e companheiros de jornada literária. Contem-se nos dedos aqueles que, no momento das grandes definições, sobrenadaram nesse oceano de transigências e acomodações que nos cerca, e em que o Brasil se afoga nos nossos dias: os dedos de uma só mão seriam demais. Desapareceram todos, sumiram; ou antes, aparecem talvez ainda, mas à custa do prêmio que lhes valeram suas concessões. São os peixes daquele oceano. Alguns pequeninos, sardinhas humildes à cata de iscas microscópicas; outros monstruosos, tubarões e baleias rechonchudas passeando sua importância havida à custa quem sabe de quantos «arranjos».

Ter-lhes-ia faltado o talento de Monteiro Lobato? Seria uma interessante tese de psicologia essa de explicar o aviltamento intelectual por uma insuficiência de talento a ser suprida com outros elementos. Tal insuficiência seria então uma causa. Eu diria antes que é efeito. Não é sem riscos, e tão pouco sem consequências graves, que um homem de pensamento malbarata o que de mais precioso êle tem, e que é precisamente êsse pensamento; que lhe retira o fio cortante, que o embota com concessões de tôda ordem. Cada transigência, tôda acomodação de ordem financeira, social ou outra qualquer, representa

uma amputação do espírito; não há talento, não há inteligência por mais vigorosa que seja, capazes de resistir muito tempo a uma tal mutilação continuada e sistemática das fontes vivas da inspiração e da produção intelectual.

Mas por que ocuparmo-nos com essas múmias que são hoje quasi todos os antigos companheiros de Monteiro Lobato, e que mesmo quando vivas, há muito já se enterraram? Não é por elas que as referi aqui. Foi apenas para ressaltar a personalidade do grande morto, e pôr um relêvo o que nessa personalidade mais contribuiu para seu brilho invulgar e sua magnífica trajetória pela vida. E foi também para com êsse contraste tão chocante, recolher o que afirmei acima ter sido o seu mais precioso legado.

O carater de Monteiro Lobato! Quantos não precisariam hoje inspirar-se nesse exemplo, não apenas em benefício próprio (isso é assunto íntimo que a cada um pertence), mas para o bem do nosso país e da comunidade dos brasileiros. Tives-sem-no sempre os intelectuais brasileiros frente aos olhos, e não assistiriamos por certo ao triste espetáculo que é quase a regra, na grande maioria deles, de talentos e inteligências esterilizados pela preocupação de resguardar pequeninos interêsses e meúdas ambições.

Procure-se hoje, nos grandes embates da opinião brasileira, na discussão dos problemas fundamentais da nossa nacionalidade, a posição e a participação dos chamados intelectuais brasileiros, com tão poucas e honrosas exceções. Não as descobrimos. Está claro que não me refiro àqueles que se passam francamente, de armas e bagagens, para o campo da traíção dos interesses do povo de nosso país. Falo daqueles (felizmente ainda a maioria) que, honra lhes seja feita, conservam o suficiente de dignidade para recuar diante do último passo da capitulação que ainda lhes custa dar. Sua capitulação toma outro aspécto: o da dissimulação. Fecham os olhos, recusam-se, sob os mais variados e fúteis pretextos, a encarar a realidade que os cerca. Encerram-se numa torre de marfim onde não lhes chega o vozerio da rua, o palpitar da conturbada vida em que hoje mergulhamos.

Observe-se o que se passa. O Brasil, como aliás o mundo, atravessa um desses momentos culminantes na evolução da humanidade em que se jogam os destinos de todos os homens. Que papel estão representando nossos intelectuais nesse embate tremendo do qual sairá um futuro de duração imprevisível? Que fazem eles que deveriam ser os guias e conselheiros do momento, que deveriam iluminar com seu pensamento e suas idéias a difícil jornada em que estamos empenhados? Discutem psicanalise aplicada aos aborígenas da Oceânia e outros assuntos

de igual importância para o bem estar da humanidade. Divagam em torno de temas literários e estéticos e de exdrúxulos problemas filosóficos. Em nome de não sei que «pensamento puro», fogem do concreto e se conservam, em qualquer assunto, nos dominios supra-sensíveis das teses e abstrações. Na realidade, estão-se escondendo da vida e do mundo, refugiando-se lá onde não correm, ou pensam não correr o mínimo risco. Mas porisso também se esterilizam. E talvez eles mesmos muitas vezes não o percebam. Nunca abundaram tanto entre nós, como agora, assuntos dos mais estranhos, de nomes complicados, e desenvolvidos numa fraseologia de desesperar o mais complicado professor germânico. Um observador desprevenido e ingênuo verá nisso um índice incontestável de progresso cultural. Nada disso, mesmo porque não se trata senão de repetições, de jogo de palavras com idéias emprestadas; de uma pseudociência de segunda quando não de terceira ou quarta mão. E' «prudência», é busca de segurança (ou o que se julga ser segurança) numa época de insegurança geral.

E porisso é tão importante relembrar homens como Monteiro Lobato que nunca se preocuparam com essa «segurança»; que sempre olharam de frente para o mundo e a vida. Enfermo, no limiar da morte que logo o colheria, Monteiro Lobato, contando já embora com toda uma existência de lutas, ainda não esmorecêra, ainda procurava aperfeiçoar e completar sua obra. Criador imortal de Jéca Tatú, dá aos brasileiros mais essa outra figura simbólica do nosso camponês: Zé Brasil. E fe-lo, sabendo que o fazia, à custa de mais odios, mais vindictas e perseguições. Um dos pioneiros da campanha do petróleo, a que já dedicara alguns dos melhores anos de sua vida, retorna à luta quando soa a hora decisiva do grande embate, decidido como sempre, e arrostando mais uma vez as iras do que existe de mais poderoso no Brasil e no mundo. Batalhador incançável em todas as causas em que se jogaram interesses de nosso país, arrosta novos riscos para trazer sua generosa solidariedade e conforto moral a vitimas da reação policial que outros, com mais responsabilidade e obrigações, preferiram tolerar. A Monteiro Lobato pouco importavam as consequências desses gestos; tornavam-se nele irreprimiveis e quasi automáticos sob o estímulo de um caráter que não conhecia desfalecimentos.

Esse foi Monteiro Lobato. Esqueça-se o Brasil de sua obra literaria; seria um terro imperdoavel; seria um vácuo, impossivel de preencher, no que de mais precioso existe em nosso patrimonio cultural. Mas não se esqueça nunca daquilo que Monteiro Lobato deixou de totalmente insubstituível: o exemplo de seu caráter.

Canto de amor para Monteiro Lobato

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

Foi na indecisa luz da madrugada que o escuro silencio da morte golpeou a tua fronte golpeada. Foi no instante da Aurora, quando milhões de Zés Brasil vão para o eito que a tua grande voz emudeceu para sempre. Aí! bôca sem palavras! Aí! amarga desventura! Aí! coração de cardo e pedras! Aí! desfeita esperança que não podes exprimir êste duro grito, êste espanto esta angustia, esta mágua!

A noticia brutal agrediu a Cidade

— imenso «Taquaral» dos teus protestos! —
e os «Tatuiras» telegrafaram para Wall Street
mandando a bôa nova:
«Lobato — o Lutador — acaba de morrer».
Em resposta, veio uma ordem:
«Verifiquem se êle morreu completamente.
Qualquer engano será funesto».
E vieram três corvos negros
policiar o teu pequeno cadaver de gigante:

farejaram os teus despojos, contemplaram a tua face altiva e livre, tocaram em tuas mãos de honesto lutador — estavas morto. Os «Tatuiras» e seus patrões estão felizes! Dormes na paz do sono que te multiplica: o generoso coração não luta mais por nós! Descansa, lidador! Descansa, camarada! Tu não foste jamais como esses candidos literatos de aluguel, sempre covardes e neutros diante de qualquer crime esses que serão perseguidos no Inferno pelo negro bando de vespas do Alighieri! Descança, companheiro fraterno! Nós te juramos que a luta continua, até que a Pátria seja livre, até que a Pátria seja nossa! Da terra ha de jorrar o «ouro negro» dos teus sonhos, não para nutrir a riqueza dos ricos, mas sim, para dar pão ao povo do Brasil! Descansa, meu camarada! Em torno do teu cadaver milhões de brasileiros se unem para lutar e vencer! Descansa, lutador! Perdôa as palavras de fél que amargam minha bôca nesta hora propicia em que nós te plantamos, oh! viva e fecunda Semente!

Lobato Panfletista

AFONSO SCHMIDT

A primeira vez que lí êsse nome foi alí por 1904, nos primeiros dias do Conservatório Dramático e Musical. Os alunos de Gomes Cardim, Wenceslau de Queiroz e Hipólito da Silva publicavam um jornalzinho, «O Prelúdio», com belas páginas de prosa e verso. No exemplar que me caíu nas mãos encontrei o conto «Gens ennuyeux» assinado por um certo Monteiro Lobato que, segundo me informaram, era estudante da Academia.

Foi uma revelação para mim. O rapaz, com exagerada sisudês, em linguagem viva, cheia de novidade, descrevia uma daquelas conferências científicas que estavam em voga, assistida por senhoras e cavalheiros da sociedade. O conferencista espraiava-se em considerações eruditas sôbre a formação da terra. A assistência esforçava-se por acompanhá-lo. Já no fim, o sábio tomou de uma pedra como qualquer outra, explicou que aquilo era o gneis de que tanto falara e entregou-o a um cavalheiro. Este sopesou-o, cheirou-o, venerou-o e passou-o ao ouvinte que lhe ficava mais próximo. Durante dez minutos, o calhau escuro andou de mão em mão. A descrição das reações que ia causando de pessoa para pessoa é uma maravilha. Quando chegou a duas senhoras, vestidas de veludo, com chapeus de altas plumas, elas seguraram o estranho objeto com as pontinhas dos dedos e uma disse à outra:

— Está vendo, Nhanhã? Isto é o gneis!

A companheira boquiabriu-se:

— O gneis! Quem havia de dizer, não?

Estava feita a crítica — sutil mas ferina — da brilhante sociedade daqueles dias.

Tempo decorrido, o nome de Monteiro Lobato voltou a aparecer, despertando curiosidade nas pessoas que o liam. Contaram-me que êle, já diplomado pela Academia, tinha partido para Taubaté, sua terra, e continuava a escrever para jornais e revistas. A verdade é que lá chegando Monteiro Lobato entrou logo em conflito com a pasmaceira local e o homem que encontrava na rua. Aquela vida morrinhenta, com seus tipos inde-

fectíveis, exacerbaram-no. Daudet, sentimental, escreveu as cartas do seu moinho; Lobato, panfletista, escreveu cartas íntimas a Godofredo Rangel. Da festa com rojões improvizada no dia em que chegou o «neto do Visconde» à sua escolha para jurado, da caça à Promotoria à sua iniciação na lavoura, ele se torna ainda mais inconformado, rebelde, por vêzes alarmante para os que o cercam. Lobato se revela palmatória do mundo. Não santa-luzia de mestre escola, mas reformador, autêntico reformador.

Até então, dedicara-se à leitura e à crítica dos grandes autores do mundo inteiro. Neste, sublinha belezas, nesse sugere reformas estilisticas, naquele condena de uma só penada dezenas de páginas que como se fossem de açucar se dissolvem ao violento esquicho do seu comentário. Enumera os motivos por que assim procede, com rigorosa lógica e alto senso estético. Dalí por diante, Lobato transfere-se do livro para a vida. Mas, no seu caso, não se realiza a profecia de Claudio Frolo: isto não matará aquilo. Pelo contrário. A vida para Lobato foi a alma da sua obra. Não sei de ninguem que, com tanta fidelidade, levasse o cotidiano para a literatura.

Quando chegou a Taubaté, e ainda nos primeiros tempos que lá esteve, poderia repetir o «estou ficando impresso», da personagem de Eça. Logo depois, no entanto, resvalou para a realidade, a pobre realidade de uma velha cidade do vale do Paraíba. Taubaté parecia, então, um livro de Daudet, de Camilo ou de Machado, mas um livro por escrever. Era preciso reformar tudo aquilo: os tipos, os costumes, os processos de trabalho. E Lobato possuia em alto gráu o senso da reforma. Onde caía seu olhar corrosivo, operava-se o fenómeno químico: o errado, o falho e o anacrónico se precipitavam e em seu lugar, veraz e lógico, surgia aquilo que deveria ser. Ele foi scempre, até os últimos dias, o conflito entre a rotina, a praxe, o estabelecido — e o que deveria ser, para bem da coletividade.

A primeira luta travou-a êle com a língua em que compunha as suas páginas. Por que motivo a gente havia de falar uma coisa e escrever outra? Ver mato e escrever bosque? Chamar cachorro e escrever cão? Daí surgiram seus primeiros escritos nos quais o leitor encontra expressões e até fórmas brasileiras, tão vivas e uteis, em substituição do que estava estabelecido, de pedra e cal, pelo Coruja e outros guardiões do idioma. Esse atrito permanente, que de dia para dia mais machucava seu espírito, tornou-se inflamação e veio a furo numa crise belissima. Foi quando ele, revoltado pelo processo brutal das queimadas, dirigiu longa carta ao «Estado de São Paulo», pedindo-lhe acolhida nas «Queixas e reclamações». Julio Mesquita leu-a e se maravilhou. Quem seria aquele bacharel per-

dido numa fazenda do vale do Paraíba que sabia tão bem ver e tão lindamente escrever? A carta não saiu como simples reclamação, mas como artigo de fundo do jornal que reunia as melhores penas do Brasil — a começar por Euclides da Cunha — e tinha a colaboração dos escritores mais conhecidos de Portugal, Espanha e França. Assim, começaram as relações de Monteiro Lobato com a grande imprensa da época.

O fato de êle tornar-se fazendeiro foi a melhor coisa que já aconteceu ao Brasil. Tenho a impressão de que a Justiça (a Justiça com letra grande) condoída das nossas misérias, conhecedora da moleza e da incapacidade dos governos, compreendendo que milhões de seres humanos estavam irremediavelmente votados ao analfabetismo, à doença e à miseria, perguntou aos botões da sua toga: como contar o que isto é? Como chamar a atenção do país, para tão agudos problemas? Como descobrirlhes solução adequada? E então, a Justiça debruçou-se sôbre o mapa do Brasil, deteve-se num recanto do município de Taubaté, à margeh do Paraíba, e elegeu Monteiro Lobato para a realização da grande obra. E esse homem foi dos poucos que, depois de eleitos, não se esqueceram das promessas feitas ao eleitorado. Ele foi, durante toda a existência, que se extendeu por sessenta e tantos anos, o melhor, o mais consciente, o mais honesto advogado dos interêsses do povo brasileiro.

De sua permanência na fazenda, em contato, algumas vêses em conflito com o caboclo, nasceu Jéca Tatú. Houve quem dissesse que Jéca Tatú era uma caricatura risível do nosso infeliz trabalhador agrícola. Mas quem disse isso? Certamente algum corifeu do porquemeufanismo oficial, para quem vivemos no melhor dos mundos, sob a proteção paternal do melhor dos governos. A personagem de Monteiro Lobato ecoou como um grito. Veio desdizer as patranhas que se ensinavam nas escolas, para cretinização nacional, e que os orgãos oficiosos de todas as situações políticas repetiam diariamente, para gáudio dos poucos felizardos que exploravam e exploram os muitos infelizes. A voz de Monteiro Lobato ergueu-se, única e potente, no concerto da burrice ou da esperteza da maioria, proclamando uma verdade tremenda: o Brasil dessora-se e morre comidop pelos vermes, sem qualquer amparo do poder público. Ruy Barbosa leu essa página da tribuna do Senado. O Brasil inteiro ouviu-a, admirou-a. Então, muitos proclamaram que Lobato era inimigo do nosso caboclo, etc. Sua resposta, porém, foi curta:

O Jéca não é assim: «está» assim.

Em abono dessa declaração em que se contem um protesto contra tantos anos de erros e de abandono, o escritor de Taubaté,

já então na Capital, primeiro em artigos depois em livros, foinos dando panfletos como «Problema Vital», «Mr. Slang e o Brasil», «Idéias de Jéca Tatú», «A onda verde», «O escândalo do petróleo», etc. Ao escrever, tinha sempre Jéca Tatú diante dos olhos. Primeiro, mostrou-lhe as mazelas e depois receitou-lhe os remédios. Tinhamos 25 milhões de habitantes dos quais 17 milhões de opilados. Para combater o ancilóstomo, o escritor pensou no calçado. Mas como Jéca Tatú poderia adquirir botinas não só para si, mas para a récua de filhos? Então, Monteiro Lobato teve de mergulhar no problema econômico, que é o pai de todos os outros.

Foi assim que ele, depois de trabalhar pelo abrasileiramento da língua e da arte a que servia, depois de discutir os processos rotineiros do trabalho nos sítios e sítiocas, como também nas fazendas, teve de discutir matéria até então pouco literária como por exemplo o fisco, ou o imposto territorial. Como se vê, Monteiro Lobato, interessando-se pelo caboclo abandonado, foi levado a estudar a sua situação econômica. Como consequência da preocupação econômica, passou para a preocupação política. Felizmente, porém, as possibilidades da sua inteligência eram inesgotáveis. Vimo-lo iniciar a campanha pelo voto secreto, afim de renovar a velharia que se revezava nas Câmaras. Do voto secreto passou para a defesa do nosso subsolo de cuja importância muitos brasileiros nem siquer suspeitavam. Publicou o «Escandalo do petróleo» e «O ferro». Ele mesmo, dando um exemplo que nem sempre foi seguido, sacrificou os haveres nessa campanha. E os seus livros, se não fizeram uma revolução, pelo menos desempenharam o papel de um punhado de sementes de catingueiro que o sitiante atira num carrascal. Ninguem mais sabe das sementes. No entanto, decorrido muito tempo, uma poeira verde começa a cobrir as pedras. Jéca, que é aquilo? Aquilo é o catingueiro que levou muito tempo para medrar mas acabou por tomar conta do terreno...

A insatisfação de Monteiro Lobato era alarmante. Ele surgiu num tempo em que o Brasil contava duas ou tres grandes editoras, apenas. Essas, dedicando-se aos livros didáticos, engordavam. Os escritores viviam na sua estrita dependência. Os maiores livros da nossa literatura não produziram o suficiênte para seus autores pagarem o almaço e a tinta Sardinha que neles empregaram. Ademais, para eles, literatura não chegava a ser negocio. As edições eram pequenas, mal distribuidas, estandartizadas Quando um livro conseguia exgotar-se, morria. Para que reimprimi-lo? Quem desejava ler, já tinha lido. Por isso, grandes obras atravessaram um tunel que durou mais de

cincoenta anos. Só resistiram os nomes que, de todo, não puderam ser esquecidos.

Então, Monteiro Lobato fez-se editor. Lobato editor era um pouquinho como Balzac negociante. Realizou o seu desejo com uma grandiosidade que o Brasil ainda não comportava financeiramente. Não ganhou nada com isso. Chegou mesmo a sacrificar recursos particulares. Mas sobre as ruínas da sua empreza editora nasceu uma flor desconhecida até aqueles dias: a certeza de que a terra de 1920 era ainda a terra de Pero Vaz Caminha: em se plantando dá. A experiência foi sabiamente aproveitada por homens que visavam apenas o progresso de suas emprezas e, desde aquela época, começaram a prosperar grandes e pequenas editoras que, valha a verdade, prestam serviços à dissiminação da cultura, encorajando escritores e levando suas obras aos pontos mais afastados do nosso território.

Tal iniciativa que veio democratizar o papel impresso em nosso país não foi realizada em silêncio. Monteiro Lobato levou-a a efeito como um professor amputa uma perna na mesa de operações da Faculdade: falando, escrevendo artigos e prefácios, esclarecendo os ouvintes. No caso, o doente morreu, mas o Brasil ficou sabendo como é que se realiza esse trabalho, de semear livros por 8 milhões de quilómetros quadrados de território. Semear livros... Livros, livros, a mão cheia... Mas, infelizmente o Brasil não sabia ler! O grande lutador coçou a cabeça e dirigiu-se às crianças. Era preciso despertar o seu interesse pela letra de fôrma.

Graças a Monteiro Lobato as crianças de hoje são mais felizes que as do seu tempo de menino. Nestes dias, muitos escritores empregam o melhor da sua inteligência a trabalhar para elas. As editoras, todos os anos que Deus dá, lançam no mercado avalanches de histórias infantís. Os mostruários das lojas estão sempre abarrotados de livros de figuras, cada qual mais bem escrito, mais bem ilustrado.

Mas no tempo de dantes não era assim. As primeiras obras desse gênero que por aqui apareceram ou eram muito caras ou muito baratas. Lembro-me dos contos de Perrault e Lebrun, em volumezinhos de meio palmo, a composição dentro de uma cercadura dourada, os «clichés» minúsculos impressos em tinta de côr. Custavam para o tempo uma fortuna. E das «Mil e uma noites», em formato grande, «in-quarto» como se dizia, ornadas com ilustrações a côres, mas em tinta inferior. Quando o volume ficava fechado por muito tempo, as estampas grudavam umas nas outras, que nem decalcomania. E se escarapelavam todas.

Mais tarde, como a procura dessas obras se tornasse animadora, surgiram as edições populares, a preços módicos. Não sei se nessa pobre bliblioteca eu deva incluir uns famosos «Testamentos» que inundaram São Paulo alí por 1902. O testamento da pulga, o testamento do rato, o testamento do galo... Caderninhos de 16 páginas, papel de jornal, com péssimo «cliché» no frontespício. Esse «cliché» era o mesmo com que alguns jornais, na seção correspondente, inculcavam palpites para o jogo do bicho. Tais folhetos eram escritos em versos de inspiração e fábrica mais que pobres. Como envergonhados, não contavam ao pequenino leitor o nome do poeta nem o endereço da tipografia. As crianças os colecionavam, em falta de melhor.

Mas, para falar verdade, nas livrarias já se encontravam trabalhos mais recomendáveis. Ainda me lembro de «O menino da mata e seu cão Piloto», «A Princeza Magalona», «A verdadeira história da Imperatriz Porcina», «et coetera». Eram também caderninhos improvisados no mesmo papel de imprensa, tipo miudo, cerrado, com capinha amarela ou verde... Nenhuma ilustração, nenhuma vinheta. Estou a ver «A Pequena Dot» e a «Verdadeira história de Santa Genoveva». Quasi sempre tais livrinhos eram de autores francêses, traduzidos e publicados em Portugal. Daí, uma certa diferença de linguagem que muito atrapalhava os pequenos leitores.

De noite, na mesa de jantar, à luz do lampeão belga que pendia do této, eram frequentes estas conversas:

- Papai, que quer dizer «palmatória»?
- Palmatória é um instrumento de madeira com que os mestres-escolas antigos davam «bolos» nas mãos das crianças vadias...
 - Mas, aqui não é isso...
 - O pai botava os óculos, lia o trecho, depois explicava:
- Neste caso, pelo assunto, deve ser castiçal. Parecido, não? Como um ovo com um espeto.

Meia hora depois, a criança interrompia novamente a leitura.

- Papai, que é «caçoula»?
- Caçoula, que eu saiba, é uma vasilha de cobre, de prata ou de ouro, onde se queima incenso...
 - Veja aqui na história; não deve ser isso.

O pai botava os óculos de novo e lia em voz alta: «O bicho de cozinha deitou agua fervente na caçoula atestada de beldroegas e, azinha, partiu na treita dos três mariolas...» Depois

de maturas sobre o caso o pai tentava o esclarecimento: — Caçoula deve ser panela... Parecido, não?

E a mãe, na ponta da mesa, interrompendo o crochê:

— A final, por que não traduzem essas histórias portuguêsas para as crianças brasileiras?

O conselho da prudente senhora foi ouvido. Um dia, sob bons auspícios, iniciou-se a nossa literatura infantil. Os trabalhos de Olavo Bilac, Julio Cesar e Francisca Julia da Silva, Coelho Neto, João do Rio, Viriato Correia e outros alcançaram êxito. Histórias originais ou de autores estrangeiros, publicadas na nossa linguagem. Começaram a aparecer as edições em bom papel, tipos grúdos, gravuras sugestivas. Aí estão, como testemunho. «Juca e Chico», «Era uma vês...» «João Felpudo», «Gaspar e a sopa», tantos outros livros para crianças. Alguns deles ainda perduram, pois são de fato interessantes.

Logo depois aconteceu Monteiro Lobato. Foi um achado. Ele contava histórias na língua da gente. E que lindas histórias! Umas divertidas, outras sizudas, todas úteis, todas instrutivas. Era o paníleto dirigido às crianças. Conseguiu falarlhes em petróleo, em ferro, em saneamento, em verminoses, em novos processos de trabalho agrícola. Deu-lhes primorosas lições de cousas, de assuntos históricos e artísticos. Nessas páginas, a cultura de Monteiro Lobato se revela imensa. E tudo mudou, para melhor. Daí para cá, com certeza, ainda haverá menino que não saiba na ocasião quem seja o Presidente da República, mas nenhum deles desconhece «O poço do Visconde», as aventuras de Emília ou as lições de Dona Benta.

A última geração, essa que anda pela Rua 15 de Novembro, com a pasta debaixo do braço, intimando de prática e eficiênte, foi educada por Dona Benta, brincou com o «Narizinho Arrebitado», nas maravilhosas ilustrações de Voltolino. Podese dizer que Monteiro Lobato, a par dos contos, romances e panfletos, criou a nossa literatura infantil. A nossa, não. A literatura infantil da América Latina. Basta lembrar que seus livros, devidamente traduzidos, são mais lidos na Argentina, no Uruguai, na Venezuela e no México do que, talvês, na sua própria terra. Como se vê, a obra esclarecedora, discutidora, panfletária de Monteiro Lobato ultrapassou nossas fronteiras, alcançou interesse continental. Ainda mais: a julgar pelo êxito de seus livros infantis ultimamente traduzidos na Itália e em outros países da Europa, tem repercussão no mundo inteiro.

A figura do escritor de Taubaté, que eu saiba, não encontra outra que se lhe compare não só no Brasil mas no Continente. Homem de letras, comentador de arte, de economia, de administração pública e de política, dispondo de profundos cabenistração.

dais filológicos, científicos e filosóficos, falando três ou quatro línguas com desembaraço, ele gastou meio século de atividade para pôr sua pátria em dia com o mundo. Fixou, comentou e corrigiu todos os aspetos fundamentais de nossa vida. Por esse motivo, sofreu perseguições, campanhas de descrédito e toda a sorte de restrições na divulgação do seu pensamento. Até mesmo a coação material , o exílio e o cárcere.

Tudo isso por quê? Porque muito amou o Brasil e seu povo, nas suas expressões mais delicadas, mais dignas de amparo: as crianças e os trabalhadores da roça. Quem estuda sua obra vê que ele foi unicamente panfletista. Começou pelo «Jéca Tatú», acabou pelo «Zé Brasil». Entre ambos, há um curso de evolução política que durou quarenta anos. Vai da simples constatação das nossas deficiências à proclamação formal da luta entre o latifundiário Tatuira e o coitado do Zé Brasil, descalço, sub-alimentado, opilado, analfabeto, sem vintem, sem um palmo de chão, sem direito e sem liberdade. Esse incrivel Zé Brasil que é perseguido e humilhado pelos Tatuiras nacionais e estrangeiros, pelos que o exploram, pelos que lhe arrebatam a terra, o ferro, o petróleo, o trabalho e tudo aquilo que é indiscutivelmente seu — mas que ele ainda não tem forças para defender.

O humor e a sátira em Monteiro Lobato

GALEÃO COUTINHO

Quando em nosso país um homem apresenta as singularidades que logo de inicio distinguiram o escritor Monteiro Lobato, os meios letrados entram em pânico à procura de uma palavra definidora. Enquanto não encontram essa palavra, não socegam.

O vocabulo garimpado no léxico, depois de um trabalho de todos os diabos, evita o esforço bem maior de estudar o homem, indagar de suas origens, formação social e intelectual, deduzir dos escritos aquilo que constitui a sua razão de ser, não se contentando apenas em mirar-lhes a arquitetura literaria, numa deleitação puramente estética.

Muitos anos se passaram antes que os nossos criticos pudessem fixar a personalidade de Monteiro Lobato nessa palavra definitiva, especie de alfinete com que se espetam as borboletas no mostruário dos entomologistas. Até que, um dia, ela surgiu. Foi um delirio. Estava decifrado o enigma.

- Monteiro Lobato é um cético!

Mas, em que sentido aparece aqui a palavra cético?

Abramos o dicionario de Aulete e vejamos o que é, em seu rigoroso sentido vernaculo, a palavra ceticismo: «Doutrina dos que examinam e duvidam, doutrina dos sofistas. Duvida universal; disposição para duvidar de tudo. (Por ext.) Estado dos que duvidam ou afetam duvidar de tudo; descrença; pirronismo». E, na palavra cético, o autor tem esta explicação muito oportuna, como os leitores hão de ver, para a bôa inteligência deste artigo: «Que descrê de tudo; que não liga importância a coisa alguma; que não crê nas coisas dignas de respeito».

Ora, toda a grita suscitada pelo aparecimento de «Urupês», ao ponto de um literatelho da época lançar um opusculo, achando que o caboclo do Norte é um desmentido à inercia deliquescente de Jéca Tatú, foi por haver Monteiro Lobato investido contra as «coisas dignas de respeito». Pois então o caboclismo não era uma «coisa digna de respeito?» Sim, o caboclismo erigira-se em dogma, em religião, satisfazendo triplicemente aos

anseios bovaristas da sociedade brasileira: a) afagava-lhe o orgulho racista, porquanto no caboclo se unem os dois sangue, indio e português, incontaminados pelo africano despresivel; b) o índio, por ser o nativo, cantado em prosa e verso pelos romanticos, simbolisa uma força contra o invasor, é o nosso heroico antepassado em viva oposição ao predomínio lusitano; e, finalmente, c) do ponto de vista estético, o íncola tem os cabelos lisos, a péle bronzeada, em contraste com o negro da carapinha e pele côr da noite. Pode-se apresentar uma quarta e mais honrosa circunstância para os nossos falsos brancos: o selvícola preferia morrer a deixar-se escravisar. Não o macula, portanto, o estigma do cativeiro. Longe ainda dos tempos em que uma revisão severa devia ser feita em todos esses conceitos, mostrando a superioridade do mulato sobre o caboclo, e já Monteiro Lobato a antecipava ao notar a miseravel condição do Jéca, até nas manifestações artísticas, por mais primitivas que sejam, avesso como é a qualquer tendência musical bem marcada:

«Dirão: e a modinha? A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no país, é obra do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estéticos, borbulha d'envolta com o sangue selvagem, alegre e são do negro».

Essas palavras foram escritas precisamente quando a mestiçagem afro-lusitana mais reprimia em si o chamado «pudor» das intimas certezas» em nossas altas camadas. A poesia se alimentava ainda dos resíduos indianistas. E' de se notar, por exemplo, que lhe pagaram forte tributo Olavo Bilac e Machado de Assis, ambos mulatos, os quais incluiram em sua obra poetica inumeras composições inspiradas em Gonçalves Dias.

Mas, a partir de 1919, quando Monteiro Lobato, aproveitando o êxito de livraria do seu livro de estréa, se instala na cidade, disposto a trocar a vida de fazendeiro desiludido pela de editor, o rótulo de cético, superficialmente inferido do carater irreverente dos seus contos, começa a desbotar-se. E' que se foram tornando conhecidos alguns trechos de sua biografia. Lobato estudara Direito em São Paulo e reuniu em torno de si inumeros companheiros aos quais dedicava forte amisade. No entender dos nossos criticos, um cético não acredita em coisa alguma, e muito menos nos valores morais. Aqui, nota-se perfeitamente a confusão lexico-grafica de ceticismo com misantropia. E tais equívocos resultaram da notação friamente humoristica exparsa em todos os escritos do autor de «Urupês», a ausência de ênfase, a impassibilidade álgida com que apresenta os quadros mais tétricos, escondendo-se atraz dos personagens e dos episódios.

Mas, sendo o humor entendido em nossa literatura como simples disfarce técnico, motivado por umas tantas características de escola, de que o mais alto e incompreendido exemplo fôra até então Machado de Assis, persistiu o engano em torno de Lobato.

Cético permaneceu êle até os ultimos instantes de vida, mas por não acreditar naquilo que os literatos bem-pensantes acreditam, ou fingem acreditar: na estabilidade das instituições caducas, nos seus falsos valores entronisados, na onipotência e onisciência dos governos charlatães, nos laureis acadêmicos, na «cagoterie» dos medalhões bem postos na vida, em tudo, enfim, que constitui a aparatosa fachada de um mundo morto que se esforça por parecer vivo. Em suma, Lobato não acreditava naquilo que realmente não merece credito, e o seu mérito residiu na posição de combate assumida desde o início até o fim, sem desfalecimentos, contra os mistificadores.

Quando a posição do escritor se tornou perfeitamente definida, mostrando-se êle irredutivel à catequese dos bem-pensantes, estes atenuaram um pouco o julgamento, limitando-se a dizer:

— Monteiro Lobato é um espírito de contradição.

I — Lobato e a longa aprendizagem literária

A idéa geralmente concebida ante a estréa espetacular de Monteiro Lobato, posto em destaque pela referência que Rui Barbosa fez, em discurso político, ao Jéca Tatu, foi de um escritor improvisado graças a um conjunto de aptidões inatas. Porque nós somos, e ainda seremos por muito tempo, um povo que acredita no milagre da vocação. Intuição e vocação, eis as palavras que definem, em todas as camadas sociais, a inclinação para a lei do menor esforço. Entregamo-nos cegamente à certeza de que não adeantam estudos, se o sujeito não trouxe do berço a marca misteriosa capaz de guiá-lo a grandes destinos. O genio, aqui, nunca será uma longa paciência.

Essa crença é abonada, em todos os espíritos, pela própria natureza tropical. Vemos em torno de nós a quadra estival prolongando-se pelos doze meses do ano. As arvores perpetuamente verdes, certas espécies vegetais, de cultura empírica, produzindo duas colheitas anuais, o céu perpetaumente azul, as flores pintalgando os jardins e varzeas, sem as lugubres intermissões do inverno. Se é assim a terra, porque acreditar no

esforço do homem nas conquistas da inteligência?

Não foi, portanto, sem a mais decepcionadora surpresa que muitos leitores se inteiraram, ao compulsar «A Barca de Gleyre», coleção de cartas representando quarenta anos de confidências

feitas a Godofredo Rangel, do longo, acurado esforço de Lobato para obter o dutil e vigoroso instrumento de expressão revelado em «Urupês» e nos livros posteriores.

Para destruir o conceito de cético, foi esse o ultimo golpe. Cético o homem que já havia revelado em seus artigos de jornal, quando enfim entrara para o jornalismo e para a vida de editor, a crença profunda no trabalho da ciência a fim de curar o nosso Jéca verminoso? Cético, enfim, o homem que, na génese até então ignorada de sua formação literaria, bebia em Camilo Castelo Branco a seiva do idioma, provendo-se dos recursos expressionais que raros escritores alcançam em nossa lingua de emprestimo? Cético o cidadão que, mais tarde, ficaria quasi sózinho em meio da preguiçosa descrença nacional, a afirmar que a riqueza do Brasil está no petróleo, e que o petrólo existe no Brasil, conquanto atestassem o contrário os técnicos oficiais? Cético o brasileiro que, no empenho de provar aos seus patricios a relaidade do «ouro negro», desmascarou os técnicos oficiais e, pela sua coragem inaudita em plena ditadura, foi metido no cárcere?

As cartas de Lobato a Godofredo Rangel trazem à luz da publicidade e do exame critico o escritor em sua inteireza, tanto moral como literaria. Não se improvisou homem de letras, como tantissimos outros que por aí gaguejam algumas idéas-feitas, na meia lingua a que pomposamente costumam chamar «estilo». Não; Monteiro Lobato não procurou a forma dos mestres, nem tampouco leu Camilo como a maioria dos seus discipulos, em busca de palavras peregrinas; nem se percebe em seus sentidos, tanto os da época do «Urupês» como dos ultimos dias, os cacoêtes vernaculistas do solitário de Seide, imitados, macaqueados pelos nossos puristas intragaveis. O que êle encontrou no autor da «Corja» foi o material necessário a quem pretenda dizer as coisas triviais de maneira tão insinuante, que os espíritos mais avessos à literatura venham a interessar-se pela materia versada. O que o levou para Camilo foi, sem duvida, o horror à monotonia e ao lugar-comum. E isto não aconteceu por acaso, como logo veremos.

Assim, quando o fazendeiro do Buquira remete ao «Estado de São Paulo», para figurar nas Queixas e Reclamações, uma carta protestando contra o máu vezo do Jéca, de deitar fogo às matas e pastagens, exigindo providencias contra o sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço, como classifica o «piloho da terra», era já um escritor pronto e acabado. E não admira que, no jornal, a carta corresse de mão em mão e fosse levada ao diretor. E a carta foi publicada com destaque, como peça literaria, em vez de ir parar à vala-comum das Queixas e Reclamações. Estava feita a sensacional descoberta que Rui Barbosa,

mais tarde, recomendaria à atenção de milhões de brasileiros desatentos.

II — Portugal e a zona Norte de São Paulo

Não foi por simples acaso, como linhas atraz acentuamos, que Monteiro Lobato se nutriu de Camilo. O drama intelectual de ambos é o mesmo. Com frequencia os criticos superficiais, tanto aqui como em Portugal, repetem o julgamento, aceito sem discussão, quanto ao feitio literário do autor de «Euzebio Macario», taxando-o de pouco imaginativo, de haver composto mais de cem romances sobre dois ou três temas, esgotando-os até ao fastio.

Ora, nesse juizo está o maior elogio ao ardente polemista da «Questão da Sebenta». Não tendo jamais saido de seu país, permanecendo em seus serros minhotos entregues ao estudo e meditação das velhas crônicas das famílias e da história de sua pátria, embebendo-se até à medula do humos nativo, que podia escrever um romancista que não trouxesse as limitações intransponíveis do meio e da sociedade nos quais obrigatoriamente devia inspirar-se?

Toda obra deve ser lida de acordo com o espírito do seu tempo. Camilo não foge a estas duas contingências: a época e sa peculiaridades do meio. Portugal permanecia romantico, mesmo quando o Romantismo encerrara o seu ciclo na velha Europa. Num país rural, de feição eminentemente conservadora, o apêgo às formulas romanticas ultrapassadas tinha que ser uma fatalidade histórica.

Sim, numa terra e numa sociedade tardiamente revolvidas pela subversão racionalista, exigir um Camilo diferente é tão absurdo como deplorar, lendo Platão, que a Grecia não tivesse telefones e automoveis. O importante é haver Camilo permanecido fiel ao seu meio e à sua gente. Lê-lo, descontando-se as influências do meio e da gente, é libertar-se do hábito, muito frequente em Portugal e no Brasil, de confrontá-lo com Eça de Queiroz. São dois homens tão diferentes que o paralelo resulta uma intolerável superafetação literária. Tanto mais quanto o universalismo elegante e sedutor de Eça, não raro sôa falso do ponto de vista do ambiente português, embora o transfigure um sentido altamente poetico. Em Camilo, a verdade desse ambiente ressalta de modo mais vivo e expontâneo, sem perder, às vezes, certo encanto idílico, graças ao qual o escritor alcançou a notoriedade e os favores de um público tão numeroso.

E' pena que, nos dois países, a obra camiliana tenha servido de pasto aos vermes da caturrice vernácula, gramáticos e filólogos, desfigurando-o e desafeiçoando-o à simpatia das classes letradas.

Ora, Lobato nos parece, quanto a esse ponto, o unico homem de letras brasileiro que assimilou Camilo, sem incorrer no feio vicio de camilice pedante. E isto porque os dois escritores, o mestre e o discipulo, precisaram superar, pela expressão sempre imprevista, a monotonia do meio. Para se realizarem em toda a plenitude, era necessário que o estilo, as maneiras de dizer fizessem um vivo contraste com a pasmaceira circundante.

Formado em Direito e despachado para a promotoria de Areias, eis o futuro escritor devolvido à zona Norte, já por aquele tempo caída na «austera, apagada e vil tristeza» de uma irremediavel decadencia economica. E' a mesma zona que viria a inspirar-lhe os contos de «Urupês» e as cronicas de «Cidades Mortas». Na sua «oblivion» biblica, só há uma forma de evasão a leitura. Lê muito. E' o período fecundo das grandes descobertas no mundo do pensamento.

Se o solitário de São Miguel de Seide facilmente triunfa

sobre a tristeza bucólica de suas montanhas e vales, por trazer no sangue insubmisso as taras da inquietação, a neurastenia sexual, estudada por Julio Dantas num curioso estudo mosográfico; o destemperado orgulho, a revolta bravia contra tudo e contra todos, Lobato, muito mais equilibrado, possui, entretanto, o faro crítico a denunciar-lhe a mais saliente característica do humor.

E' tempo de explicar o humor e a sátira em Monteiro Lobato. Ordinariamente, ao tratar do fenômeno Machado de Assis, os nossos ensaistas recorrem aos seus modelos conhecidos na literatura inglesa. O genio do autor de «Braz Cubas» consiste em haver conciliado o que há de particular no humor dos bretões, com o que há de geral na escola, quando adotada em outros climas.

O que distingue o humorista é uma espécie de hiperlucidez sem intermitencias. O espírito, sempre aceso como uma lâmpada de grande potência, não está sujeito aos sombreamentos da emoção lírica. E' como um sol que teimasse em não descer ao poente, permanecendo bem alto, a inundar e ferir tudo com a sua luz crúa e implacável. Machado bem que compreendeu isso, como o demonstra no diálogo entre Prometeu e Asvérus. A eternidade da vida parece ao Judeu Errante algo de tremendo; e, quando Prometeu lhe diz: «Mas não padeceste, creio; é alguma coisa não padecer nada», Asvérus responde-lhe: «Sim, mas vi padecer os outros homens, e, para o fim o espetáculo da alegria dava-me a mesma sensação que o discurso de um doido. Fatalidades do sangue e da carne, conflitos sem fim, tudo vi passar a meus olhos, a ponto que

a noite me fez perder o gosto ao dia, e acabo não distinguindo as flores das urzes. Tudo se me confunde na retina enfarada».

Eis aí o estado de espírito de um verdadeiro humorista. À sua hiperlucidez crítica repugnam as convenções humanas; por mais que a elas queira submeter-se, acaba por insubordinar-se e voltar à atitude anterior, isto é, a atitude indagadora, portanto prestes a negar o que antes lhe pareceu aceitável.

Esse comportamento resulta da percepção clara e constante das mudanças operadas atráz das instituições, de que suas leis imutáveis pretendem ser o espelho, de que os habitos e costumes insistem em afirmar a perenidade tranquila e benfazeja. A sociedade se apresenta, assim, aos humoristas, como os velhos que, por meio de massagens e pinturas, procuram contrariar a ação destruidora do Tempo. Todos lhes percebem as rugas e os cabelos brancos. Os bem-pensantes, calam-se; os humoristas denunciam tudo, fazendo-o às vezes, para mais acentuar o ridículo, de maneira sisuda e impassível.

Enquanto as falhas da literatura bem comportada não foram postas a nú, esteve em moda negar direito de cidadânia, em outros países, ao humor britânico. Dickens, Swift, Sterne dizia-se em todos os tons — são produtos puramente ingleses; não podem ser exportados. A crítica aludida exclusivamente ao «processo» literário em si e não às causas sociais que o geraram. Em França, Paul Saint-Victor foi um pouco mais longe: apontou Swift como um perverso intelectual, um ser destituido de humanidade, comprazendo-o em pilheriar grosseiramente sobre os infortunios da Irlnda. Não viu, ou fingiu não ver, no sangrento sarcasmo do ponfleto sugerindo medidas para salvar a Irlanda faminta, o mais doloroso protesto ditado pela inteligência que se envergonha de mostrar-se revoltada contra as injustiças de um regime no qual as leis se forjam para garantir o direito do forte contra o fraco.

Esse pudor da inteligência hiper-lúcida, incapaz de seguir a trilha do lugar-comum, sabendo-o inteiramente inócuo, só pode

externar-se pela sátira.

Mas a sátira social, sendo a forma do humor, não é em si o humor. O verdadeiro humorista, vencido pelas formas políticas vigentes, pelo círculo de aço em que o encerram os interesses criados e respeitados; e sendo, ao mesmo tempo, ferozmente egocêntrico, portanto incapaz de agremiar-se para destruir um tal estado de coisas, insurge-se a seu modo contra a opressão, mas não acredita que a inteligência possa vencê-la um dia. Por isto, adota a mascara da impassibilidade sardônica.

O satírico é diferente. Amando os homens e a vida, investe contra as convenções odiosas, transformando o riso em arma de combate. Porque acredita na possibilidade de, por esse meio, mudar, não as formas sociais em si, que permitem o advento da mediocridade, mas os homens, substituindo os estultos pelos sábios, os máus pelos virtuosos, os hipócritas pelos sinceros, numa palavra, estabelecendo o reinado do mérito.

Monteiro Lobato, como prova a sua ação pessoal direta e a feição combativa dos seus escritos, na fase posterior a «Urupês», evoluiu das formas puras do humor para a sátira. Achava possivel fazer a Republica melhor do que é, os governos menos interessados nos artifícios da políticagem do que na solução dos problemas coletivos.

Só nos ultimos anos de sua vida sentiu a inanidade de um tal esforço. Mas, do satírico impenitente, substituiu o senso caricatural. Porque, não podendo haver satíricos e humoristas sem um forte sentimento do ridículo, Lobato trouxe do berço esse sentimento, que o estudo e a observação aperfeiçoaram em fase das contradições humanas. Sorria. Dickens definiu o humor como o «sorriso dos tristes».

Mas, o espetáculo perene das contradições humanas, e a necessidade contingente de submeter-se a elas para subsistir, fazer contraditórios reflexamente os homens desse feitio singular, e isto apresenta Lobato como um caso à parte na literatura brasileira dos ultimos tempos. Toda a sua vida é uma trama desconexa, na aparência, para guardar interiormente o fio lógico de sua personalidade autêntica, indestrutivel. O homem permanecerá para sempre igual a si mesmo.

Vimos como o julgamento inicial dos críticos se tornou precário ao taxá-lo de cético; veremos daqui a pouco a luta do escritor comsigo mesmo para vencer as influências deformadoras contra as quais nunca deixou de lutar. Horrorisou-o, desde os primeiros passos nas letras, a deshumanisação literária, aquilo que veio a tomar o nome de Torre de Marfim, a fuga à realidade. O feroz egocentrismo dos artistas não participantes, leva-os a não entender a luta de Monteiro Lobato contra os resíduos de sua formação reacionária. E essa luta, encerrando uma lição aos homens de inteligência, é também uma censura que muitos deles vaidosamente repelem.

Enquanto a similitude do meio físico aproxima Monteiro Lobato de Camilo Castelo Branco, um terrível drama de consciência o identifica irremissivelmente com Eça de Queiroz.

III — A rehabilitação do Jeca e do Culi

Se, como observa Nietzsche, «a natureza criou muitos e variados caminhos para se chegar ao homem de genio», força é convir que o homem de genio também conhece «muitos e

variados» caminhos através dos quais chega sempre ao conhecimento da razão e da justiça.

Que Lobato, desde os primeiros passos na vida até o termo de seus dias, tenha sido um poço de contradições, sem jamais perder o miraculoso fio de Ariadne de sua personalidade inteiriça, raramente o assinalam os críticos mais afeitos a examinar a literatura do que o homem. Vímo-lo, como fazendeiro no Buquira, imbuido de conceitos meramente beletrísticos, formulando o mais duro anátema jamais atirado à vítima, por se interpor entre o pobre Jéca, em sua lastimosa condição, e as causas reais do seu pauperismo, a cultura unilateral de classe. O mérito de Lobato, nunca assás louvado, há de ser sempre o haver um dia reconhecido o erro dessa cultura. E reconheu-o, já no fim da vida, em carta a Matias Arrudão, para explicar outra atitude que o havia de destacá-lo contraditoriamente aos olhos de muita gente: a de incorporador de empresas petrolíferas.

Espantosa fábrica de paradoxos foi sempre o homem que, nascido da classe fazendeiral, renuncia à terra para meter-se na industria dos livros; arruinado e desiludido da industria dos livros, numa terra de pobresa e analfabetismo, ambiciona lançar-se a mais largos horizontes e entra a sonhar com a industria pesada. Modesto em seus hábitos domésticos, pessoalmente sobrio, sem vícios, portanto sem necessidade de fortuna, tendo vivido com os seus na mais austera mediania, não pensa e age como um burguês de sua classe, mas como um aventureiro d'alem-Atlântico descido em Nova Iorque para tentar fortuna. Ficcionista em sua auspiciosa estréia literária, quando entra pelo jornalismo a dentro é para partilhar as idéias de Artur Neiva e outras cientistas, buscando salvar o homem brasileiro pela engenharia sanitária. Enfim, podendo findar seus dias com a renda da obra copiosa que deixou, ainda hoje ninguem pôde conciliar sequer o escritor cruel de «Bocatorta», «Colcha de retalhos», «A vingança da peroba», com o autor de livros infantis, debruçado sobre Lilipute, iniciando-o carinhosamente no grande mundo das idéias práticas, através das mais descabeladas fantasias. E nenhum homem mais terno, mais rendido à graça inquieta de milhares de cabecinhas infantis, recebendo-lhes as cartas balbuciantes, acolhendo-as em casa, quando as mães até lá conduziam os filhos para conhecer o autor de «Dona Benta», do «Visconde de Sabugosa» e da «Chave do Tamanho».

E é, no fim de contas, o humorista que salva Lobato do abismo de si mesmo. Graças a essa rara disposição da inteligência inamolgavel ao convencionalismo, chega a perceber o erro cometido, sem entretanto perceber que, para liquidar de uma vez com o falso indianismo e o caboclismo hipócrita, pouco importam as idéias reacionárias do escritor; o que importa é

a verdade sobre o nosso Jeca. Até então, sómente Euclides da Cunha, nos «Sertões», vislumbrara o erro monstruoso do litoral, ao investir contra os nossos irmãos de Canudos, não com as armas do progresso, a escola, a técnica, os jornais, todos os instrumentos tornados monopolio dos habitantes da orla marítima, e sim com os fuzis e canhões destruidores. Mas Euclides, mercê do aprendizado socialista que lhe propicíara Silverio Fontes em Santos, havia devassado novos rumos. E, como depois se averiguou, não estava intoxicado de literátura, não obstante o seu estílo requintadamente literário, mas larga e tumultuosamente aprovisionado de ciência.

Não importam, repitamos, as idéias políticas do escritor. O que importa é o seu respeito à verdade. Balzac, monarquista, partidário de Napoleão, ultramontano, nem por isso deixou de ser o históriador fiel da burguezia capitalista. Não endeusou os nobres para desfigurar o burguês: pintou a ambos como eram e são na realidade. Ao baixar seu olho imenso e perquiridor sobre a sociedade nascente, fazia taboa raza das idéias políticas e religiosas, mostrando-se avesso inteiramente a todo facciosismo.

E foi porque Lobato agiu da mesma forma, ao traçar, no estilo mais impressivo em oposição ao nosso dessorado beletrismo, o perfil do infeliz «agregado», que provocou a animadversão de todos quantos viviam dentro de um sonho côr de rosa. A literatura havia falsificado a tal ponto o nosso roceiro caboclo, criando em todo o país um ilusório estado de consciência a seu respeito, que o «retrato» de corpo inteiro, tirado por Monteiro Lobato, ficou sendo uma horrenda e repulsiva caricatura. O escritor portou-se, no ceremonioso banquete das letras nacionais, como um convidado indiscreto capaz de comprometer o bom tom, ao declarar ter encontrado na sôpa de aspargos, não um fio, mas um chumaço de cabelo.

No fim de contas, a quem interessava a adulteração da verdade a respeito do Jéca?

Aos fazendeiros, aos poderosos do dia, àqueles mesmos em cuja classe se achava encartado o escritor. Numa palavra: aos coroneis Tatuiras, que passaram a vêr no seu colega fazendeiro da Mantiqueira, possuidor de um másculo estílo literário, a ovelha negra do rebanho. E nunca lhe perdoaram «Urupês», como no futuro não lhe perdoariam outras verdades duras, bem como a tomada de posição entre os que desejam de verdade a nobilitação física, moral e intelectual do Jéca.

No entanto, posto de pé o desgraçado Jéca, levado aos quatro cantos do Brasil para que cada brasileiro falsamente ilustrado sobre a realidade brasileira o visse em sua verdadeira condição, quando Lobato enfim se desembaraçara das influências

deformantes da literatura doce de côco, e começa a ver claro, apossa-se dêle o mesmo remorso que assaltou a Eça de Queiroz... por um crime que não havia cometido.

Todo mundo sabe que Eça, antes de frequentar Londres e Paris, na carreira consular, viu-se despachado para Cuba. E eis que a função lhe apresenta sedutoramente aquilo a que hoje chamamos, num sentido imoralissimo, oportunidade.

Como?

Muito simples. Quem nô-lo explica, ao traçar o perfil biográfico de Eça, é o seu amigo Eduardo Prado:

«Florescia então em Cuba o comércio dos chins escravizados, nominalmente portuguêses porque era do porto português de Macáu que êles eram levados para os infernos de verdura, calor e de sofrimento que eram, para êles, as plantações de aquear da ilha. Foi Eça de Queiroz nomeado consul para regular, inspeccionar e, portanto, manter esse comércio. Por uma disposição fiscal da lei consular, esse comércio era altamente lucrativo para o consul. Aconteceu, porém, que o consul foi Eça de Queiroz, que começou uma campanha oficial contra o comércio dos chins, que foi, finalmente, abolido».

E, no entanto, se aceitasse a proposta feita pelos fazendeiros cubanos, Eça teria enriquecido. Via de um lado a fortuna proporcionando-lhe os requintes do conforto a que sua natureza de artista era particularmente atraido, mas via de outro o pobre culi — o Jeca chinês — escravizado aos truculentos «terratenientes» de Cuba. Bastou o fato de, numa visão estonteadora e fugaz, haver em sua imaginação prefigurado um palácio, roupas de fino talhe, gravatas de seda, luvas, marmores, livros raros, e, de outra banda, o infortunado culi, para o escritor, no futuro, como que libertando-se de um pesadêlo, escrever «O Mandarim». Nessa novela, o escritor altamente dotado de uma moral humanitaria, prova que a consciência humana está condicionada ao imperativo das distâncias. Se, para herdar a imensa fortuna de um Mandarim, no fundo da China, fôsse necessário apenas o gesto de premir um botão, provocando lá muito ao longe a morte do letrado amarelo, quem deixaria de fazê-lo?

Pois Eça de Queiroz não só não tocou no botão de cristal, como lançou o seu veemente protesto funcional contra a opressão dos desgraçados culis. E escrevia ao ministro do Exterior do seu país, a 17 de maio de 1873:

«Sucede, com efeito, às vêzes, que nos engenhos há assassinatos misteriosos de **mayoraes**, a que os chinas não são alheios; mas estes excessos não se podem filâiar na índole, porque vem da desesperação. À desesperação se deve atribuir, também, ainda que haja neste fato muita influência das superstições religiosas, os numerosos suicídios de colonos. Assim é, Exmo Sr.,

que em todos os exemplos da servidão humana, eu não conheço, a não ser no felá no Egito e na Nubia, ninguém mais infeliz do que o culi. E se a justiça não é uma mera categoria de razão, a condição dos colonos na America Central não é compatível com a dignidade desta época».

Monteiro Lobato, que com leves variantes de meio e circunstâncias, veio a retificar um julgamento feito à base da emoção e não da razão, ou mais precisamente, conseguiu liquidar em si o literato para restaurar o homem justo, subscreveria o arrazoado de Eça.

E' possível ampliar o paralelo. Eça, tendo seguido para o Egito, em companhia do futuro cunhado, conde de Rezende, a fim de assistir às festas inaugurais do Canal de Suez, convidados ambos de Ismail-pachá, o quediva, pôde ver com os próprios olhos o tratamento cruel dispensado aos felás. Trabalhavam, e ainda hoje trabalham, a chicote.

Pois bem; mais tarde, já consul na Inglaterra, descrevendo o bombardeio de Alexandria, para mostrar como Arabi-pachá estava com a bôa razão colocando-se na defesa de sua pátria, em certo passo recorda-se dos sofrimentos do felá e dos gastos suntuarios do quediva:

«... Despezas com os dois mil convidados durante quinze dias no Cairo e no Canal — setenta milhões!... Para a champanha bebida nessas semanas de bambocha — dois milhões! O felá pagava. Eh! e eu que estou aqui a falar — tambem a bebi, essa champanha que era no fundo o suor do felá espumante e açucarado! Também eu fui hospede de Ismail-Pachá, à custa do felá! Tambem eu ... Calemo-nos, cubramos a fronte de cinzas, imploremos o perdão do felá!»

Tal foi o drama de Lobato em relação ao Jéca. Na carta a Matias Arrudão, sinceramente o confessa. Lamenta os dias em que, no Jéca roído de vermes, maltratado, escorraçado das fazendas como um cão lazarento, interessava-o, não o ser humano, mas o motivo estético, o assunto literário. E toda a batalha que veio a travar mais tarde, em busca das riquezas do subsolo, não visava outra coisa senão enriquecer a nação. E, enriquecendo a nação, teria salvo o pobre Jéca da miseria afrontosa que o envilece tanto como ao felá e ao culi.

A diferença entre o drama de Lobato e Eça é que este ultimo, ao fazer-se de vela pelo mar remançoso da literatura estética, estava já largamente abastecido de socialismo, enquanto o primeiro, o autor de «Urupês», só veio a divisar a Terra Pormetida quando a idade e a doença apenas lhe consentiam lançar a vista para o passado, à procura do tempo perdido.

ANTOLOGIA

A história do Rei Vesgo

MONTEIRO LOBATO

Em 1947 realizou-se no Vale do Anhangabaú um grande comício de protesto contra a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas. Monteiro Lobato, já doente e impossibilitado de ir pessoalmente levantar a sua voz de protesto contra o crime que se ia cometer contra a Constituição, escreveu a já famosa histórinha do Rei Vesgo para ser lida ao microfone durante a realização do comício. O povo e o proletariado de São Paulo compreenderam a finura da fábula de Lobato e de bôca em bôca corre hoje a história do rei do Oriente que tinha uma grande vontade de «dominar a paisagem».

Na frente do palácio de certo rei do Oriente havia um morro que lhe estragava o prazer. Ésse rei, apesar de ser vesgo, tinha uma grande vontade de «dominar a paisagem»; vontade tão grande que êle não pôde resistir, e lá um belo dia resolveu secretamente arrazar o morro. Tratava-se, porém, de um morro sagrado, chamado o Morro da Democracia, e defendido pelas leis básicas do reino. Nem essas leis, nem o povo jamais consentiriam em sua demolição, porque era justamente o obstáculo que limitava o poder do rei. Sem êle o rei dominaria ditatorialmente a paisagem, o que todos tinham como um grande mal.

Mas aquele rei, que além de vesgo era malandro, tanto expremeu os miolos que teve uma idéia. Piscou e chamou uns cavouqueiros, aos quais disse:

— Tirem-me um pouco de terra dêsse morro, alí onde ha umas touceiras de cragoatá espinhento. Se o povo protestar contra a minha mexida no morro, direi que é para destruir o cragoatá espinhento; e que se tirei um pouco de terra foi para que não ficasse no chão nem uma raiz ou semente.

Os cavouqueiros arrancaram os pés de cragoatá e removenam vários carroças de terra. O povo não protestou; não achou que fôsse caso disso. Só alguns ranzinzas murmuraram, ao que os apaziguadores responderam: «Foi muito pequena a quantidade de terra tirada; não fará falta nenhuma».

Vendo que não houve protesto, o rei, logo depois, deu nova ordem aos cavouqueiros para que arrancassem outro pé de qualquer coisa, mas com terra — êle fazia muita questão de que a planta condenada saísse com terra com um bocadinho de terra... Continuando o povo a não protestar, prosseguiu o rei por muito tempo naquela política de «extirpação

das plantas daninhas do morro», e as foi arrancando, sempre «com terra», até que um dia...

- Que é do morro?

Já não havia morro nenhum no reino. Desaparecera o Morro da Democracia, e o rei pôde, afinal, extender o seu olho vesgo por todo o país e governá-lo despoticamente — não pelo breve espaço de apenas quinze anos, mas pelo de trinta e tantos, segundo rezam as crônicas históricas.

Isso foi no Oriente. Mas nada impede que aquí aconteça o mesmo, porque também temos o nosso morrinho da Democracia, cheio dessas plantas más que costumam nascer em tais morros. E' preciso, pois, que o povo se mantenha sempre vigilante, para que os nossos reis vesgos não as arranquem «com terra». Do contrário o morro se acaba — e... como é? Ditadura outra vez? Tribunalzinho de Segurança outra vez? Paisinho dos pobres outra vez?

Éste comício tem essa significação. E' um protesto do povo contra as primeiras carroçadas de terra que o nosso rei, sob o pretexto de arrancar o cragoatá espinhento do comunismo, tirou do nosso Morro da Democracia. Cesteiro que faz um cesto faz cem. Quem tira uma carroçada de terra tira mil. Se não reagirmos energicamente, um dia estaremos privados do nosso morro e com um terrivel sóba dominando toda a planicie.

E se tal acontecer e êsse sóba instituir o Relho como instrumento de convicção, será muitíssimo bem feito, porque outra coisa não merece um povo que deixa seus governantes despojarem-no pouco a pouco das suas mais belas conquistas liberais.

O preço da liberdade é uma vigilancia barulhenta como a dos gansos do Capitólio.

DEPOIMENTOS

Lobato perde um doente...

ADOLFO JAGLE

Conheci Monteiro Lobato há muito tempo, antes mesmo da Cia. Editôra Nacional transferir-se para o prédio atual. Frequentava, na qualidade de «penetra», a sua rodinha, onde todos os assuntos eram debatidos — política, literatura, arte e principalmente os últimos acontecimentos. Todos os temas eram «peneirados» por êle, naquele tom sarcástico e incisivo, tão característico da sua personalidade.

No edifício da Editôra há uma longa escada, dizem que construída por sugestão do próprio Lobato, afim de desencorajar os estreantes. Pura *blague*, na verdade, mas a ser verídica a informação, êle pagava elevado preço pela idéia, pois galgados os incontáveis degraus, era triste vê-lo pálido, ofegante, numa longa pausa antes de retomar o fôlego. Essa pausa, aliás, servia-lhe para arquitetar qualquer frase de espírito a propósito de qualquer coisa. E nos intervalos, era infalível, vinham a quelas inconfundíveis, sonoras e francas gargalhadas, a infringirem tôdas as regras do bom tom.

Perguntando certa vez a Jerônimo Rocha qual a causa daquele cansaço, ouvi em resposta que se tratava de moléstia pulmonar, cujos detalhes desconhecia. A mim, no entanto, a coisa parecia antes de origem cardíaca. E não resistindo, repeti, mais tarde, a pergunta ao próprio Locardíaca. E não resistindo, do qual fazia largo consumo naquele tembato. Atribuia tudo ao fumo, do qual fazia largo consumo naquele tempo. Deixou de fumar quando o mal se agravou, e daí em diante não perdia ocasião de recriminar o cigarro como um dos maiores flagelos da humanidade, não se conformando com que Artur Neves, a quem tanto queria, continuasse a se envenenar diariamente. Era com insistência que pedia para «curarmos» o amigo, e depois seu editor, do vício do cigarro.

Um dia Artur Neves me avisou de que Lobato fôra operado de um quisto no pulmão Fomos visitá-lo na expectativa de encontrarmos um doente, aborrecido com os seus sofrimentos, maldizendo a vida. Puro engano. Deitado na cama estava um homem divertindo-se com o barulho que o ar fazia ao entrar e sair pelo tubo de borracha no local da operação. Mesmo a situação mais trágica era motivo para suas troças, não permitindo assim que o ambiente que o rodeava refletisse aspectos trispermitindo assim que o ambiente que o rodeava refletisse aspectos trispersitude aliás que manteve até o fim de sua preciosa existência. Detes, atitude aliás que manteve até o fim de sua preciosa existência. Depois de elogiar tanto o clínico pelo brilhante diagnóstico como o cirurgião pela habilidade técnica, passou a fazer uma aguda e profunda análise do seu caso, rendendo homenagem ao progresso da ciência, e con-

cluindo por soltar uma das suas típicas e inconfundíveis gargalhadas, não sem antes nos chamar a atenção pana a modificação do timbre impresso pela presença do tubinho. E nessa mistura de cientista e humorista êle persistiu sempre, nada atemorisado com o quadro clínico do qual era paciente e não mero observador, como parecia.

Após a fundação da Brasiliense, onde instalou o seu «bureau», meu contacto com êle tornou-se mais frequente, pois estava próximo a meu consultório. Lá recebia quem aparecesse, gente de tôdas as classes, naças e côres. Esse variado material humano servia-lhe explendidamente para exercer suas qualidades de profundo psicólogo e experimentador por instinto. Os assuntos mais variados surgiam à tona, e êle jamais se perdia naquele cipoal de temas e pessoas. Os pedidos eram inúmeros: prefácio para uma carta de apresentação para outro; a todos atendia com a maior solicitude. No fim do dia estava esfalfado. Causava pena ve-lo assim. Um dia pedi permissão para examina-lo. Aconselhei logo um eletrocardiograma, feito em seguida pelo dr. Augusto Mascarenhas. Constatou-se, como eu previra, uma insuficiência coronária e esclerose do miocárdio. Contou-me, depois, o dr. Mascarenhas que Lobaro se interessara pelos mínimos detalhes do exame, tudo querendo saber, não como paciente, mas como alguém realmente interessado em enriquecer seus conhecimentos. Mais tarde, pediu-me maiores esclarecimentos, insistindo, com perguntas inteligentes, e exigindo de tudo uma síntese clara. Não se satisfazia com meias explicações, e tal era a sua sofreguidão de ir ao fundo das coisas, que me obrigava a rever certas questões, afim de satisfaze-lo. Colocando a ciência acima de qualquer manifestação do espírito, lamentava não ter estudado medicina, chegando mesmo a propor à sua filha Ruth que se não quisesse fazer o curso médico, pelo menos estudasse fisiologia ou biologia.

Instituido o tratamento, entre os medicamentos receitados encontrava-se oxigênio sob a forma de inhalação. Não só como poderoso antiespasmódico como para fornecer o gás ao organismo debilitado pela falta do mesmo, justamente por causa da deficiência circulatório. Essa coisa desagradável a outros, constituia um divertimento para êle, e eram engraçadíssimas as observações que fazia, destruindo imediatamente a atmosfera de apreensão que se formara a respeito de sua periclitante saude. Jamais observei nele qualquer preocupação ou pavor, tão comum nos doentes atacados por moléstia cardíaca. Pelo contrário, Lobato demonstrava satisfação em acompanhar qualquer nova experiência que se lhe fôsse feita. Com o tratamento houve uma sensível melhoria no seu estado geral, a ponto de poder galgar a escada que conduz ao seu apartamento, sem muito esfôrço. A propósito, lembro de um comentário feito por êle a respeito dessa melhora do seu estado: «Antes do tratamento, falou, parava de quatro em quatro degraus para descançar. Prosseguia em seguida, até nova parada. Aproveitava essas paradas forçadas para observar o progresso de S. Paulo na sua febre de construções». Acontece que a escada passa rente a uma ampla janela, de onde se descortina grande parte do centro da cidade. Agora subo a escada de uma enfiada. Não me sobra mais tempo para ver se surgiu algum novo arranha-céu».

A partir dêsse tratamento, através da minha profissão, tornei-me íntimo do círculo de Lobato, que tantas horas inesquecíveis me proporcionou! Eis, portanto, a explicação destas linhas, nas quais, de caso pensado, não abordarei o aspecto clínico ou técnico de sua doença, assunto que evidentemente não cabe nas páginas de uma revista leiga como esta. Procurarei, isto sim, descrever a atitude de Lobato em relação à moléstia que o levou, e o seu comportamento diante da morte, que êle pressentia e enfrentava de cabeça erguida. A impressão exata que me ficou dos seus últimos meses não é, como se poderá supor, a de um doente. E, caso curioso, o doente era êle mesmo. Mas a perspectiva de uma nova experiência, diferente de tôdas até então usufruídas por êle, fê-lo mobilisar o resto das energias para dessa maneira não perder um minuto siquer da nova aventura. Tornou-se médico para melhor observar-se doente. A mim, não restava outra solução que a de acompanhá-lo como parceiro, ou colega. Talvez por isso jamais pude supreender qualquer queixa de sua parte, mesmo nos momentos mais trágicos. Quem se angustiava era seu médico com a responsabilidade que lhe pesava sôbre os ombros, porque o doente pouco ligava: queria era pormenores, e não remédios.

Quando do primeiro espasmo vascular, fui chamado não para socorrê-lo, mas para saciar a sua curiosidade em relação aos fenômenos
que êle próprio registrara. Dizia sentir-se muito bem. Via as pessôas e
objetos como que através de uma espessa névoa, e por isso não conseguia distinguí-los claramente. Pegava um livro, via as letras, mas não
conseguia ler uma frase siquer. Apanhava uma caneta, rabiscava qualquer coisa, e aborrecia-se por não conseguir decifnar seus próprios escritos. Não perdia, porém, oportunidade para uma «blague»: «Será que
terei de recomeçar o aprendizado do ABC novamente?» E completava
sem amargura: «Se êstes são os sintomas da morte, que venha a «bicha» que já estou farto de tudo isto».

O Dr. Lefevre, foi então chamado, para ser encarregado da parte neurológica.

O repouso recomendado após o primeiro espasmo vascular não foi rigorosamente obedecido, e no mesmo dia sobreveio o segundo, êste mais grave, pois que seguido de um estado comatoso que durou duas horas e meia. No ambiente de terrível expectativa, pairando já no ar a consciência da enorme perda que representaria a sua morte para todos nós e para o país, a angústia crescendo nos olhos de todos a cada instante que passava, e ninguém com coragem de olhar para o outro, afim de não ser surpreendido com lágrimas nos olhos, eis que, com pasmo geral, o corpo fragil do escritor levanta-se e surpreende a todos mais uma vez com a pergunta inesperada: «Que foi que aconteceu?» Nenhuma sombra de medo, ou angústia. Simples curiosidade intrigada por ver tantos amigos alí, com olhares assustados e tristonhos. E logo em seguida, quebran-

do a tensão, pede um copo de leite, explicando que não queria morrer com o estômago vasio. Arrumou-se então um enfermeiro que zelasse pela disciplina do doente, rebelde a tôdas as prescrições médicas. Pois bem: quem impunha a ordem das coisas era, sempre êle. E o enfermeiro passou, entre a aflição de um colapso fatal e a satisfação de servir a um grande homem, uma noite inesquecível. Esta era uma qualidade, das mais simpáticas em Lobato: procurava sempre compreender, não desdenhando descer das suas alturas para se pôr ao nível dos admiradores, mesmo os mais humildes. Deixava todos à vontade, dando sempre a impressão de um aluno aplicado e paciente. No entanto, em geral os outros é que saiam com os conhecimentos aumentados. E com uma sensação de bemestar impossível de ser descrita. Lembro-me de que o rapaz que fornecia oxigênio entreteve com êle uma conversa sôbre box, esporte que conhecia muito bem, pois que o praticava. No dia seguinte Lobato manejava o vocabulário dêsse esporte como se fosse velho no «mettier».

Após o segundo espasmo, o prognóstico tornou-se sombrio, e como não era possível fazê-lo obedecer às prescrições médicas, tivemos que interná-lo num hospital. Transformou imediatamente as enfermeiras que o serviam em «fans», divertindo-as com «blagues» incríveis a propósito de tudo. Após curta permanência na casa de saúde, exigiu e conseguiu sair, voltando ao apartamento e poucos dias depois ao escritório, retornando a ser o centro de atração de seus amigos. O prejuízo causado pelo espasmo cedia aos poucos. Era evidente, no entanto, que não voltaria a ser aquele espírito agil e de fácil expressão, que em poucas palavras apreendia qualquer assunto e o transmitia como a imagem palpável do próprio acontecimento. Prevendo que o inverno paulista iria concorrer para uma peora no seu estado geral, aconselhei-o a passar uns tempos em qualquer praia. Esquivava-se então com a seguinte lógica: «Se fôr a Santos não terei com quem conversar. E morrerei de tédio. Prefiro então S. Paulo, onde tenho o meu sitiozinho do picapau amarelo». Seria, na verdade, um crime condená-lo ao exílio, afastando-o do seu ambiente. Com as melhoras acentuando-se, deu para visitar os amigos, e estor bem lembrado de uma visita feita à casa de Edgard Cavalheiro, a quem muito queria. Após várias horas de conversa sôbre literatura, música, política, etc., retirou-se, fazendo-me a seguinte observação: «Que família feliz! Como Edgard soube escolher uma companheira que torna a vida do casal um verdadeiro lar». Observação profundamente humana. Aprofundando-se então a discorrer sôbre o casamento, compreensão mútua, e às causas principais dos desentendimentos na maioria das famílias, êle levou o tema longe, sempre com idéias vivas e originais.

Apesar de muito cético com relação aos homens, entusiasmava-se com aqueles que iam contra a maré dos conformistas. Um de seus últimos entusiasmos foi Henry Wallace. Fazia previsões, e ficava radiante de alegria ao comprovar os resultados. Citava estatísticas que colecionava pacientemente, e não deixava de ler os jornais e revistas que se referiam ao progresso do movimento de Wallace, a quem conque se referiam ao progresso do movimento de Wallace, a quem con-

siderava o maior fenômeno político dos últimos tempos. Chegou mesmo a assinar «New Republic» tendo ainda contribuido para a sua campanha eleitoral. Dizia que Wallace simbolisava o povo norte-americano e que seu esfôrço em prol da agricultura era digno de ser ressaltado. Era fácil perceber que a imagem que flutuava no seu bom coração era a do Jeca Tatú destituído de qualquer benefício de progresso científico. Mas mesmo na exaltação dos seus herois, não perdia oportunidade de uma «blague»: «Veja só, dizia êle, até o «Estado de S. Paulo» já fala de Wallace na primeira página. Cada dia as notícias são maiores». O fenômeno Wallace entusiasmava-o como o entusiasmaria qualquer movimento que contrariasse a rotina. Colocava-se logo na primeira fila, pronto para a luta. Logo, porém, vinha uma observação pessimista: «Não me sinto com fôrças suficientes para a luta». Essa sensação de desânimo, no entanto, pairava por poucos instantes no ar. Imediatamente renascia nele a energia e a conversa prosseguia com o maior dos entusiasmos. Passava então, com a maleabilidade própria de um homem de cultura ampla e variada, de um assunto para outro, sempre dentro de uma atmosfera de tolerância, bondade e larga visão. Jamais se apegava a pequenos pormenores: suas observações abrangiam sempre concepções abertas e profundas. Por isso mesmo nada o aborrecia mais do que as fôrças retrógradas que se lhe atravessavam no caminho, ou que impediam a modificação da natureza, que êle achava defeituosa.

Mas nos últimos dias a memória começou a desobedecê-lo. As palavras vinham com certa dificuldade. Permanecia o interêsse pela vida, mas a consciência do enfraquecimento de sua capacidade mental o afligia muito. Não queria extinguir-se como uma vela, lentamente. Desejava, isto sim, tombar como uma árvore fulminada por um raio. Diante do desastre que via próximo, mantinha, contudo, o bom humor. Jamais encontrei um doente que enfrentasse a morte com tal disposição de espírito. Bastava, aliás, olhar para êle, no seu caixão. Era perfeita a impressão de repouso e resignação. Lobato, o pesquisador feito médico nos últimos tempos, perdera o seu doente. O seu primeiro e último doente — um Lobato portador de uma esclerose cerebral, provinda sem dúvida do excesso de trabalho intelectual. E' uma pena não podermos saber a que conclusões científicas êle chegara.

Lobato diante da morte

ANTONIO BRANCO LEFÈVRE

A sala de espera do quarto do sanatório onde se achava Lobato, no dia seguinte àquele em que ocorreu o primeiro icto cerebral, estava cheia de parentes e amigos, anciosos pela sua saúde periclitante. Entro no quarto, onde numa atmosfera de paz e calma, repousava Lobato, tendo

ao lado apenas sua inseparável e dedicada esposa. Faço correr o zip da janela existente na parede lateral da tenda de oxigênio, em que êle estava usando desde a véspera, e procuro observar por ela o estado do doente. Abrem-se as pálpebras com o ruído, e por entre a floresta cerrada das sobrancelhas, dois olhos vivos, brilhantes de curiosidade, procuram se orientar e descobrir, na semi-obscuridade do ambiente, o significado daquela situação.

- «Quando foi que morri?», pergunta êle calmamente. Procuro responder, enquanto coloco o aparelho para tomar a tensão arterial, mas êle continua, observando a presença não reconehcida:
- «A única coisa que não estou entendendo é esta sua cara aí. Afinal estou morto ou não?»

Fiquei em dúvida se Lobato brincava ou falava seriamente. Apesar de saber que em numerosas circunstâncias dramáticas de sua vida cheia de aventuras, nos momentos mais inesperados, êle resolvia uma situação com uma pilhéria, pareceu-me que em face da morte tal coisa não se poderia esperar. Lembremos que desde a véspera, há mais de 24 horas, Lobato estava em estado sub-comatoso, praticamente alheio à vida. Retomando a consciência num ambiente escuro, tendo por cima e pelos lados, cobrindo completamente o leito as paredes da tenda de oxigênio, a idéia de que realmente estava morto deve ter surgido em sua imaginação. Confesso que fiquei um tanto abalado com a curiosidade serena com que Lobato fêz estas perguntas, como quem está procurando simplesmente se informar sôbre o seu paradeiro, sentindo-se num local desconhecido. Sòmente bem mais tarde, quando tomei conhecimento da carta escrita a seu amigo Godofredo Rangel, foi que descobri que há já algum tempo Lobato alimentava uma curiosidade extraordinária no sentido de descobrir o que havia «do lado de lá». Percebi então que aquela pergunta tinha sido feita seriamente, e que a aparente irritação com que êle tomou consciência da presença do médico, era realmente a irritação de quem parece ter encontrado a solução de um problema e sente-se subitamente frustrado.

fle amava a vida entretanto. Nos dias seguintes, à medida que ia melhorando, com que entusiasmo êle acompanhava os progressos diários da recuperação. Com que insaciável curiosidade se informava sôbre os aspectos tão curiosos de seu quadro clínico. Lembro-me por exemplo o dia em que êle começou a receber as aplicações de ionisação transcerebral e descobriu que seu cérebro transformara-se em uma espécie de laboratório, em que se processava a eletrólise do sal terapêutico. «Veja Purezinha», comentava êle, animado, com a esposa, «veja o que êstes homens descobrem!»

E' difícil resumir para um leitor leigo o quadro clínico de Monteiro Lobato. O icto cerebral que o acometeu, ocorreu em consequência de um espasmo vascular localisado no cortex do lobo ocipital. Dêle não resultou qualquer paralisia ou distúrbio da consciência. Restou entretanto uma sequela que é bastante rara na patologia neurológica: uma alexía, sem o menor componente afásico, apresentando entretanto uma agrafia bem nítida. Estranha esta coincidência. Um cérebro como o de Lobato atingido

exclusivamente em duas funções que eram nele tão extraordinariamente desenvolvidas: a leitura e a escrita. Nos primeiros dias após o icto as manifestações aléxicas eram bem nítidas. O doente enxergava perfeitamente, podia acompanhar com o dedo o contorno das letras impressas na capa de um de seus livros mais queridos. Não era capaz, entretanto, de relacionar os símbolos gráficos com o seu significado. «Estranho isto», dizia êle, «estou como se tivesse acabado de entrar no grupo escolar». «Como é possível que eu não saiba o que está escrito neste livro!» Com a escrita o mesmo se verificava. Era capaz de realizar uma cópia servil, sendo incapaz de realizar a transposição de uma grafia em letra de forma para a manual.

Tudo isto pode levar a crer que fosse enorme seu desespêro em face desta situação. Poucas vêzes entretanto o encontrei irritado com sua moléstia. E' verdade que a recuperação foi se fazendo tão rapidamente, que o doente sentindo os seus progressos diários, sabia que a cura estava próxima, como de fato se deu em duas semanas aproximadamente.

Muito raramente tenho encontrado, mesmo em publicações especializadas, a descrição de um quadro de alexía tão puro como o que apresentou Lobato. As letras transformaram-se em traços sem qualquer sentido simbólico. Certas vêzes, algumas palavras de uso mais automático, transpunham a barreira e eram lidas ou escritas, surgindo na consciência acompanhadas de exclamações de entusiasmo verdadeira infantil.« Quando é que vou passar para o segundo ano?» perguntou-me êle um dia, rindo daquela maneira expontânea e contagiante. Recordo-me do dia em que fiz um teste para averiguar a percepção do sentido de uma história em quadrinhos. Entreguei-lhe um livro de W. Busch e pedi que me contasse a história. O doente, solícito e interessado, foi acompanhando, quadro por quadro, descrevendo a sequência da histórieta. Ao terminar, o espírito irreverente de Lobato fêz o comentário. «Mas que historinha mais idiota, doutor, não tem aí alguma coisa melhor?» Consciente como estava do desenvolvimento favorável que ia tomando a recuperação, parecia querer aproveitar a singular experiência que estava tendo de aprender a ler e escrever por uma segunda vez. Quando conversei mais tarde com êle, depois de completamente restabelecido, sôbre o que sentia quando não podia ler ou escrever, fêz-me considerações extraordinariamente interessantes; impossíveis de serem desenvolvidas em uma revista leiga, que constituem uma notável contribuição para a teoria exposta por H. Jackson sôbre os distúrbios da linguagem.

Curado Lobato da sequela resultante do primeiro icto, apresentou-se então o problema de prevenir um seguinte, que poderia ser fatal, como infelizmente o foi. Apesar de perfeitamente consciente de que sua vida pendia por um fio, êle recusava-se a aceitar qualquer prescrição que o privasse do contacto com os amigos que tanto apreciava, ou de trabalhar horas a fio, como o fêz nos últimos tempos, pondo em ordem sua vida antes de deixá-la. Certo dia em que chamava sua atenção, êle me respondeu incisivamente: «Olhe, doutor. Perca a esperança. Você acha que eu quero

viver mais alguns anos, para ficar prêso em casa, comendo arroz cozido em água, sem poder sair ou conversar quanto eu quero?»

Lobato viveu como quiz até o seu último dia. O segundo icto fulminou-o instantaneamente. Quando cheguei à sua casa naquela fria madrugada de domingo, êle já estava morto, com uma estranha expressão de calma e serenidade na face.

História de uma entrevista

M. TULMANN NETO

No décimo terceiro volume das obras completas de Lobato, dedicado a prefácios e entrevistas, a primeira que aparece entre estas últimas tem uma história, e é a que se propõe aqui relatar.

A colocação inicial do documento no referido livro já demonstra a importância que lhe emprestava o próprio autor. Realmente, foi a mais importante entrevista concedida pelo anti-imperialista do «Escândalo do Petróleo», não sòmente no sentido jornalístico como, principalmente, na configuração do pensamento político do famoso escritor, coisa que muita gente negava existir, êle inclusivé, em meio de tiradas irônicas ou pessimistas.

Como motivo de sensação jornalística, deve ser recordado que a entrevista apareceu em plena agonia do DIP, — enquanto a guerra atingia também ao seu fim — e ajudou muito em acabar com o monstrengo do Estado Novo, que tanto sofrimento causara a escritores e jornalistas, especialmente a Lobato, como é sabido.

Pela primeira vez em sua existência, o «Diário de S. Paulo», que a publicou, foi reimpresso uma semana depois, para atender a numerosos pedidos. Deve ter sido um fato inédito na história da imprensa brasileira. Vários outros jornais, sem ser da «cadeia associada», reproduziram-na. Em diversas cidades do interior, foi também impressa em folhetos, como resultado de coletas populares, feitas espontaneamente, em demonstrações irreprimíveis de entusiasmo pelas palavras corajosas que continha.

* * *

Em março de 1945, época em que se lutava pela reimplantação da democracia em nossa terra e, sobretudo, pela anistia aos presos políticos, sugeri ao editor Artur Neves que conseguisse de Lobato uma entrevista sôbre problemas políticos. A hora era propícia para êle falar e a idéia foi aceita.

Quando recebi a entrevista escrita (Lobato escrevia as suas entrevistas de maior responsabilidade, pelo receio quase pânico de que o seu pensamento fosse deturpado pela negligência ou incompetência dos reporteres...) tinha em mãos uma verdadeira «bomba». Fazia a apologia do regime socialista contra a ordem capitalística. Considerava Prestes um dos maiores brasileiros e que pagava há longos anos no cárcere o «crime» de ser patriota, de lutar pelo progresso e pela democracia. «E' graças aos comunistas que hoje apodrecem nas cadeias que a realização do sonho socialista se aproxima», constatou, considerando dialeticamente os efeitos da brutal reação.

«A nossa ordem social baseia-se na miséria», foi outra de suas verificações, analisando a situação dos trabalhadores do campo e das cidades e pra acabar com êsse estado de coisas foi «que o sonho socialista surgiu». Tratou, também, da inflação monetária — e da mentira ditatorial estadonovista — e os profundos reflexos da crise que se daria com a deflação, com os efeitos da segunda grande guerra mundial, prevendo, com razão, que na Europa e na Ásia haveria a passagem da «Ordem Social Capitalista para a Ordem Socialista, mais ou menos como a Rússia».

Falou com simpatia da experiência da U.R.S.S.: — «O que a Rússia fêz nesta guerra, e o que está fazendo na ciência, na educação e em todos os setores da vida humana é o maior dos milagres modernos — e essa vitória da experiência russa, meu caro, não pode mais ser oculta aos olhos de todos os paises: está aí a crise do mundo. Não há país que vagamente não queira experimentar em sua carne a experiência que o russo fêz a princípio com dor, finalmente com sucesso pleno. E como hão de os privilegiados do mundo — a 1% — conter os desejos, os ímpetos, a avalanche dos 99% da humanidade?» Muitos atribuem ao padre Saboya de Medeiros, o título de «grande eleitor» de José Maria Crispim, o deputado tederal mais votado nas eleições de dezembro de 1945, por causa da rumorosa sabatina radiofônica em que o trêfego jesuíta não conseguiu levar a melhor sôbre o dirigente comunista. Entretanto, se alguém merece êsse título — além da fôrça de organização do P.C.B. e do próprio povo paulista - é Lobato. Foi companheiro de prisão de Crispim e fêz dêle na entrevista os maiores elogios — «modesto operário — mas, que alma grande, que imenso coração, que nobilíssima inteligência!»

«Tomem nota — afirmou ainda — dêsse nome. Será um dos grandes nomes do dia de amanhã — e eu aqui declaro que perto dele me sinto tremendamente pequenininho...»

Nove meses depois, de fato, Crispim era o primeiro mandatário do povo paulista na Assembléia Constituinte Nacional.

Ao final, não resistiu aos seus pendores de livre pensador e passou uma grande descompostura no Papado, vaticinando que Pio XII viria ainda um dia exilado para morar em luxuoso hotel no Brasil.

Levei as sensacionais declarações para o jornal e houve receio de publica-las. Fizeram mil consultas, a entrevista andava de mão em mão, de um chefe para outro, e acabou sumindo misteriosamente da mesa de um colega, que fora encarregado de fazer o «tro-lo-lo-ló» de apresentação.

Fiquei desolado com o desaparecimento e o mesmo aconteceu a Artur Neves. Nem êle nem eu estavamos com coragem de comunicar a Lobato o estranho ocorrido. Além do mais, eu nem conhecia o criador de Jéca Tatú, e não estava disposto a levar um estrilo lobatiano, na emergência de ir conhece-lo pessoalmente, para avisar de coisa tão desagradavel. Neves encheu-me de coragem. Fosse em casa de Lobato, explicasse o que sucedera e talvez (se êle estivesse de bom humor...) acederia em reconstituir a grande entrevista. Iria apenas preveni-lo da visita, sem dizer o motivo, mas, com o seu feitio diplomático, prometeu preparar o espírito do escritor para me receber sem pedras na mão e palavras duras contra a covardia e os interêsses subterrâneos de certa imprensa.

* * *

Na tarde de domingo em que bati à porta da casa da Aclimação, onde então morava o escritor, e dona Purezinha fez-me entrar na sala, devia mostrar na fisionomia tôda a inquietude dos moleques das histórias do pai de Narizinho Arrebitado, após as suas terríveis trampolinagens.

— Dr. Lobato, sou fulano de tal e venho lhe dizer que aconteceu uma grande desgraça! — explodi numa enfiada, quando êle avançava por uma porta, sorrindo, de mão estendida.

Estacou. Deu-me a mão, enquanto com a outra fazia sinal para que me sentasse na poltrona defronte à janela, com um ar chocarreiro, interrogativo, ao mesmo tempo que tomava lugar na cadeira-de-balança próxima.

Disse-lhe tudo, com um tom bastante infeliz, mas muito sincero e convincente. Não veio o esperado estouro. Pelo contrário, muito amavel, compreendendo a situação, logo prometeu fazer a reconstituição da entrevista, convencido de que lhe falava a verdade.

E dentro em pouco, «puxava» prosa em torno dos assuntos que focalisara na entrevista. Fêz de tal forma, que me senti animado a dar opinião sôbre êste ou aquele ponto, pedindo ou sugerindo que atenuasse esta
ou aquela verrina, como a referência ao papa, lembrando os desgostos
que sempre produz a discussão do problema religioso em forma preinatura ou apressada. A todos os reparos, êle respondia com bonhomia, fazendo rápidos e contundentes comentários, ou concordando sorrindo, lembrando sempre «causos». A verdade é que dois trabalhadores intelectuais
confraternizavam-se na prosa longa: um famoso escritor, de cabelos encanecidos, firme e atento aos problemas da nossa gente e de nossa terra,
e um humilde reporter, feliz por haver conseguido a sua maior entrevista.

Dois dias depois a cópia ou reprodução prometida estava na redação, escoimada pelo próprio Lobato dos pontos que feria demais a sensibilidade secretarial (como por exemplo a história da mudança do papa para o Brasil e a pressão dos imperialistas norte-americanos para que não vendessemos café para a União Soviética) e desta vez, com a ajuda de Olinto de Castro, que fêz os sub-títulos, aventurei-me a fazer o «nariz de cera» de apresentação. Quando o dirigente comunista Ventura, falando em majestoso comício na praça da Sé em pról da anistia de Prestes e demais presos políticos anti-fascistas, dias após, citando palavras de Lobato naquela entrevista, o jornalista compreendeu que poderia ter orgulho do

trabalho que prestara para a concretização de uma justa aspiração do povo, pela paz mundial, pela liberdade, pelo progresso e pela democracia em nossa pátria.

Jéca Tatú estava transformado em Zé Brasil.

Monteiro Lobato, O folclore e o çaa cy perereg

ALCEU MAYNARD ARAUJO

No Brasil, quando alguém fala em folclore cita, sem dúvida, os seus luminares: Sílvio Romero, Pereira da Costa, Melo Morais Filho, João Ribeiro e Mário de Andrade; não raro deixam de mencionar Amadeu Amaral, Luciano Gallet, Lourenzo Fernandes e outros que, entretanto, não deixam de constituir uma pleiade brilhante de folcloristas. Vejamos por exemplo, o que se passou com três folcloristas paulistas, dois ainda vivos.

Quando se organizou a Sub-Comissão Estadual de Folclore de São Paulo, órgão da Comissão Nacional de Folclore, lamentavelmente dois nomes foram esquecidos: Cornélio Pires e Marcelo Tupinambá. O primeiro é o prototipo do observador participante, um pesquisador de campo inimitavel; o segundo, o compositor que tem utilizado do material vivo que vive nos cantares de nossa gente. Quanto ao terceiro, Lobato, com certeza, ignorava-se o seu pioneirismo em folclore, pois todos nós, que ainda traziamos o encantamento dos nossos serões infantis ao lado de Dona Benta, traquinando com Emília, acompanhando as reinações de Narizinho, não nos lembramos de que dentro de sua multifária atuação havia também uma no terreno inventado por William John Thoms, êsse inglês que se escondia sob o pseudônimo de Ambrose Merton — o Folclore.

Não pretendo analisar a personalidade de Monteiro Lobato como fixador dêsse tipo de nosso cabloco que êle anima em Jéca Tatú, e muito menos como o criador do Cel. Tatuira tipo agonizante de nosso feudalismo, aliás um quase mito folclórico, (parodiando Luís da Câmara Cascudo, classificaria êsse mito entre os da «agonia nacional»), mas vejamos, de relance, Monteiro Lobato como pesquisador de folclore, correndo atrás dêsse unípede ligeiríssimo que é o Sací.

A vida e a obra de Lobato estão vasados no seu amor à gente brasileira. Seu interêsse pelos nossos problemas econômicos, seus planos e suas atividades em favor de nossa cultura tinham como substratum animador o desejo de beneficiar a grande massa anônima das nossas populações. Há muitas formas de demonstrar o sentimento de brasilidade. Monteiro Lobato, ao exteriorizar êsse sentimento, esteve sempre longe de pensar nos «brasileiros de quatrocentos anos», na «fina flôr da inteligência» e quejandas mais que cheiram à genealogias e à discriminação de classes e raças. Para êle o Brasil era a massa das nossas populações anônimas.

Não é de se estranhar, pois, que Monteiro Lobato tivesse voltado sua atenção para o folclore, para os cousas do povo.

E o felelore na vida e na obra de Lobato necessita um estudo especial. Não tanto para revelar como êle penetrou numa e noutra. Sabemos como Lobato foi animador e divulgador do nosso folclore. Nas obras suas e de outres que editou, na «Revista do Brasil» de que foi diretor, o folclore mereceu sempre uma acolhida especial. Ele próprio entregou-se a uma inquérito. E sua literatura de ficção, especialmente a que se dirige às crianças, está repleta de elementos colhidos da tradição viva da nossa gente.

Todavia, o problema apaixonante que apresenta o tolcicre na obra de Lobato é a compreensão, a feição mesma que o folciore nela ganhou. Por certo, Monteiro Lobato não se prendeu muito às chamados «peças crtísticas» da tradição popular. Os elementos folcióricos são identificados de tal forma com a vida, com o dinamismo mesmo das personagens que não podem se separar como cousas à parte, dignas de museu e de colecionadores. Se têm um valor estético, não o têm fora da própria existência tôda. Prendem-se aos indivíduos e aos ambientes, fazem parte da trama da narração de tal modo que nem sempre se pode separar o elemento emprestado à tradição popular da inovação criadora do escritor. As histórias de Dona Benta devem muito ao nosso folclore, mas a imaginação de Lobato tudo modificava e inventava. E, na verdade, o folclore vivo, o folclore na bôca dos nossos contadores de histórias não é isso mesmo: um misto de tradição e de criação pessoal?

Bem sabemos que antes da Sociedade de Etnografia e Folclore, ramo simbiótico tão cêdo podado do Departamento Municipal de Cultura, e dessa magnifica Faculdade de Filosofia que tem dado no folclore frutos opimos como Mário Wagner Vieira da Cunha, Nicanor Miranda, Florestan Fernandes, Osvaldo Elias Xidieh, Antônio Cândido, o folclore era estudado e colhido por um número reduzidíssimo de estudiosos. Depois do aparecimento destas duas utilíssimas instituições, é que se tornou sistemático o estudo do folclore em nosso Estado. A Faculdade de Filosofia preparou técnicos e a Sociedade de Etnografia e Folclore, além de nos ensinar o espírito de equipe, congregou todos os estudiosos. Dina e Claude Levy-Strauss mais Mário de Andrade deram vida e orientação a êsses estudos, formando uma escola — «a escola do Mário Andrade», como acertadamente diz o folclorista Ministro Renato Almeida. Certamente é uma verdade que os que se embrenham na pesquisa folclórica, adquirem um treinamento consideravel e, entre nós, em via de regra, o folclore tem sido uma fase de preparo em pesquisa de futuros psicólogos sociais, etnólogos e sociólogos.

Bem antes das explorações metodizadas no campo do folclore, mesmo antes da Sociedade Demológica preconizada por Amadeu Amaral (1) uti-

⁽¹⁾ Amadeu Amaral — in «O Estado de São Paulo», 30-10-1925 e 6-11-1925.

lizando uma técnica singular de pesquisa — o questionário — tão em voga nas pesquisas de ciências sociais, aparece como pioneiro nesse campo o saudoso Monteiro Lobato. Lançou mão dessa tecnica no inquérito que realizou através de «O Estado de São Paulo, edição do «O Estadinho», de 28 de Janeiro de 1917. E em verdade, foi o Estado, o primeiro jornal paulista a dar atenção ao folclore, acolhendo e animando os novos folcloristas e incentivando o registro de dados pelos seus leitores. Será uma tradição deixada por Monteiro Lobato e carinhosamente velada pelos diretores daquele importante matutino paulista até hoje?

Em «Geografia dos Mitos Brasileiros», (2) Luís da Câmara Cascudo diz:

— «Quando se fala no Sací sabe-se do «inquérito» que Monteiro Lobato dirigiu e que resultados extensos denunciou para a existência fantástica do duende negrinho».

Monteiro Lobato não quis apanhar o Çaa cy perereg com um rosário de capim e muito menos espantá-lo com palavras cabalísticas de sincretismo afro-católico, rezadas, resmungadas quando a voz está embargada pelo susto ante sua aparição, mas o rosário foi um inquérito lançado no redemoinho de tôdas as histórias que se contam sôbre o buliçoso negrinho de uma perna só. E quanta gente «por êstes Brasis afora» que afirmou ter visto Sací, e quanta reza não foi gasta para espantá-lo!!!

Monteiro Lobato, o brasileiríssimo Monteiro Lobato, lembrou certa vez a necessidade de se dar forma corpórea ao sací, isto é, fazer-lhe uma estátua. Em «Idéias de Jéca Tatú», pág. 173, diz êle que, ao embelezarem êsse lindo jardim que é hoje a Praça Siqueira Campos, ao em vez de colocarem grupos esculturais representando as estações deveriam «em vez de classicismo daquelas estações, um ou dois sacís-pererês espiando por ali, numa simbiose com aquelas árvores». Na sua verrínica página «A mata virgem, Mr. Deibler e Zago», êle se conformava com a atenção que fosse dada ao nosso Sací, fazendo-lhe uma estátua, embora fôsse ela «esfolada» por Zago!

Que tal, se em Taubaté, sua terra natal, onde agora fundaram a SOCIEDADE DE HISTÓRIA E FOLCLORE e que o Museu Municipal vai ficar sob a direção dessa novel entidade cultural e científica, mudassem-no para a casa onde nasceu Lobato, e na «Chácara do Visconde», dentro das taipas que a circundam, colocassem muitos sacís espiando por ali...? Que essa sugestão se transforme em realidade pelas mãos de Almeida Feo e Gentil de Camargo juntamente com os demais membros da Sociedaed de História e Folclore de Taubaté!

E êsse negrinho de um pé só, brincalhão, que passa correndo nas trilhas que há séculos palmilhou o povo tupi, pois foi por onde passaram nossos avós índios, caminhos estudados por Curt Nimuendajú, que êsse mito se espalhou, êsse negrinho que fuma, brinca e é mais travesso que um Ciapodo enropeu, êsse negrinho que é o mito-síntese de três raças, que em três séculos distantes gerou a alma nacional, êsse negrinho que

⁽²⁾ Luís da Camara Cascudo — GEOGRAFIA DOS MITOS BRASI-LEIROS — pág. 130 — Livraria José Olympio-Editora, 1947.

tem muito de tupí, a côr e o rosto de africano, o barrete vermelho do nauta luso, foi êsse pobre negrinho sem estátua que viu a sua vida e seus feitos escarafunchados no inquérito demonológico feito pelo saudoso Monteiro Lobato!

Ao pontofinalizar êste artiguete, lembraríamos a necessidade de se fazer um estudo detalhado sôbre Monteiro Lobato e o Folclore. Poderíamos apontar, de partida, três elementos que acima nos referimos e que são dignos de serem estudados: a) o vasto conhecimento que êle tinha do nosso folclore, e como êle o utilizou tanto na literatura infantil como na de adultos; b) a acolhida e o incentivo que êle deu ao folclore em sua «Revista do Brasil»; c) o inquérito sôbre o sací.

Lobato e o espíritismo

HUGO DE BARROS

Diversas publicações espíritas noticiaram que Monteiro Lobato, nos últimos anos de sua vida, se havia convertido ao espritismo, o que exige uma retificação. Se é verdade que êle olhava para os espíritas com muita simpatia, pois sempre viu neles homens sinceros e honestos, não é menos verdade que jamais abdicou de sua condição de livre atirador. Admitia a sobrevivência, é inegável, mas dela nunca teve plena e absoluta convicção, como se pode concluir da última carta que escreveu a seu velho amigo Godofredo Rangel:

«Não é impunemente que chegamos aos 66 de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim, — foi um aviso — um preparativo. E de agora em diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a «grande viagem», coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Si morrer, é apenas «passar» do estado vivo para o de nãovivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no «ALEM»! Isto aqui, o corporal, já está mais que sabido e já não me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas; isto mesmo que tenho aqui, mas sem o corpo! Maravilha, sim. Não mais tosse nem pigarros nem... da coisa orgânica.

E si não fôr assim? dirá você. E si em vez da continuação da

vida a morte trouxer extinção total do sêr?

Nesse caso, vis-ótimo! Entro já de cara no NIRVANA, nas delícias do NÃO-ser. De modo que me agrada o que vem aí; ou continuação da vida, mas sem êstes órgãos já velhos e perros, cada dia com peor funcionamento, ou o NADA!...»

Lobato encarava o espritismo como um investigador, mas não como um crente, e jamais, entre outras coisas, poude entender o valor e a utilidade das preces que são ditas numa sessão espírita. Chegava mesmo a ironizar os místicos «graças a Deus» que dizem os crentes diante de qual-

quer fenômeno porventura constatado numa sessão. Além disso, seus conhecimentos teóricos da doutrina eram dos mais limitados, pois lera apenas superficialmente alguns livros de Allan Kardec. Aceitava, entretanto, a hipótese do «sexto sentido» formulada por Charles Richet e, como disse acima, embora ironizasse certas práticas, era grande o seu respeito pelo espiritismo e seus adeptos. E disso posso dar meu testemunho pois, muitas vêzes tive a oportunidade de assistir discussões suas a êsse respeito. Ficava contrariado com pessoas que procuravam negar os fatos espíritas, atribuindo ao charlatanismo e à fraude os fenômenos por ventura observados numa sessão espírita. «Fraude é uma coisa e espiritismo é outra completamente diferente», dizia êle. Nessas ocasiões costumava contar que já assistira diversos fenômenos realmente interessantes que haviam desarrumado por completo tôdas as idéias pacientemente arquivadas nas prateleiras de seu cérebro, embora a arrumação primitiva houvesse sido feita com o máximo cuidado.

De tudo isso se conclui que Lobato tinha pelo espiritismo um grande respeito e um grande interêsse, mas não se pode de forma alguma concluir que êle se tenha tornado um adepto da religião de Allan Kardec.

Lobato Publicitário

PEDRO NEME

Muito já se escreveu sôbre Lobato como escritor, tradutor, pioneiro, homem de ação. Entretanto, nada até agora se escreveu sôbre Lobato como homem de propaganda que êle também foi. Sim, porque além de um propagador de idéias no sentido geral, a serviço dos homens, no campo da cultura e na defesa da terra, Lobato também foi um publicitário especificamente comercial. Foi um técnico em anúncios, profissão atualmente muito bem paga.

Ao que me lembra, seu primeiro grande trabalho como publicitário foi quando adatou o Jéca Tatuzinho à propaganda de dois preparados farmacêuticos: Biotônico e a Anquilostomina Fontoura.

Como todos devem estar lembrados, Lobato apareceu como homem de letras com suas famosas verrinas contra o caboclo, ao tempo do seu «Velha Praga». E é lógico que eu discorde dos seus ataques ao matuto, ataques que faziam dêste indolente por natureza. E a prova de que tenho razão, reside no fato do próprio Lobato ter criado o Jeca Tatuzinho, em cujo texto reconhece como uma das causas do «plantando dá», a doença, somada com a falta de alimento, e o abandono dos pais da pátria. Foi portanto como publicitário comercial que Lobato entrou para o bom caminho. Rota segura e esclarecida que o levou até o fim, culminando com o aparecimento do Zé Brasil, um panfleto que entrará na história da literatura brasileira como convidado de honra.

Vimos assim que, já de comêço, foi como publicitário que Lobato conseguiu provar sua grandeza. E, sem dúvida, uma grandeza proveitosa para os fabricantes daqueles produtos que — consultadas as estatísticas teremos a verdade — deveram sua penetração no mercado a êsse veículo inteligentemente elaborado.

Como folheto de propaganda o Jéca Tatuzinho está só. Não só por ter sido o primeiro e único, mas também pela tiragem, algo espantoso no gênero: até agora 16 milhões de exemplares. E não devemos nos esquecer de que Lobato abordou o tema pelo lado negativo, o processo mais difícil da divulgação do anúncio. A explicação do sucesso está na sequência recuperadora e na personalisação indireta do assunto. O lado aventureiro do tema também muito contribuiu, já que todos nós temos um pouquinho de Crusoé no sangue.

Com o J. T., Lobato entrava no campo da publicidade como redator, ou «copywriter», vocábulo corriqueiro nos meios propagandísticos. Um dos primeiros, e o mais famoso. Mas, sua função de homem de propaganda não parou aí, pois Lobato, ao que sei, redigiu e revisou muito texto de tôda a linha Fontoura durante vários anos. Essa informação eu colhi na Standard, emprêsa que em certa época distribuiu a propaganda da Fontoura. E' a integração corpo e alma de Lobato a mais êsse meio de vida. Integração que se estendeu a muitas de suas atividades. Na editôra que levava seu nome e na que transformou em sociedade, Lobato sempre tirou uma casquinha contribuindo com suas idéias publicitárias. A «Revista do Brasil», fundada por êle, não deixou igualmente de ser um veículo de propaganda. A União Jornalística, mais tarde, então foi passo extremo dentro da profissão. Ele a adquiriu para fazer a propaganda comercial de sua companhia de petróleo. Também para uma campanha eleitoreira... que não sei no que deu, pois tudo ficou escuro num certo 10 de novembro. Essa fase, portanto, o situa não apenas como técnico em propaganda, mas também como dono de agência de publicidade. Não se poderá negar que Lobato tenha sido um pioneiro e um inovador da publicidade no país, pois sòmente depois dêle é que a propaganda começou a desenvolver-se. Lobato fundou ainda um jornalzinho-revista «Coisas Nossas» para tornar mais fácil a penetração no mercado, das coisas que vendia.

E'é ainda como publicitário que o encontro fornecendo testemunhos da qualidade de certos produtos, a emprêsas de propaganda a serviço de determinados clientes. Um dos exemplos é o fac-símile de um anúncio sôbre máquina de escrever, que reproduzo aqui, acompanhando êste depoimento. Foi tão interessante êsse testemunho, que o cabeçalho — «a máquina tal» é positivamente um términus». — se espalhou e ainda hoje perdura na lembrança de muita gente. Consultando, fui seguramente informado de que êsse anúncio produziu ótimos resultados. Foi ainda, através da mesma carta que Lobato demonstrou sua facilidade para os neologismos ao lançar a público o têrmo «tipar», em substituição a escrever a máquina, longo e pedante. Ao que sei, Manuel Bandeira empregou o mesmo vocábulo. Depois, por certo.

Ainda nesse terreno de colaboração com emprêsas de propaganda — pela sua projeção no cenário nacional, Lobato estava escalado para tomar parte num programa de rádio, patrocinado por uma firma internacional de artigos elétricos. Formou também na propaganda radiofônica. Além



das radiofonisações, há vários anos, de obras suas, — exemplo: o «Sítio do Picapau Amarelo», — ainda pouco antes de morrer, e mesmo nesse interregno, favoreceu a Record com uma entrevista, a meu ver lucrativa ao veículo, mas também proveitosa à América, pelas citações que fêz.

Na propaganda, a função do «copywriter» (redator de anúncio) é não só a de criar os apêlos de venda ou divulgação, mas também de refundir uma idéia, já empregada, e com fundo valioso, acrescentando-lhe outros pontos apropriados à época. Foi o que fêz Lobato na 15ª edição do Jeca Tatuzinho, ao revisá-la. Transformou-o também em «tie-up» das campanhas que a Fontoura vem fazendo de dois outros produtos seus: o Fontol e o Detefon. E é nesse ponto então que topamos com mais um característico de Lobato, publicitário. Sua facilidade em criar «slogans», em parte por sua capacidade repentista de caboclo, em parte por sua simplificação dos meios de expressão. Um exemplo dos seus «slogans» é aquele do «términus», embora tenha sido usado como título, o que muitas vêzes acontece em propaganda. Se alguém se der ao trabalho de compilar sua obra monumental, encontrará sem dúvida, uma boa série de «slogans» de vertical proveito à publicidade comercial. De minha parte, porém, julgo que o mais apropriado deles todos foi justamente o que êle empregou para o Detefon, e ainda estou estranhando não ter o pessoal do Fontoura utilizado como «gingle», incluindo a gravação nas campanhas de propaganda. Refiro-me ao «fon, fon, fon, Detefon», que Lobato associa à buzina do automovel do Jéca rasgando as estradas. E eu completo, ligando-o ainda à buzina infernal da insetarada amolante. Com fundo musical buzinante, teríamos um ótimo discozinho publicitário... à custa de Lobato.

Muito mais, não se poderá negar, há que escrever sôbre Lobato, o publicitário. Não será porém, um simples depoimento para «FUNDA-MENTOS» e sim para um veículo especializado. Meu papel é o de prestar uma singela homenagem a êsse grande brasileiro.

Os começos de Monteiro Lobato

A. N.

E' muito interessante conhecer as primeiras coisas que um escritor produziu, e ainda mais a «primeira». E tivemos a sorte de descobrir a primeira coisa escrita por Monteiro Lobato e publicada no jornalzinho «O GUARANI», dos meninos do Colégio Paulista, na cidade de Taubaté, onde nasceu o nosso escritor. Vamos reproduzir ipsis litteris essa «primeira coisa» — e já de entrada veremos que vem assinada com pseudônimo, uma mania de Monteiro Lobato antes de aparecer «já feito» pelas colunas do «Estado de São Paulo», muitos anos depois. O pseudônimo usado por Monteiro Lobato em seu primeiro artiguinho impresso em jornal foi a palavra «Josbem», de José Bento. Eis o artiguete d'«O GUARANÍ»:

«RABISCANDO...

Como sofria de insonia, escrevi a um conhecido medico perguntando qual o melhor narcótico que êle conhecia, ao que me respondeu: «Caro Josbem: Ha trinta anos que sou médico e sempre tenho empregado como narcótico o ópio, a codeina e outras. Mas ha poucos mêses, lendo a Enciclopédia do Riso e da Galhofa, encontrei lá a seguinte anedota: EMENDA PEOR QUE O SONETO — Um escritor escreveu no primeiro capítulo dum seu livro — outras coisas; na impressão saiu «oltras coisas»; e o editor pôs na Errata «ostras coisas». Isto é o que se chama emenda peor que o soneto». Ao acabar de ler essa «anedota», um irresistível sono apoderou-se de mim, e guando acordei ví que estava alí um narcótico. mais poderoso que quantos conhece a medicina. Tenho-o empregado com admiráveis resultados em quem sofre de insônia, e é de fácil aplicação, porque basta ler duas ou três vêzes. Vou mandar felicitar o Sr. Pafuncio Semicupiu Pechincha, autor de tão maravilhosa descoberta. (Assinado) Dr. Mebsoj». — Nunca empreguei êsse narcótico como manda a fórmula dêsse médico, porque desde êsse dia basta lembrar-me das anedotas do tal Pafuncio para que a insônia fuja espavorida». — JOSBEM.

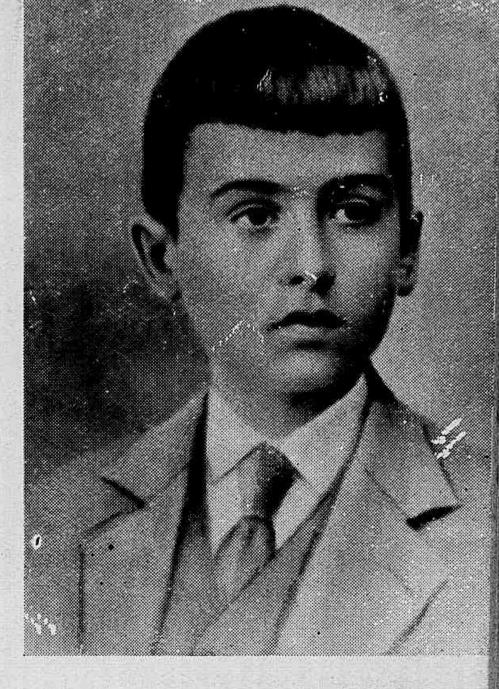
Parece que essa «Enciclopédia do Riso e da Galhofa», da autoria de Pafuncio Semicupio Pechincha, foi um dos primeiros livros que Monteiro Lobato leu, — e muito se impressionou, porque não só fez dêle o objeto de sua estreia na imprensa colegial, como várias vêzes o citou mais tarde, em contos e artigos. No conto «O Engraçado Arrependido», dos «Urupês», ha êste trêcho, a propósito do Sousa Pontes, o tal engraçado:

«Sabia de cór a «Enciclopéa do Riso e da Galhofa», de Fuão Pechincha, a criatura mais dissaborida que Deus plantou no mundo...» Devia ser terrivelmente dissaborida a tal enciplopédia, edição do velho Garnier, porque Lobato leu-a em menino e dela nunca mais se esqueceu.

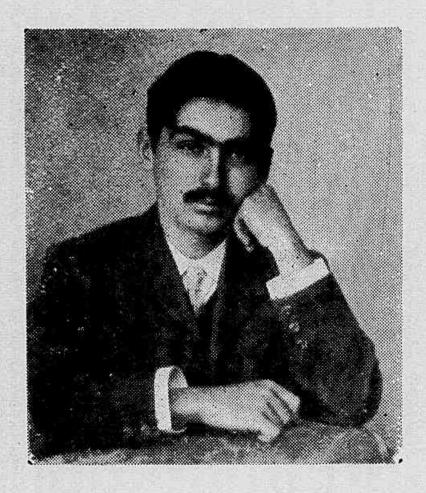
Essa «estréia» de Monteiro Lobato na «imprensa» ocorreu em 1896. Tinha êle pois 14 anos — e já prenunciava o escritor de mais tarde. Estilo correntio, conciso e já a contar coisas. Monteiro Lobato nunca fez estílo por estílo, nunca escreveu sonoridades que nada dizem. Sempre procurou contar alguma coisa, ou arrazar com alguma coisa. A sua fúria arrazadora começou muito cedo. Aos 14 anos já arrazava o tal Semicupio Pechincha, que talvez sobreviva apenas através do que Monteiro Lobato disse dêle no «Engraçado Arrependido».

Lobato em diversas idades

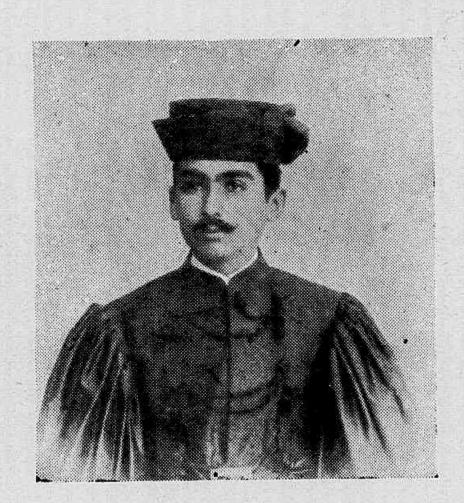
Através dos anos a fisionomia de Monteiro Lobato conservou seus traços característicos: olhar penetrante, sobrancelhas bastas e negras, como asas de uma águia em vôc.



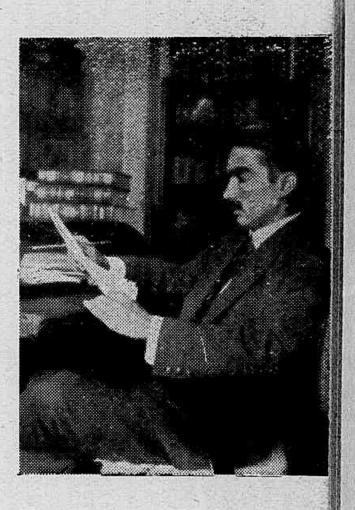
Lobato aos 13 anos



Jovem estudante no tempo do "Cenáculo e do "Minarete"



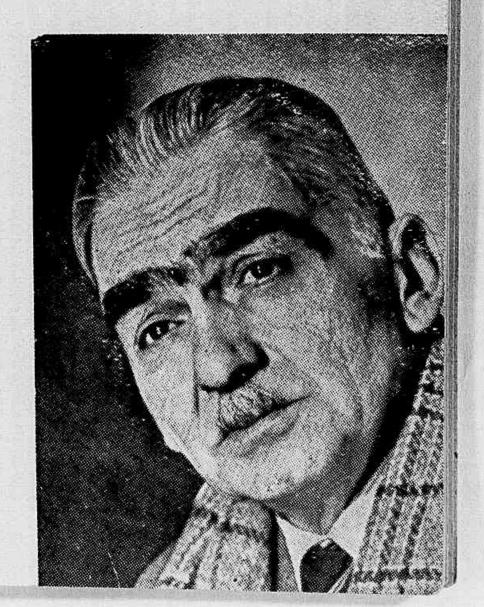
Fotografia de formatura (1908)



No tempo da "Revista do Brasil" ponto de partida de suaatividades editoriais



Em 1923



Em 1947,

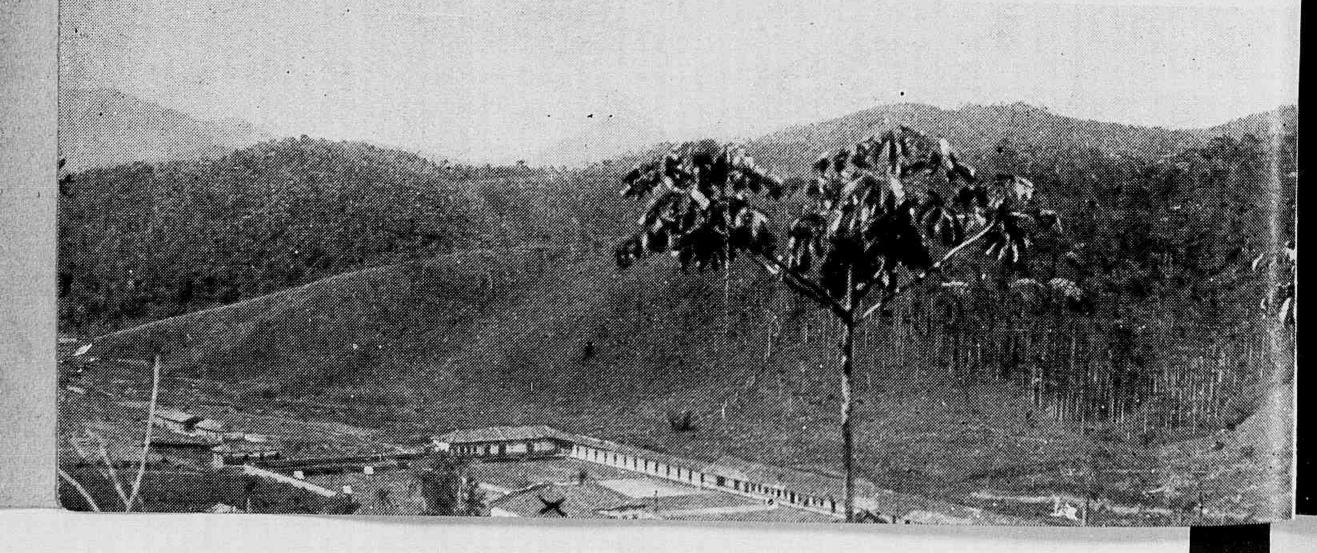
A casa de Campos do Jordão onde Lobato escreveu alguns de seus livros infantis





Vista da rua principal de Areias, vendo-se no primeiro plano, à esquerda, a casa onde Lobato residiu quando promotor publico naquela cidade

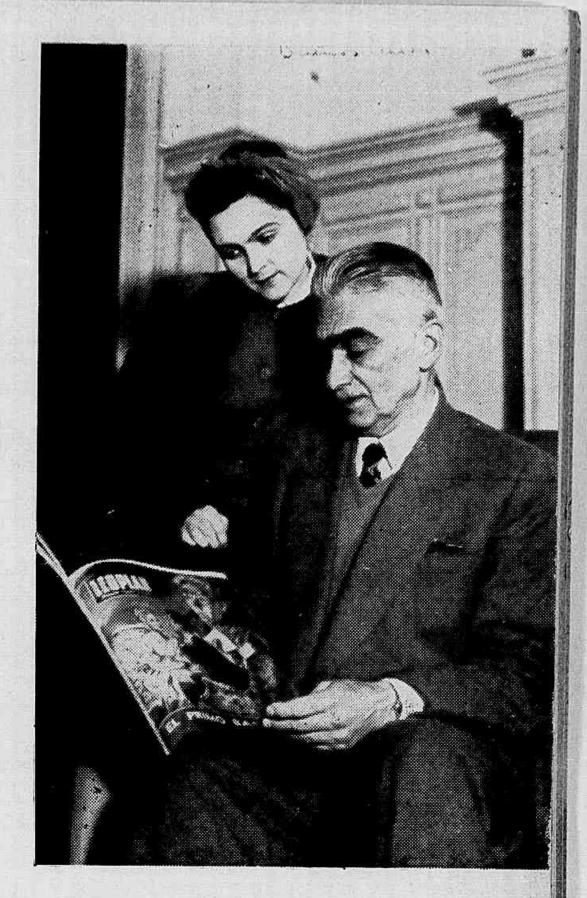
Fazenda São José, entre Caçapava e Buquira, onde Lobato criou o "Jéca Tatu" e escreveu os magnificos contos de "Urupês"



A Família



Fotografia de d. Purezinha tirada por Lobato na fazenda São José, em 1916

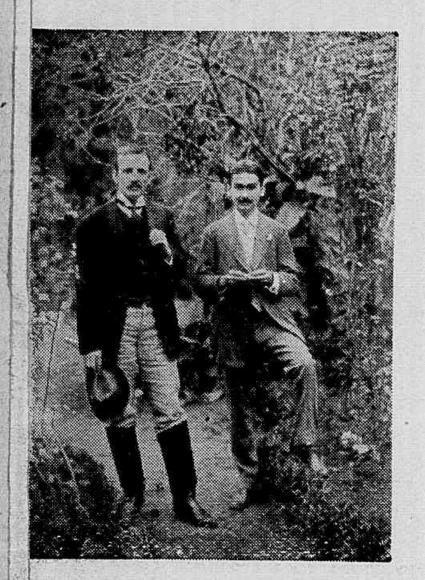


Lobato e sua filha Ruth, logo após sua chegada em Buenos-Aires

O casal Monteiro Lobato em companhia de seus filhos Guilherme, Edgar, Martha e Ruth, nas vésperas de sua partida para os Estados-Unidos







O grupo do "Minarete": - Da esquerda para a direita: Lino Moreira, Tito Livio Brasil, Albino de Camargo, Godofredo Rangel, Candido Negreiros, Raul de Freitas, Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves

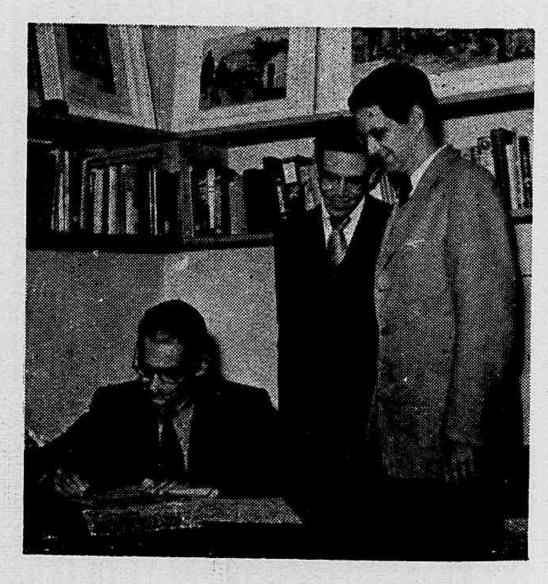
No tempo do "Minarete"

Em Areias, quando promotor publico, ao lado do dr. Hermogenes Altenfelder da Silva, juiz de direito

Lobato e seus Editores



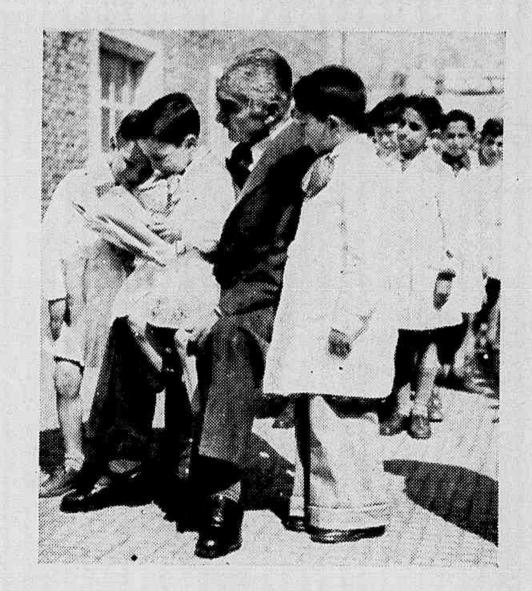
Com Octalles Marcondes Ferreira que foi seu editor até 1945



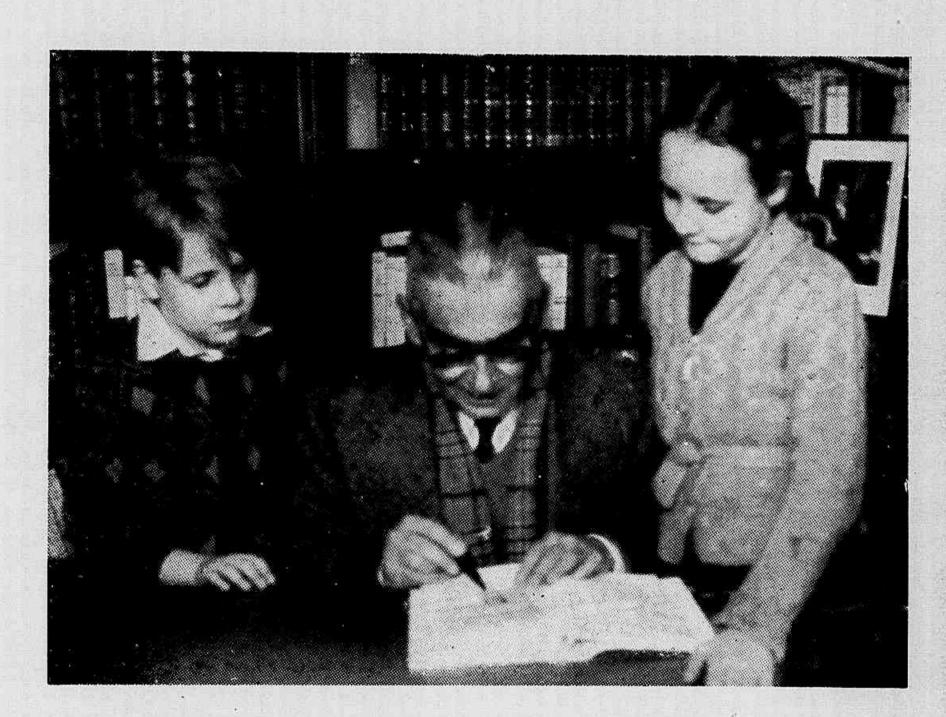
Com Caio Prado Junior e Artur Neves, seus sócios na "Brasiliense" editôra de suas obras completas

Lobato e as crianças

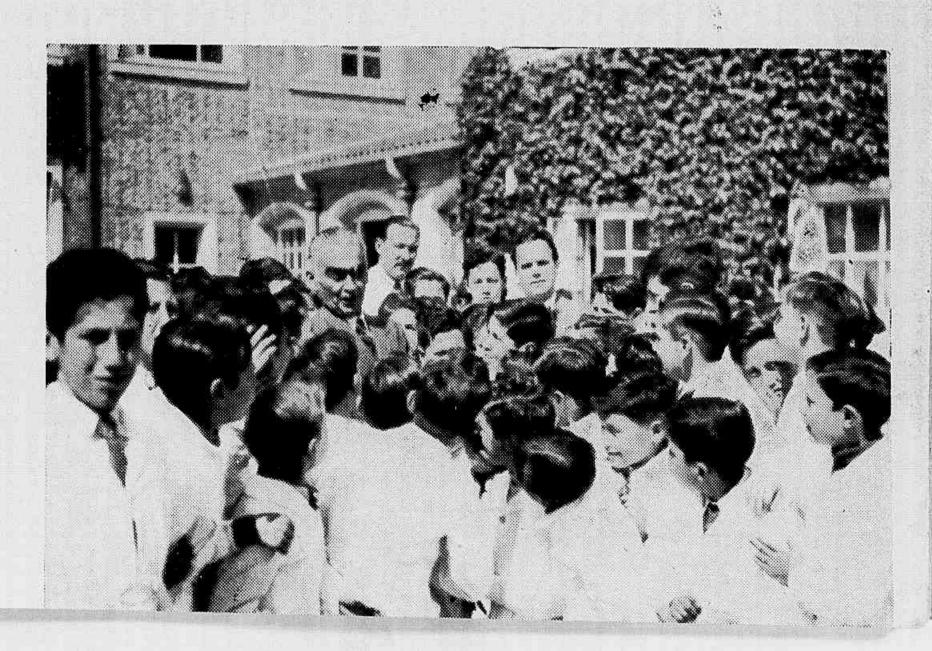
Lobato criou entre os jovens brasileiros o gôsto pela leitura, o amor pela nossa vida e o prazer das belas páginas, contando à infância histórias tão lindas que hoje correm mundo, por diversos paises da América e da Europa. Por tôda parte, elas espalham, sôbre as almas em flor, a poeira luminosa de sua bondade. (Afonso Schmidt)



Na Argentina



No Brasil



Na Argentina

FAC-SIMILE DA ÚLTIMA CARTA DE LOBATO escrita a seu neto Rodrigo que só a recebeu depois do falecimento do avô



RODRIGO



Os parlamentares Taibo Cadorniga, Mario Schenberg e Caio Prado Junior



O dr. Hilário Freire, despede-se do companheiro de lutas pelo petróleo brasileiro

O corpo de Lobato foi exposto à visitação pública na Biblioteca Municipal de São Paulo. Diante do grande morto desfilaram mais de 40 mil pessoas de tôdas as classes e de tôdas as idades. Foi incalculável o número de crianças que levou suas despedidas ao criador de nossa literatura infantil. As totografias que ilustram estas páginas focalizam alguns aspectos do velório e do entêrro.

Tôdas as gerações compareceram ao velório de Lobato

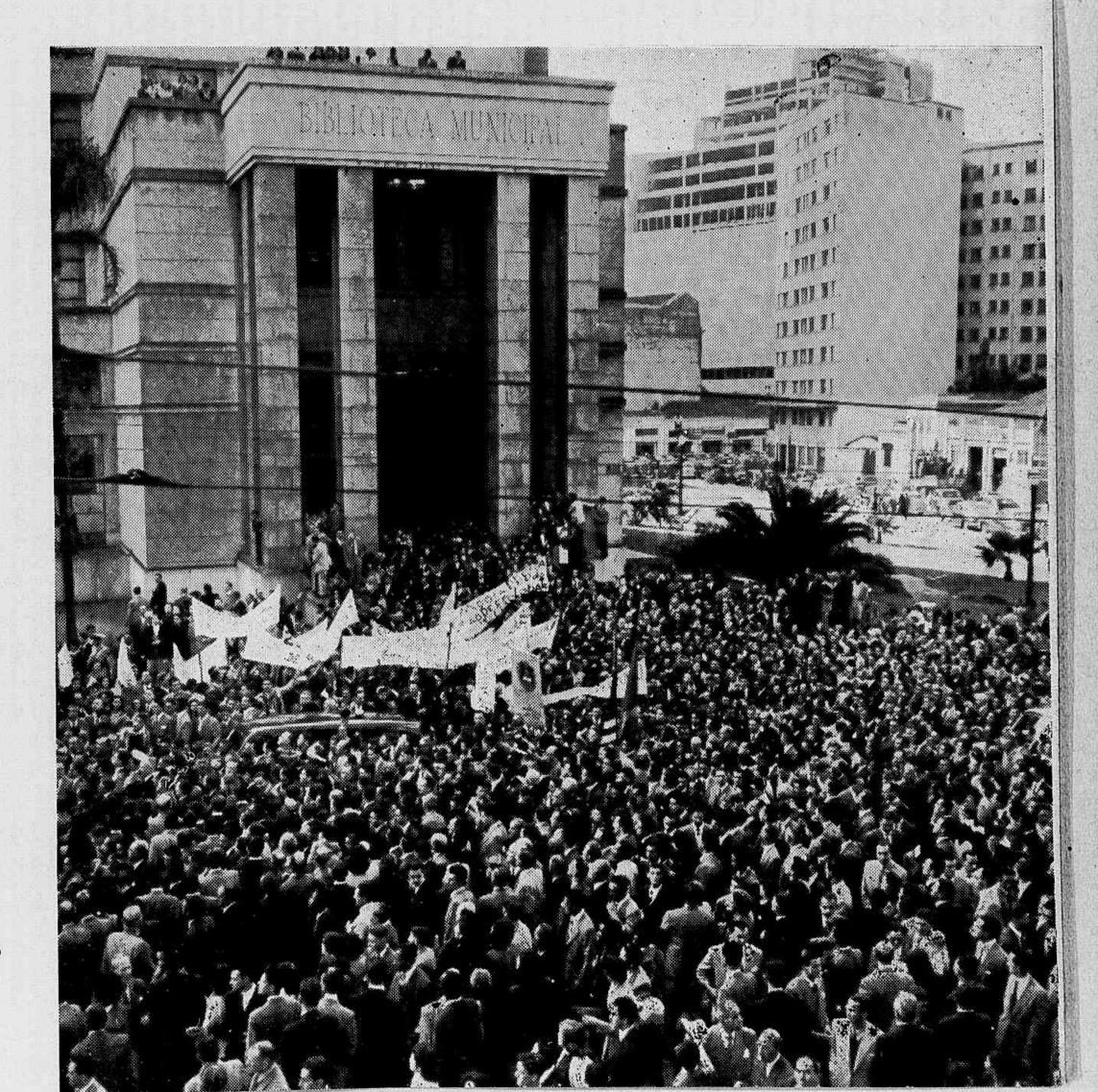




O ator Procópio Ferreira e o poéta Rossine Camargo Guarnieri que falaram à beira do tumulo do grande morto



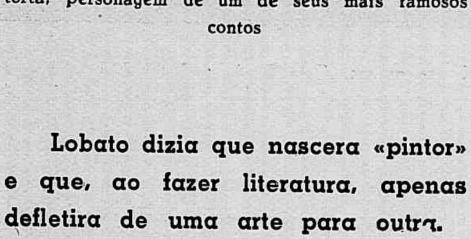
Entre os srs. Caio Prado e Artur Neves, vemos o deputado federal Pedro Pomar que falou nos funerais de Lobato em nome de Luiz Carlos Prestes e dos comunistas

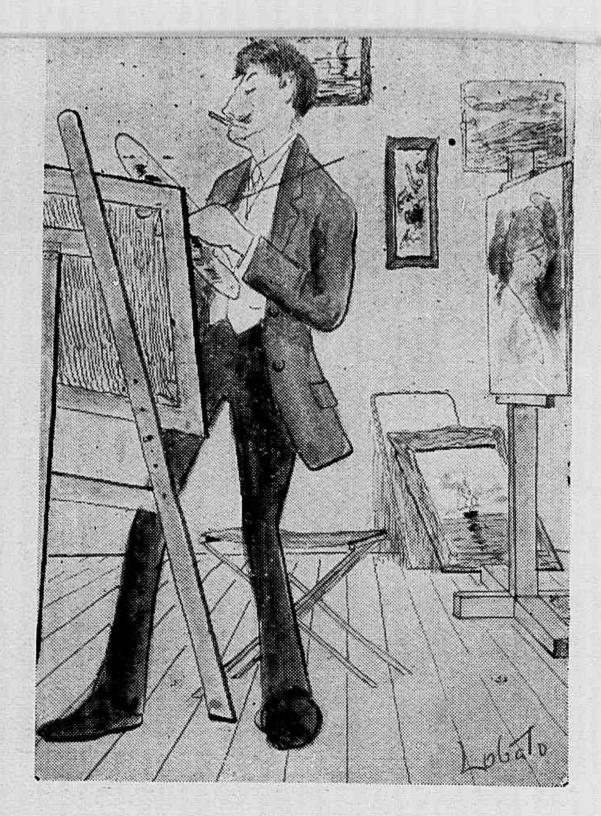


Aspecto do saimento funebre

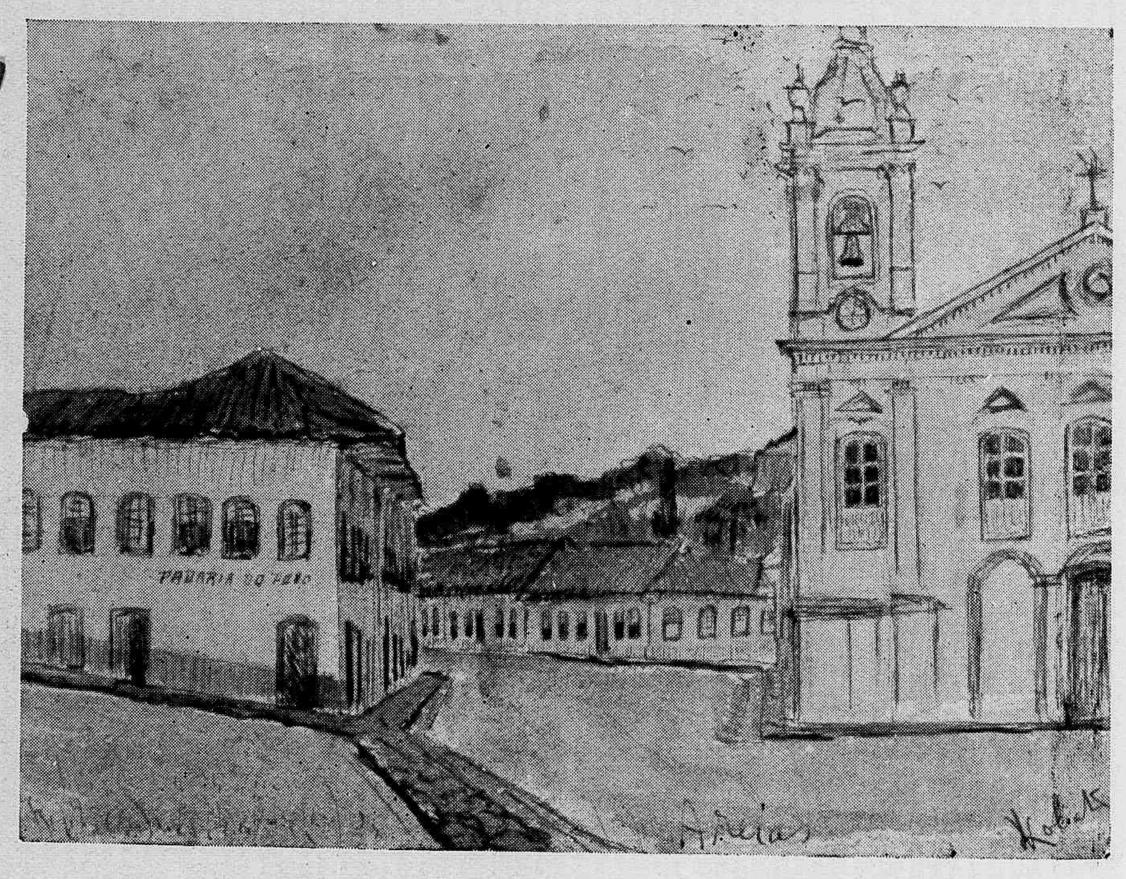


Lobato fixa em desenho o horripilante Bôca torta, personagem de um de seus mais famosos contos





Caricatura



Desenho em que Lobato reproduz o Largo da Matriz de Areias, cidade que serviu de modêlo para a sua "Oblivion"

LITERATURA

Sete cartas loucas

AFONSO SCHMIDT

Carta n. 3

O homem da varinha mágica

Vila Olímpia, 29 de setembro.

Minha carta anterior foi bem longa, mas, como o senhor certamente observou, eu tinha muita coisa que contar. Nesta outra, espero ser mais conciso. Salvo, está claro, se o lápis se obstinar em correr como maluco sôbre as fôlhas do bloco de papel pautado, única marca que se encontra à venda em Vila Olímpia. Devo-o à bondade de um velho amigo que, tantos anos decorridos, vim encontrar aqui, asilado, pois, quase cego, já não conseguiria ganhar a vida lá fora. Alguns leitores ainda se lembrarão dêle. No século, chamava-se Elesbão de Sousa Camarinha, na arte, usou o nome mirabolante de Mister Ohnos. Lembram-se de M. Ohnos? Pois êle aqui está, no quartinho dos fundos; é quem, tôdas as manhãs, ordenha as cabras. E' essa a sua última mágica, com o aplauso de todos nós.

São oito horas da manhã. A minha janela está aberta, vejo a trepadeira contra o sol. Na trepadeira há um ninho. Lá de fora me chegam conversas pausadas, em vários tons. M. Ohnos, de gorro e chambre, distrai-se com as cabras. No banco existente sob a janela, estão sentadas duas velhotas alegres: a grande atriz portuguêsa e a grande atriz italiana. Fazem tricô, falando de cidades, de teatros e de artistas que são também meus conhecidos. Debruço-me no peitoril e cumprimento-as: Elas se interessam por mim.

— Dormiu bem a noite, sr. Aladino?

Deixo a janela, deito-me, ponho o bloco ao lado, pego no lápis e vou começar esta carta. Mas a conversinha das duas mulheres no banco do terreiro continua a chegar a meus ouvidos exasperados. Diz uma:

- Lui g'é consiunt...

E a outra:

— Ai, o pobrezito! Já tem os pézinhos na cova...

Talvez dissessem outra coisa. Falariam do passarinho que saltita na trepadeira, ou da cabra que deu cria na noite passada. Mas foi o meu necrológico que eu vi, sem tirar nem pôr. Tanto se me dá como se me deu. Sem Paula, para que presta a vida?

Voltemos ao assunto, isto é, às informações que o senhor teve a bondade de solicitar. Quero contar-lhe que há vinte anos, os circos não eram como hoje. Agora, êles se instalam num terreno vago da Penha, da Avenida São João, do Brás ou do Largo da Pólvora e aí ficam por muitos meses, quando não por muitos anos. Antigamente, êles passavam a existência percorrendo o Interior, exibindo-se uma semana ou duas em cada localidade. Viviam, portanto, em mudança perpétua. E, para que isso fôsse possível, tinham tudo organizado.

Não vá pensar agora, meu caro senhor, que os nossos pobres circos de cavalinhos eram como os seus congêneres da Europa que, terminada a temporada numa cidade, são metidos em carros cobertos, com janela, porta, escadinha e até chaminé e, ao toque de clarins, partem em fila pelas intérminas estradas. Nas jaulas, os leões rugem, os tigres bramam, os crocodilos choram, as focas amestradas sopram. Nas casas de rodas, espiando pelas janelas a paisagem que se desenrola, os velhos cachimbam, os moços tocam instrumentos de cordas, as moças ensaiam cantigas, e as velhas corocas, de lenço na cabeça, deitam as cartas.

Aqui as coisas se passavam de outra maneira. As estradas eram poucas e quase sempre péssimas. As emprêsas circenses eram pobres, geralmente improvisadas por duas ou três famílias de artistas ao redor de um diretor. A renda, dava para viver, mas com parcimônia. O Ciro Ross não diferia dos demais. Por isso, dois dias depois, Lambão confirmou uma notícia que andava de bôca em bôca, na última semana:

— Segunda-feira, às sete da manhã, embarcamos para Campinas!

Alguns companheiros já se encontravam naquela praça, entre os quais o Tucano, secretário de Mister Ross, o Seixas, mestre de carpinteiros, o Lebrinha, homem do dinheiro, e o maestro Gibóia, que deixara a imaginária batuta com o tocador de requinta e seguira na frente, a fim de arrebanhar os novos músicos da charanga.

Domingo, à meia-noite, depois do espetáculo, começou a mudança. A lona, os mastros, as tábuas da arquibancada, a cêrca do picadeiro e o resto do material foram transportados para a estação e embarcados em vagões abertos. O mesmo aconteceu com as jaulas do Simun, as caixas de material, os trampolins, os rolos de tapêtes e cortinas. A praça ficou deserta e triste. No local onde estivera o circo, aparecia um terreno carpido, com buracos no barro vermelho. Os molegues andavam por ali, catando pequenos objetos esquecidos, ou abandonados.

Na casa do caminho do Matadouro dormimos pouco. Já tendo embarcado os escassos móveis, o café e os bolinhos eram servidos sôbre o grande fogão. Eu não tinha nada de meu para entrouxar, por isso, depois de ajudar a desmontar o circo e transportá-lo para a estação, auxiliei as famílias Orestes, Trindade e Bazan, na sua mudança. Ao clarear, embrulhei-me numa manta e acomodei-me ao pé do fogão, entre outros rapazes. Mas isso demorou pouco porque, às seis horas, Mister Ross enxotou a turma, a fim de fechar a casa para entregar a chave ao proprietário.

Uma voz perguntou:

- Quedê o Picanço?

Outra voz respondeu:

— Éle partiu de automovel, com o rabicho.

A vida do palhaço era complicada. Nela havia uma mulher extranumerária, que lhe dava muito trabalho. Não morava com os companheiros. Hospedava-se nos hotéis de segunda classe. E, como era ciumento, tomava parte frequentemente em rixas. Um dia era êle a bater, outro dia a apanhar. Não raro, Mister Ross, à última hora, tinha de ir buscá-lo na cadeia, sem o que o espetáculo não poderia começar. Nessas noites, o mofino «clown» aparecia com manchas pretas pelo rosto, cruzes de esparadrapo no côco rapado.

Mister Ross admoestava-o:

— Não riesco a capire sua vida. Por que motivo você não casa, não toma juizo, não leva uma existência honorábile, não se torna um palhaço sério, digno de rispetto?

De manhã, com um sol claro, fomos para a estação. A plataforma estava movimentada. Algumas pessoas da cidade tinham ido assistir ao nosso embarque. Olhavam-nos com curiosidade, talvez com decepção. E' que as moças, nas suas roupas comuns, tinham perdido o encanto que lhes dava a simulada nudez com que se exibiam no picadeiro. As velhas eram mais circunspectas do que costumam ser tôdas as velhas. E os rapazes, nos seus trajes de casimira ou de brim de Minas, poderiam ser tomados por caixeiros de lojas. Que seria das grandes coisas da humanidade sem estrêlas e meias-luas de purpurina?

Por fim, apareceu Mister Ross. Estava de botas, «casquette», «cache-col» e cachimbo. Portanto, muito mais inglês. Quando o trem especial chegou, foi uma algazarra para embarcar e acomodar as mulheres, suas malas e trouxas.

Em Campinas, o Tucano tinha alugado uma casa muito boa para nós. Ficava em plena cidade, um pouco para lá dos armazens da Paulista. Recomeçou a vida. Ocupamos vasto terreno cercado de muros onde, dois meses antes, tinha funcionado o Circo Macário. Ainda lá estavam a bilheteria, as estacas do estrado para a charanga, e grandes letreiros em tinta azul, que foi preciso cobrir para, sôbre êles, pintar os os nossos. Estreamos na sexta-feira seguinte. Tivemos grande concorrência. Nas noites que se seguiram, a mesma coisa. Mister Ross não disse palavra, mas sua satisfação manifestava-se no peito postiço que, de tão engomado e expansivo, teimava em sair para fora do colête de sêda vermelha.

Nos espetáculos, eu fui notatdo pelo público. Meu número de ilusionismo prosseguia o mesmo, com leves alterações. Mister Ross continuava a excusar-se de não poder apresentar Frégoli em carne e osso e exibia a mim que, para isso, descia da arquibancada. Durante muitos anos guardei aquêle avulso, em papel verde, que começava assim: «Grande Circo Ross — Companhia equestre, ginástica, contorcionista e de variedades — Hoje, hoje — Magnífica função dedicada às exmas. família campineiras, com a presença do sr. Prefeito e demais autoridades locais». Lá estavam os nomes do palhaço Picanço, nas suas entradas humorísticas, do «tonny» Lambão, muito «divertente», as famílias Orestes, Trindade e Bazan, com seus equilibristas, trapezistas, ciclistas, etc. E, já no fim, esta informação em tipo muito menor: «Aladino — o homem da varinha mágica — nos grandiosos trabalhos de ilusionismo e prestidigitação».

Foi a primeira vez que vi meu nome — meu nome de guerra — em letra de fôrma.

Compreendi que estava agradando a Mister Ross, a Deus e ao respeitável público. Por isso, com sacrifício, mandei fazer um terno prêto que de longe poderia ser tomada por «smooking»; comprei sapatos de verniz e duas camisas brancas. E' que eu alimentava sonhos inconfessáveis. Já no fim da temporada, tive um encontro com o Destino. O Destino esperou-me à porta do circo. Era um velhote bem pôsto, de «pince-nez» e chapéu de Chile. No seu comércio com os homens, usava o pseudônimo de Benedito Gumercindo, secretário da Sociedade Recreativa Aurora. Essa sociedade dava bailes semanais e, enquanto as moças dançavam com os admiradores, os pais se reuniam nos fundos da casa, grudavam na orelha da sota, e ali entregavam com certa regularidade o dinheiro que traziam consigo.

Pois a Recreativa Aurora, no intuito de reunir mais pontos em torno das mesas de jôgo, teve a iniciativa de organizar «matinées» às quintas-feiras, com divertimentos de salão.

Benedito Gumercindo propôs-me organizar um programa para a próxima quinta-feira, mediante a gratificação de 200 mil réis. Claro que aceitei. Lá estive e, modéstia à parte, posso dizer que agradei. Na outra quinta-feira, nova exibição, com dobrada assistência. Mas na terceira «matinée» da Sociedade Aurora, depois de ter eu passado pela caixa e recebido a importância que me cabia, notei desusado movimento na rua. Dois automóveis parados à porta. Gente que entrava fazendo perguntas, e saia conduzindo apetrechos de jôgo...

- Que significa isto? perguntei ao porteiro.
- Não é nada. E' uma batida da polícia. Ela hoje leva a roleta pra o Benedito Gumercindo ir buscar amanhã. Todo o princípio de mês acontece a mesma coisa. . respondeu êle, com um sorriso bengueia.

No dia seguinte despedi-me de Mister Ross. O diretor tirou a máscara britânica e mostrou-se o napolitano sentimental:

— A gente pega um passarinho trovato na rua, dá comida, embrulha no lenço e traz para casa. E fica gostando do poverello. Mas o passarinho quando si crede guarito, abbastanza forte, via! Lá vai êle!

Abriu os braços e de olhos úmidos ficou a olhar um passarinho imaginário que fugia voando pela janela.

Cheguei a São Paulo num dia de junho. Mergulhei na neblina. Os madrugadores que se dirigiam ao serviço, puxavam com as mãos duras e roxas as cortinas dos bondes, por causa do ventinho da manhã, que usa navalha. Vestiam a «gabardine» pelo avêsso. Acendiam um cigarro grosso, para aquentar a ponta do nariz. Desembarcavam com dificuldade na grande praça, evitando tocar nos ferros dos balaustres, porque êles estavam gelados. Entre as árvores, passou o homem invisível; só mostrava a ponta do nariz, que era uma lâmpada vermelha.

— E eu que esqueci o «cache-col»! — lamentava-se o condutor do caminhão — «Sai daí, palhaço!», fazendo entrega de grandes blocos de gêlo.

As lojas da rua Mauá abriam-se com medo. Caixeiros lisos erguiam com estrondo portas onduladas. As vitrinas só exibiam cobertores, uns de vidro maleável, outros de camêlo sintético. E lãs de leite, de açúcar, até mesmo de ovelhas. E flanelas de areia. E sedas de visgo. E veludos de mata-borrão. Nos botequins, bebia-se café expresso feito de milho torrado, com pão de farelo e manteiga de côco. Os mais friorentos entregavam-se ao vinho de laranjas, com açúcar de beterraba, em cálices de galalite. As alegres dactilógrafas de Windsor

desciam dos ônibus mostrando canelas de louça. Na Rua Conceição, alguns escafandristas lavavam e esfregavam o assoalho de uma ourivesaria. Nas costas do escafandro traziam, em letras graúdas, o nome da emprêsa a que pertenciam. Quando eu passei, êles, os brutos, me atiraram nas pernas um balde de águas-marinhas.

Entrei numa sorveteria e pedi um cachorro-quente. O caixeiro abriu a registradora e me serviu passes da Light. Felizmente, cai em mim, como poderia cair em qualquer outro lugar. Continuo a ser de carne e osso, com óculos de tartaruga. Mas, afinal, como é que se pode ser prestidigitador com os dedos emperrados pelo termômetro?

Hospedei-me no Hotel Mariposa. Depois do almoço, botei as mãos nos bolsos e sai por aí, à procura de trabalho. Minha primeira aparição ao público deu-se no Teatro Boa Vista, num festival do ator Sebastião Arruda. Logo depois, fui procurado por diversas senhoras que pediram colaborasse num espetáculo de caridade, em benefício de certo asilo. Lá estive, colhendo palmas e flores. A seguir, recebi propostas para trabalhar neste ou naquele circo, mas os meus planos eram outros. Certa manhã li a notícia de que o Grêmio Harmonia tinha resolvido organizar serões semanais com números de palco. A sede dêsse grêmio ficava na Rua Senador Feijó, num sobradão hoje demolido. Minha proposta foi logo aceita. Eu faria uma exibição por semana e me encarregaria da correspondência.

Ali estive mais de um ano. Gente boa aquela; nada mais desejava do que passar, de quando em quando, algumas horas em sociedade. As moças diziam que eu, sem ser bonito, era amável e sabia conversar. Poderia contar nos dedos algumas preocupações sentimentais, mas não o faço por discreção. Limitar-me-ei aos últimos casos, que deixaram marcas na minha sensibilidade e alguns versos a mais na pasta prêta, de zip, onde guardo os escritos. Ah! Se eu pudesse recomeçar... Não. Mesmo que eu pudesse recomeçar não recomeçaria, pois essas coisas doem muito.

Certa manhã, depois daquela exibição em que fiz cousas do arco-da-velha, estava eu na secretaria, organizando a lista das pessoas a quem deveriam ser remetidos os convites para a reunião da próxima semana, quando ouvi uns passinhos miúdos no salão de festas. No clube, àquela hora, não havia ninguém. Fui à porta e espiei. Era u'a moça de tipo comum, nem alta nem baixa, nem magra nem gorda. Naqueles dias, eu poderia acrescentar: nem feia nem bonita. Só depois foi que ela, por milagre da vontade se fêz bonita. Estava em pé diante da porta da secretaria. Trajava um vestido de quadrados vermelhos e brancos, à moda escocesa. Exibia um chapeuzinho que

mais parecia gorro de «nurse», com duas fitas que lhe caiam pelos ombros.

- Bom dia. Que deseja?
- E' o sr. Aladino?
- Para servi-la.
- Pois eu sou Paula.

Sorri, confuso.

— ... o Paula, que há dias lhe telefonou...

Convidei-a a entrar no escritório, fi-la sentar-se no sofá de couro, e me dispus a escutá-la. Lembrava-me, agora, daquela voz macia, cheia de inflexões agradáveis, que dias antes me chegara aos ouvidos através dos fios telefônicos.

Ela arqueou o busto, pôs a bolsa no colo e segurou-a com fôrça, como se a mesma quizesse fugir. Conclui: se ela fôsse menina, tinha fugido do Colégio de Sião. Mas contava vinte e cinco anos, era uma dessas moças de hábitos tranquilos e intensa vida interior; geralmente, nas horas de violência contra a própria sensibilidade, têm as mãos geladas e úmidas. Olheilhe as mãos, que agarravam a bôlsa; eram pequenas, brancas e bem feitas, denotando egoismo.

Paula fitava-me com os olhos dourados e falava:

— Como lhe disse, há dias, frequento o Centro Vedanta. E' uma organização modesta que reune meia dúzia de pessoas. Nosso intuito é o estudo metafísico e místico dos Vedas, livros sagrados que nos chegaram da mais remota antiguidade indu. Daí, o meu interêsse por tôdas as formas de magia. Ouvi o seu nome repetido com entusiasmo nos salões e não resisti ao desejo de vê-lo. Estive aqui, na última reunião. Gostei muito dos seus trabalhos e não resisti ao desejo de vir perguntar-lhe, em particular, se o senhor emprega truques ou se, de fato, desenvolveu algumas fôrças ocultas...

Sorri novamente. Não dela, mas de mim mesmo. Se eu ainda fôsse mocinho e estivesse na minha cidade natal, contarlhe-ia, certamente, uma bonita história de fadas. Mas, com o correr do tempo, a arte se havia tornado profissão, perdera os dourados e o mistério. Eu já a exercia como o barbeiro faz a barba, ou como o açougueiro furta no pêso. Por isso, causavame surpresa o fato de alguém levar a sério as minhas pobres manigâncias, interessando-se pelo ôvo, pela moeda, ou pelo baralho com que, uma vez por semana, eu distraia aquele público amável que em mim só procurava pretexto para reunirse, namorar, perder dinheiro nas cartas.

— Não, Paula. Eu exerço apenas a prestidigitação, com a sutileza dos dedos e o ilusionismo, com alguns truques que já cairam no terreno da indústria. Em Nova York e em Paris,

há grandes lojas de portas abertas para a rua que comerciam com aparelhos destinados à nossa profissão. São máquinas destinadas a enganar os que desejam ser enganados, como as registradoras dos empórios ou as rotativas dos jornais. A mulher que paira no espaço, o homem degolado e o chinês que sai de dentro de uma caixa vazia, tudo isso é possível a qualquer pessoa que possua os necessários aparelhos. Quanto à moeda que aparece na palma de minha mão para sumir logo depois e reaparecer atrás da orelha de um espectador perplexo, é outra coisa; representa muitos anos de exercício com os dedos...

Dessa vez era quem sorria, mostrando uma pontinha do seu desencanto. E, como o relógio da parede batesse horas, levantou-se, despediu-se:

- Muito obrigada. Até mais ver.
- Jά?
- Vou fazer umas compras, antes do almoço.

Apertei a mão que Paula me estendia; como eu havia induzido, estava fria e úmida. Acompanhei-a até à escada, cordialmente, como se fôssemos velhos conhecidos. Mas, à despedida, para que a minha confissão clara e sincera não a deixasse de todo desiludida, fiz menção de colhêr uma flor em imaginário jardim e dei-lha como lembrança.

- Uma rosa! exclamou ela.
- Príncipe negro... expliquei eu, com naturalidade.
- Prestidigitação ou ilusionismo?
- Nada disso; apenas desejo de agradá-la.

Ela ficou perplexa; aquele meu gesto insignificante tinha feito renascer em seu espírito tôdas as ilusões que minhas palavras, pouco antes, haviam pôsto abaixo.

No dia seguinte, à tarde, estava eu terminando os endereços quando Paula entrou. Encontrou-me em mangas de camisa, com a garrafa e o copo à frente, como era meu costume. Sentou-se no sofá e ali ficou a estudar-me.

- Toma um aperitivo? perguntei-lhe.
- Obrigada. Você está bebendo uisque e eu não gosto de bebidas fortes.
 - Um licor de cerejas?
 - Ora, vai-lhe dar trabalho...
 - Que trabalho?

Fui buscar um cálice e, pegando na garrafa de uisque, servi-lhe licor. Ela olhou o cristal cheio de um líquido côr de rubi e se pôs a rir.

- Explique-me isso...
- Isso, o que?
- De uma só garrafa você tira diferentes bebidas?

Só então reparei.

— Esta garrafa escura é dividida, por dentro, em quatro compartimentos. Custa, vazia, dois dólares e cinquenta. Agora deve estar mais cara. Graças à pressão dos meus dedos num ou noutro ponto, ela fornece vinho branco, licor de cerejas, uisque ou absinto. Como já estivesse muito visto, retirei-a dos programas. Você não conhecia êsse truque? E' tão velho...

Ficamos ali, um diante do outro; eu a trabalhar e a beber como era meu costume, ela a observar-me. Quando vi que Paula havia sorvido a última gota do licor, abri a gaveta, tirei um maço de estopa, dessa que se usa para limpar máquinas e ofereci-lhe:

— Coma.

Ela riu, divertida.

- E' doce.

Dei o exemplo. Só então ela aceitou. A estopa era feita de açúcar mascavinho tornado filamentoso por um daqueles moinhos que ainda hoje se encontram nas quermesses, manipulando o açúcar branco para torná-lo em algodão, guloseima de que as crianças gostam tanto. Quando ela acabou de comer um floco de estopa, dei-lhe um pedaço de ferradura velha, deformada pela ferrugem. Dessa vez, a moça viu logo que se tratava de ilusionismo e levou-a com cuidado à bôca:

- Chocolate!

Ainda ficamos a conversar um bom pedaço. Quando as luzes se acenderam no salão, ela achou que estava ficando tarde e se despediu:

- Eu não o aborreço?
- Não. Ao contrário. Como vê, não tenho visitas...

Conduzi-a até o salão. À despedida senti que sua mão se demorava na minha um pouco mais do que seria para esperar.

- Vou encontrar meus parentes já na mesa...
- Só se êles se guiam por outro relógio!
- Por que?
- Porque o seu marca ainda 4,30.

Ela ergueu depressa o braço esquerdo e consultou o reloginho de pulso; tinha parado. Seus olhos dourados arredondaram-se de admiração. E dessa vez desceu a escada, ràpidamente, sem olhar para trás.

O zelador que andava por ali aproximou-se de mim e se pôs a falar:

— Conhece essa moça? Ela é minha conterrânea. De muito boa família. Ficou orfã e veio morar na casa dos tios. Era pianista e de um dia para outro brigou com o piano. Cantava muito bem e sem que nem porque deixou de se fazer ouvir. Agora, dedica-se aos estudos. Amanhã é o dia de seu aniversário. Haverá um grande baile na sua casa.

- Como é que você sabe de tudo isso?
- Ela nunca me viu, mas minha mulher é quem lá está fazendo uns bolos...

Na manhã seguinte não esperei Paula. Ela, com certeza, trabalhava nos preparativos do baile. No entanto, ao cair da tarde, estando eu a beber e a escrever, ouvi os seus passinhos no salão. Fui recebê-la. Mostrei-lhe minha última produção, «O Dicionário», poema que andou de bôca em bôca, e começava assim:

Ando à procura de uma palavra,
uma palavra apenas que, sem dizer — volte! —
possa contar-lhe que a tarde é linda,
no ar florescem roseiras abstratas
e eu acendi a lâmpada amarela
que faz a loucura das mariposas...

Ela ficou encantada com os pobres versos. Depois, mostrando uma pontinha de mágua, explicou-me que a visita seria curta. Ia passando pela rua e lembrou-se de vir dizer-me boatarde. Apenas isso. Então eu levantei-me, fui a ela, segurei-lhe as mãos trêmulas, apertei-a contra mim e colhi nos seus lábios um grande beijo. Pensei que ela fôsse reagir, exasperar-se, protestar. Não foi isso, porém, o que se deu. Ela teve apenas uma frase que nunca mais esqueci:

- Agora sim, já posso morrer!
- Depois saiu. Acompanhei-a até o salão:
- Está zangada? Vai tão depressa?

- Preciso ir. Hoje faço anos...
- Faz anos? E não me disse nada? Que presente lhe poderei dar?

Simulei hesitação e, depois, como se aquilo me ocorresse no mesmo instante, apanhei no ar punhados e punhados de pétalas e fui deitando-as em sua cabeça, à guisa de confeti. E ao longo de tôda a escada, ela sentiu sôbre si uma chuva torrencial de pétalas de rosas...

(Continua)

LEIS POLÍTICAS

Lei de segurança para suprimir a constituição

RIVADAVIA MENDONÇA

Não devem ser esquecidos os duros exemplos verificados no período em que a lei de segurança nacional se constituia suprema carta de indenidade para a prática de violências e desmandos que durante alguns anos caracterizaram o regime de arbítrio e irresponsabilidade estadonovistas.

A supressão das liberdades públicas e das garantias democráticas sempre foi feita mediante a desculpa da necessidade de defender o estado, a ordem ou a segurança nacional. Os grupos representativos dos interêsses dos privilegiados nunca se conformaram com as conquistas populares para o exercício dos direitos políticos que põem a administração pública sob constante fiscalização das mais amplas camadas da população.

Onde quer que as fôrças reacionárias predominem, são sempre os mesmos os processos e alegações de que lançam mão para praticar contra o povo os atos de escamoteação dos seus direitos e prerrogativas, com a finalidade de sustentarem vantagens e privilégios que os grupos dominantes conseguiram e defendem pelos meios menos confessaveis. Nos períodos em que essas fôrças reacionárias se encontram em ascenção, realizando sua ofensiva para aprofundar e estender em todo sentido o seu domínio e a sua vontade, e pondo ao mesmo tempo em situação de defensiva as fôrças populares e progressistas, não sentem os agentes da reação a necessidade de usar meios indiretos e sofismas mais ou menos engenhosos para manter em suas mãos todos os elementos de dominação e irresponsabilidades. Em tais ocasiões, agem diretamente, aplicam a violência e usurpam os postos de mando, instalando a sua máquina contra a vontade e o interêsse do povo.

Nossa história apresenta-nos desde os primeiros dias da independência exemplos típicos dêsses períodos de supremacia da reação.

O imperador Pedro I, ao dissolver a primeira constituinte nacional e instaurar um regime de fôrça, agiu como expressão das camadas mais reacionárias da época e, fiel ao desejo da aristocracia escravagista de barrar o processo de luta que devia conduzir a uma completa independência, procurou impedir pela violência o desenvolvimento das fôrças progressistas que só entendiam haver verdadeira libertação do país mediante a aplicação de medidas e reformas capazes de construir aqui uma economia util aos interêsses nacionais e necessárias à inauguração de um regime de franco exercício das liberdades públicas, com a supressão das odiosas oligarquias que vinham da mais antiga colonização, impondo por séculos o atrazo nas terras brasileiras. Depois de 7 de setembro, apoiado na velha e poderosa aristocracia rural escravagista, não teve o imperador obstáculos sérios para impôr o seu absolutismo, tornando a sua vontade lei suprema, acima da crítica, sustentada por um aparelho de opressão que foi crescendo dia a dia, a aumentar o seu acervo de prepotência contra o povo em todo o território nacional. Em muitos setores houve movimentos de luta contra êsse regime de opressão, até que, batido pelas fôrças que se avolumaram contra a usurpação absolutista, se viu o imperador compelido a abandonar o trono. A sua saida desorientou e fracionou as fôrças reacionárias pela surpresa de que foram tomadas e com isto se viram batidas e postas em defensiva.

Essa vitória do povo contra as fôrças reacionárias do primeiro império, gerou o Sete de Abril que, com o Ato Adicional, inaugurou no Brasil um regime mais democrático, com melhores garantias populares, cerceando e limitando os poderes discricionários dos governantes. Iniciou-se então um autêntico período de democratizção no país, mais que durou muito pouco e por isto mesmo quasi nada se pôde fazer no seu decurso.

Depois da proclamação da República, em pouco tempo as franquias democráticas restabelecidas foram sendo golpeadas.

Em 1937 também, com a ascenção das fôrças reacionárias nacionais, incentivadas pela expansão do nazi-fascismo e de outras correntes do atrazo em diversos paises, tivemos outra vez a instauração do regime de opressão que vinha abrindo caminho desde 1934 e que culminou com o golpe que rasgou a Constituição e dissolveu o parlamento, baixando leis de repressão e censura, sob a desculpa de que eram medidas de segurança nacional. Ainda temos bem nítida na memória a lembrança do que foi na prática a famigerada «Lei de Segurança Nacional», como arma de terror nas mãos do aparelho policial.

O estado-novo, como o absolutismo de Pedro I, foi sendo aos poucos batido pelo povo, que se arregimentou em manifestações cada vez mais amplas e voltou a conquistar vitórias

de decisiva importância para alterar o curso dos acontecimentos, como foram as campanhas de apôio à Fôrça Expedicionária, da anistia, das eleições e da constituinte.

Estava novamente a reação posta na defensiva com aquelas vitórias populares, quando estas culminram na votação e promulgação da Constituição de 1946, asseguradora das liberdades políticas do povo.

Mas, como aconteceu depois do Sete de Abril e da promulgação do Ato Adicional no tempo do império, a reação não se conformou agora com os primeiros esbarros na sua dominação e passou a agir com o objetivo de restabelecer a sua máquina de opressão, com a qual pretende consolidar os seus privilégios e abrir campo livre para as suas negociatas e para o atrelamento da economia nacional aos interêsses imperialistas dos Rockefellers, Morgans, Abbinks e outros.

No império, as conquistas democráticas foram suprimidas por meio de leis inconstitucionais de «interpretação», como eram chamadas e que visavam despudoradamente dar sentido oposto aos direitos políticos exarados no Ato Adicional. Foi também o restabelecimento do poder moderador, que assumia as prerrogativas de supremo árbitro, com ares até de certa divindade, tal era o respeito que pretendia arrogar-se, para si coletivamente e para seus intangíveis membros individualmente, possuindo assim os mais amplos e ilimitados poderes e a mais completa carta de irresponsabilidade, para melhor zelar pelos privilegios da classe reacionária dominante e de seus agentes no exercício do poder público.

Nessa época, como ainda havia fôrças democráticas em campo, tudo era feito com vulgares passes de mágica para iludir os mais ingênuos, que sempre encontraram um crédito de confiança a abrir aos reacionários detentores dos postos de govêrno, quando êstes apelam manhosamente para a defesa das instituições, da ordem cristã, da tradição dos nossos antepassados e outras fórmulas vagas, já batidas e surradas pelos senhores do poder, ao empreitarem a eliminação da fiscalização dos seus atos.

Nos dias de hoje, as fôrças políticas da reação também vão desenvolvendo o mesmo programa para recuperação e consolidação das suas posições de mando, com supressão de qualquer interferência do povo. Desde 1946, em tudo que as correntes do atrazo não puderam vencer na elaboração e votação da Constituição, para que esta carta política resultasse inócua como base das garantias democráticas, passaram a adotar medidas nitidamente inconstitucionais de supressão de direitos fundamentais, por meio de portarias, atos, leis complementares ou regulamentadoras de direitos que não tiveram outro objetivo

senão suprimir a vigência das garantias asseguradas pela carta magna. Já foi posta em prática a sua vontade de fechar partidos e organizações populares. Já quebraram a soberania do voto popular, cassando os mandatos de muitas dezenas de legítimos representantes do povo na câmara e senado federais, assembléias estaduais e câmaras de vereadores.

Com a chamada regulamentação de direitos constitucionais que vão promovendo, conseguem deturpar e sonegar a aplicação de garantias asseguradas pela Constituição, suprimindo o exercício dos mais legítimos e fundamentais direitos do povo. E' o direito de greve, assegurado expressamente na carta política, que suprimem, sob alegação de que não foi ainda regulamentado e em substituição fazem aplicar a lei estadonovista de proibição de greve já derrogada, sobrepondo-se êsse ato outorgado à própria Constituição. E' o direito de descanço semanal remunerado que não se aplica porque dizem depender de regulamentação que está sendo congelada e preparada para tornar estéril êsse direito. E' a liberdade e autonomia sindicais cuja garantia constitucional não se aplica, permanecendo ainda hoje os sindicatos e federações como meros apêndices ministeriais, sonegados à vontade e soberania das classes que representam.

Tudo isto, porém, não é suficiente para que as fôrças reacionárias que empolgaram o poder executem com o desembaraço que desejam o seu programa lesivo aos interêsses nacionais.

Tôdas as medidas tomadas ou anunciadas com o fito de neutralisar a prática das garantias constitucionais vão ser coroadas com a maior de tôdas, destinada a completar o conjunto de privilégios, irresponsabilidades e intangibilidade dos detentores do poder público, medida essa que agora está batisada com o nome de lei de defesa do estado e que é uma reprodução da anterior lei de segurança nacional.

A elaboração dessa lei está sendo promovida mediante as mesmas e surradas desculpas segundo as quais o poder público está desarmado de meios legais para defender o estado e a integridade nacional contra os perigos que dizem ameaçá-lo.

Também em 1935, por ocasião do debate e votação da lei de segurança nacional, de triste memória, foi travada uma árdua e desigual batalha entre as fôrças realmente democráticas e o grosso das hostes da reação, em que se verificou, em meio à desigualdade numérica em desfavor da democracia no parlamento, uma grande lição de firmeza, combatividade e justeza de posição defendidas pelos mais destacados combatentes contra a lei monstro que se elaborava. Com um congresso dominado pela maioria reacionária e acomodada, indiferente

ou conivente com os planos sinistros do executivo que conduzia então à preparação do golpe estadonovista que suprimiu o próprio parlamento, uma minoria combativa enfrentou galhardamente os senhores da época, mas sem resultado porque a lei foi promulgada e o mais ilimitado crédito de irresponsabilidade e arbítrio foi posto nas mãos do executivo e da sua máquina policial, para praticar, como se verificou durante muitos anos, os mais inominaveis agravos à pessoa física dos cidadãos e as mais incríveis violações de princípios jurídicos tradicionalmente aceitos e incorporados às leis penais então em vigor no texto dos códigos nacionais e estrangeiros.

Hoje se renova a iniciativa dos senhores do poder público para a elaboração de nova lei de segurança, cujo projeto já se encontra em andamento no congresso, numa marcha consideravelmente mais acelerada do que muitos outros projetos de fundamental importância para os verdadeiros interêsses nacionais.

Com linguagem diferente, com proposições superficialmente alteradas, o projeto da nova lei de segurança contém as mesmas disposições liberticidas e repressivas contidas na sua similar estadonovista.

Liderando a minoria parlamentar que em 1935 combatia o projeto da chamada lei monstro, Antônio Covello dizia que «a lei de segurança correspondia a um verdadeiro golpe de estado certeiramente vibrado pelo govêrno contra as instituições nascentes, pelo fato de assegurarem estas aos cidadãos de tôdas as classes uma interferência mais acentuada na vida política do país, uma fiscalisação menos platônica e mais positiva da atividade dos seus representantes e dirigentes. Tudo quanto o executivo perdera, na organização e funcionamento dos poderes emanados do povo, e em seu nome exercidos, como o estabeleceu a Constituição, os seus agentes procuraram recuperar, de outro lado, pela dilatação progressiva da esfera das prerrogativas policiais». O falecido parlamentar e criminalista de São Paulo nos apontou em suas críticas ao projeto de 1935 os mesmos absurdos que hoje podemos encontrar no projeto similar que se encontra em gestação no parlamento nacional por iniciativa do executivo. Aquele como êste trabalho de legislação repressiva, em muitos dos artigos que o compõem, equipara os atos meramente preparatórios ao delito consumado, sujeitando-os à mesma sanção penal. Em 35 tal foi a celeuma levantada por essa cópia feita aos ferrenhos artigos dos códigos fascista e nazista, que os defensores do projeto se viram compelidos a adotar o substitutivo Henrique Bayma que alterava o sistema do primitivo projeto, eliminando a menção genérica dos atos preparatórios, mas classificando-os em delitos autônomos, o que dava na mesma. O substitutivo Bayma, como disse

Covello «criava arbitrariamente e com despreso das regras de direito criminal, novas modalidades de delitos, simplesmente por uma questão de conveniência policial e para atender às preocupações da política repressiva do govêrno». A submissa maioria parlamentar invocava até mesmo o exemplo da lei nazista como justificadora da lei que pretendia dar como presente aos governantes para a prática das suas violências.

Há cêrca de dois séculos o grupo dos grandes precursores da reforma do direito criminal, contando-se no seu meio expoentes como Montesquieu, Beccaria e Filangieri, ao aplicar um sentido mais humanista aos princípios da definição do crime, exprobou as velhas «máximas compressoras, odiosas e bárbaras» que, conforme sustentava Covello, passaram a ser «invocadas, exumadas do passado onde jaziam e restauradas em pleno regime democrático, no Brasil, na câmara dos deputados, logo após a votação da Constituição de 16 de Julho de 1934, para a elaboração de uma lei de repressão criminal destinada a reviver os abusos do absolutismo. Seria preciso que houvessemos retrogradado, em matéria de cultura jurídica, quase dois séculos, e que os agentes do poder público estivessem totalmente intoxicados pela doutrina dos governantes fortes, como se apregoa, para que, em plena democracia, num regime que tem por base a liberdade e se apoia na autoridade limitada pela justiça, pensassemos em organizar, como se reproduzissemos as Ordenações do Reino, um código de crimes políticos para a República Brasileira!»

O criminalista bandeirante lutou exaustivamente contra o projeto da lei de segurança de 1935, mas êle acabou sendo convertido em código definidor de delitos políticos, abrindo ao executivo e ao seu aparelho policial o mais ilimitado campo de arbitrariedades que preparou em pouco tempo o caminho para o golpe de novembro de 1937, que suprimiu o próprio parlamento já subserviente e desmoralisado e com êle todo o resto de liberdade e fiscalização aos atos e desmandos dos detentores do poder, de que o povo ainda dispunha.

Nos dias de hoje, encontramo-nos diante de igual situação, com os homens da situação promovendo a elaboração do novo código de repressão política, a que deram o nome de lei de defesa do estado. Em seu projeto se encontram as mesmas heresias jurídicas perpetradas na lei de segurança do estado-novo. Pretende-se criar as figuras de novos delitos e, si assim não fosse, não seria necessária essa nova lei de exceção, porque o código penal vigente que foi elaborado em pleno apogeu estadonovista, seria suficiente para punir delitos comprovados. Mas é que a máquina repressiva necessita de mais amplo crédito de arbítrio e irresponsabilidades, de modo que possa forjar processos tenebrosos em que os envolvidos sejam passíveis

de penas as mais pesadas, pelo simple fato de resolver a autoridade afirmar, por exemplo, que tais e tais pessoas se encontravam pensando em se articularem para estudar as possibilidades de traçar um plano mediante o qual seria viavel algum dia pugnar pela restrição aos poderes do executivo... Ou então, pelo simples fato de um pacato cidadão vir dizer que não acha simpática a fisionomia do senhor presidente da república, estará aí caracterizado o «delito» que resultará em anos e anos de cadeia para êsse infeliz vivente.

Mas, vamos averiguar a razão por que os homens do poder fazem tanto empenho em dispôr de uma lei de segurança, como código de repressão política indiscriminada.

Voltando ao que diziamos sôbre o golpe de fôrça dado pelo imperador Pedro I, na primeira constituinte brasileira, qual a razão que levou o soberano a agir dessa forma? E' facil explicar-se com base na história. Ao se proclamar a independência, encontravam-se as finanças e a economia do país na mais crítica situação, sendo certo que os cofres públicos da época não dispunham da mais insignificante reserva para manter o aparelho do Estado e financiar o luxo da nova côrte que se criava. O dinheiro só podia ser encontrado nas mãos dos ingleses, que tendo funcionado como corretores da independência, com que fizeram muito bom negócio, estavam dispostos a negociar com o imperador empréstimos que desafogariam as aperturas do govêrno, mas exigiam condições vexatórias, onerosas e prejudiciais à própria independência e à economia brasileiras, através de tratados e contratos de empréstimos, comércio, navegação e empenho de garantias. A constituinte promovia a elaboração de uma carta política que cerceava até certo ponto a liberdade do imperador em realizar tais negócios e tratados, ou quando isto não fazia, pelo menos dava margem a que essas transações fossem debatidas e tornadas públicas, alertando o povo contra atos lesivos à própria independência. Para se livrar de todos êsses precalços, o imperador preferiu dar o golpe que eliminou a marcha de democratisação do país, que era a base da consolidação e aprofundamento da independência nacional há tão pouco proclamada.

Em 1937 também, os detentores do govêrno se encontravam em amplos entendimentos e negociatas com os países que depois vieram a constituir o eixo Roma-Berlim-Tóquio, como era o caso dos marcos compensados, a imigração intensiva de japoneses e muitas outras operações que visavam atrelar o Brasil ao carro guerreiro nazi-nipo-fascista. Era então preciso calar a bôca do povo, isolando e suprimindo os melhores patriotas que lutavam sem trégua contra a instauração do regime que objetivava então ligar o país aos destinos do imperialis-

mo eixista. E como meio de atingir êsse programa mais facilmente, sem fiscalização popular, foi posta em prática a elaboração da lei de segurança, que deu armas ao executivo para reprimir a tudo e a todos, cercear tôdas as liberdades, inaugurando definitiva e amplamente o reinado do silêncio pela violência.

Nos dias de hoje já está à vista, mesmo dos mais ingênuos, o empenho dos governantes em promover negócios desastrosos para a independência e a economia do país, como as garantias de empréstimos a emprêsas estrangeiras, entrega da exploração do petróleo e das demais riquezas minerais aos trusts internacionais, submissão da própria exploração agrícola nacional às emprêsas e carteis norte-americanos, permissão aqui dentro de nossas fronteiras de guerra desigual das indústrias ianques ao fragil e nascente parque fabril brasileiro, lei de tarifas de importação desastrosas. Para a realização dêsse programa tão ruinoso aos interêsses nacionais, sentem os senhores da situação a necessidade de munir-se mais uma vez do código definidor de novos «delitos» políticos e de repressão ao exercício normal das liberdades asseguradas pela Constituição, para restabelecer definitivamente o regime do silêncio, que suprime a fiscalização popular dos atos públicos, para que, como último objetivo já atingido nas anteriores oportunidades registradas pela história, possam rasgar de novo mais uma Constituição, pela qual muito lutou o povo.

Está claro, pois, que a mais importante e consequente luta pela defesa de nossa soberania, de nosso petróleo, de nossos minérios, de nossa agricultura, de nossa indústria, envolve sempre e necessariamente a luta e o debate intenso contra o projeto de lei de segurança nacional que se encontra no parlamento.

Devemos a todo custo impedir que êsse terrível projeto seja convertido em lei, porque do contrário nenhuma luta pelos mais importantes problemas nacionais será possível sem pagarmos um preço que sabemos ser imenso.

E' urgente, pois, que todos tomemos posição de luta imediata contra o projeto da lei de segurança, fazendo com que as mais extensas camadas populares discutam o problema, manifestando ao parlamento seu repúdio à projetada lei de repressão que visa sobrepôr-se à Constituição.

Essa luta contra a lei de segurança constitui importante tarefa para os intelectuais brasileiros que têm o dever de tomar posição clara e eficiente de combate contra o monstro que ensaia abater-se sôbre nossa liberdade. Neste problema, a omissão e a vacilação se equiparam ao piór dos crimes.

Os intelectuais são pela Paz

J. E. FERNANDES

Desde o término da guerra, em maio de 1945, o problema da paz — então conquistada pela fôrça das armas e pelo sacrifício de milhões de seres humanos em todo o mundo — passou para o terreno das cogitações imediatas dos povos e dos governos. Na fase final do conflito, já se cristalizara a opinião, expressa pela formação das Nações Unidas e pela conferência de Yalta, de que o futuro da humanidade se ligava intimamente à possibilidade, à necessidade e mesmo à inevitabilidade da paz. Paz concreta, real, efetiva; paz de reconstrução, do progresso, da democracia; paz extensiva a todos os continentes; paz assegurada pela erradicação completa das bases materiais e ideológicas do fascismo. Em outras palavras: a sobrevivência da civilização, após a negra experiência de 39-45, apresentava-se, no fim da guerra, como o problema prático e imediato de consolidar a paz alcançada com a derrota militar dos paises fascistizados. E o presidente Roosevelt podia dizer, em sua última mensagem: «Se quizermos que a civilização sobreviva, devemos cultivar a possibilidade de todos os povos, de todos os tipos, viverem e trabalharem em um mesmo mundo de paz». A idéia de paz era indissociável da idéia de cooperação. Cooperação possível e desejada, à qual se ligava, também, inextrincavelmente, o ideal de liberdade e autodeterminação dos povos. Todos êsses sentimentos informavam a elaboração da Carta de São Francisco e, logo depois, a fundação da O.N.U., expressão oficial e internacional do desejo de paz duradoura para tôdas as nações e instrumento de sua manutenção. A O.N.U. centralizou a atenção, o interêsse e a esperança de todos os povos. Sob a égide da cooperação internacional e do entendimento entre as grandes potências por todos aceitos, estava aberto o caminho da paz há tanto e por tantos esperada. Os diversos orgãos da O.N.U. alinharam em suas agendas os magnos problemas da humanidade: os tratados de paz, as questões coloniais, a colaboração econômica, a sistematização das relações financeiras internacionais, a metodização e permanência dos trabalhos da UNRRA, os socorros aos deslocados da guerra, etc.

Estava aberta a larga perspectiva de uma paz duradoura que a todos interessava. A todos, menos aos grandes trustes que desde logo perceberam que o movimento pacifista que então se consolidava já não era apenas inspirado pelos frágeis desejos de paz que natural e necessariamente sempre se sucedem às guerras. Verificaram, com indisfarçável ansiedade, que a exigência da paz, por parte dos povos, correspondia não apenas a êsse fator subjetivo do apósquerra, como também a fatores objetivos resultantes do balanço das fôrças sociais em atividade, e da expansão das fôrças democráticas decorrente da

liquidação militar do fascismo. No sentido político, a paz era a continuação lógica da guerra, o prosseguimento da aniquilação do fascismo e o avanço da democracia graças aos movimentos populares que levaram os partidos proletários ao govêrno de diversos paises, e aos grandes movimentos libertários dos povos coloniais.

Ora, a sobrevivência dos trustes estava na razão inversa do progresso democrático e tôda a sua estratégia deveria, portanto, ser dirigida no sentido do torpedeamento das possibilidades da paz. A concentração capitalista durante a guerra — que obrigou o próprio senado americano a fazer uma sindicância e publicar um relatório que é um verdadeiro tratado de desmascaramento do capitalismo monopolista — colocou nas mãos de um único país, os Estados Unidos, todo o poder político que restou ao capitalismo. Mas, havia ainda alguns óbices: homens da tradição rooseveltiana (como Wallace e outros), um grande movimento sindical independente, a simpatia do povo americano pela causa da paz e da cooperação internacionais, homens públicos de representação dispostos a empregar o potencial de produção americana(consideravelmente aumentado durante a guerra) na reconstrução dos paises devastados pela guerra, na cooperação com os paises atrazados como o nosso, num amplo movimento em pról do desenvolvimento material e da libertação progressista das colônias. Tais homens e tais idéias deveriam ser afastados prontamente, pois o liberalismo que representavam era por demais perigoso e constituia uma séria ameaça para as grandes empresas que se haviam acostumado com os grandes lucros proporcionados pelos contratos de guerra. E a primeira medida inadiável era tomar logar na direção da máquina de governo, diretamente, sem intermediários mais ou menos dóceis. E assim, Harriman, Lovett, Forrestal, Hoffman, Foster Dulles e outros assumem seus postos de sacrifício.

Controlada a frente interna, restava ainda tentar o domínio internacional. Para tal, era necessário evitar qualquer possibilidade de entendimento entre as grandes potências. Não podiam admitir uma perfeita colaboração internacional, baseada nos acôrdos de Yalta, Potsdam e na carta da O.N.U. apezar das disposições dos russos, muitas vezes reiteradas a expressas na sua melhor forma pelo seu grande lider Stalin na entrevista com o governador Harold Stassen em 9 de abril de 1946, quando disse: «A cooperação entre sistemas econômicos diferentes é perfeitamente possível e desejável. O povo soviético e o partido bolchevista a aprovam e a desejam. Cada povo aprova o sistema de sua preferência. Se o sistema dos Estados Unidos é bom ou mau, cabe ao povo americano dizer. A cooperação não exige que os povos tenham o mesmo sistema. E' necessário respeitar os sistemas aprovados pelos povos. Somente sob essa condição é possível cooperar. Quanto a saber qual é o melhor sistema, a história o mostrará.

Nestas condições, impunha-se inverter a discussão. Em logar de discutir a paz, discutir a guerra. Era necessário fazer retrogradar o progresso político dos povos, comprometer a reconstrução, congelar as medidas de desnazificação, instaurar ou manter no poder — a qualquer preço — governo reacionários como os da Grécia, da China, da Espanha e de Portugal, reprimir os movimentos de libertação dos povos coloniais (Viet-Nam e Indonésia), dominar e sujeitar os

demais paises com planos político-econômicos e militares (Doutrina Truman e Plano Marshall), adoptar uma estratégia geral capaz de sustar o progresso político e econômico, e, finalmente, reorganizar o fascismo. Era necessário distorcer as intenções dos defensores da paz e apresentá-los como instigadores da guerra, taxar de expansionismo o apoio dado pela Rússia às democracias populares surgidas na Europa. Era essencial romper a frente única das Nações Unidas, dividir, isolar, mistificar. Era também necessário favorecer a política de blocos, fragmentar as discussões, avançar e recuar nas resoluções (Israel), confundir e provocar. E tudo foi feito pelos trustes como o costumeiro cinismo que só engana aos ingênuos. E começaram então a organizar as bases para a União Ocidental, para os Estados Unidos da Europa, para o bloco do Atlântico. E vieram as provocações guerreiras iniciadas em Fulton, com o famoso discurso do velho e empedernido reacionário Winston Churchill, aproveitando-se do prestígio que grangeara em sua liderança durante a guerra. Surgiram as ondas de provocações políticas nos paises diretamente subordinados ao capitalismo monopolista americano (Brasil, Chile, Cuba), o deslavado intervencionismo na Grécia e na China, o alijamento dos partidos comunistas do governo (França e Italia), o recuo forçado do partido trabalhista inglês e a consequente transformação da Inglaterra em parceiro menor da aventura guerreira, além de muitas outras manobras brutais. Em suma, aos grandes trustes era necessária a continuação de uma economia artificial de guerra, única possibilidade de protelar uma crise inevitável de estrutura. E tudo foi feito com o desespêro crescente e revelador da fraqueza e do medo que os domina diante do futuro.

Paralelamente a êsse plano político-econômico, desencadearam uma gigantesca ofensiva ideológica destinada a confundir a opinião pública, a inculcar-lhe o ceticismo, a veicular teorias pessimistas, a confundir os problemas no terreno das idéias, falseando-lhes as bases e baralhando as prioridades, dissociando as discussões da prática e da ação, desvirtuando o sentido de certas pesquizas científicas, desacreditando os métodos científicos, sugerindo ou apelando para soluções místicas, zombando do racionalismo, pregando a impossibilidade e a inutilidade da ação dos homens na conformação do mundo aos seus interesses, procurando orientar o pensamento humano no caminho do desespêro e do desânimo, terreno propício às mistificações e intimidações necessárias ao surto desejado de guerras «salvadoras». Salvadoras da «civilização ocidental», da «civilização cristã», da «cultura européia», da «liberdade do Homem» e de não se sabe quantos outros conceitos «universais» de alta cultura. Tudo isso em nome de misteriosos imperativos morais, expressos no terreno econômico pela livre iniciativa (liberdade do indivíduo), pela colaboração internacional em igualdade de condições (a concurrência de nossa indústria com a americana seria um exemplo dessa solidariedade!). O cinema, os jornais, as revistas, o rádio, a grande máquina de propaganda controlada pelos trustes foi posta a serviço dessas manobras. Era necessário criar a mística dos dois campos irreconciliáveis da humanidade. Dois campos que não se exprimem em antinomias culturais, mas sim na estrutura social das classes em luta, no terreno da economia internacional, na divisão estrita entre o monopólio capitalista e a minoria que dêle se beneficia de uma parte, e as amplas massas populares e cs paises socialistas de outra parte.

E todo êsse esfôrço desesperado para convergir num único objetivo: a guerra. Mas, a quem interessa a guerra? Unicamente a êsses tartufos que falam em defesa da civilização cristã da qual são hoje os mais espúrios representantes. Seus esforços porém serão inúteis, como inúteis serão quaisquer tentativas de novas «santas-alianças». Contra a pretensão guerreira dos grupos financeiros, ergue-se a invencível unidade pacífica dos povos. E seria ingênuo pensar que a energia atômica será usada apenas na confecção de bombas. A onda de progresso e democracia amparada pelos povos não será desta vez contida pelo desespêro e pela audácia das minorias capitalistas sem função alguma na nova era que se inicia.

Foi da consideração dêsses fatos e dessas idéias que um grupo de intelectuais franceses e poloneses concebeu a realização de um congresso internacional de intelectuais pró-paz, onde fossem discutidas sem rebuços as responsabilidades do intelectual na luta pela paz. E êsse congresso extraordinário realizou-se de 25 a 28 de agôsto último na cidade de Wroclaw, antiga Breslau, com o comparecimento de delegações de 45 paises. Cêrca de 600 intelectuais participaram de suas sessões nos quatro dias de trabalhos. Entre as delegações mais numerosas e mais representativas, destacavam-se as da França, Estados Unidos, Rússia e Inglaterra, nas quais sobressaiam grandes figuras de suas culturas nacionais. Entre os delegados que não puderam comparecer, foi particularmente lamentada a ausência de Wallace e Einstein, que enviaram mensagens de grande repercussão, e Aragon, retido pelos seus afazeres em Paris. A delegação brasileira compunha-se do romancista Jorge Amado, do compositor Cláudio Santoro (que já nos representara no Congresso de Música realizado em Praga (vide «Fundamentos» n. 3), do escultor Vasco Prado, do pintor Scliar, da jornalista Zora Braga, da pianista Ana Estela Schic, do cineasta Paulo Emílio Sales Gomes, dos estudantes Henda Rocha Ferreira e Alberto Castiel e, como convidado especial, o físico e matemático Mário Schenberg. Apesar de desfalcada de alguns convidados especiais como Alceu Amoroso Lima, Oscar Niemeyer e Cândido Portinari, foi a representação sulamericana mais numerosa. Segundo os comentários dos enviados especiais da imprensa européia, o congresso decorreu dentro de grande cordialidade e elevação. Algumas das intervenções marcaram época pelo brilho da forma e vigor do pensamento.

Na sessão inaugural, discursou o ministro da Cultura da Polônia, Modzelewski cuja oração, confirmada depois por todos os relatórios e discursos, versou sôbre a razão mesma do congresso: a luta contra a guerra, a paz, a liberdade de expansão da cultura para o bem geral da humanidade.

Fadeev, da delegação soviética, desenvolveu com extremo vigor o tema de «A ciência e a cultura na luta pela paz, pelo progresso e pela democracia», demonstrando que uma paz justa e durável só será possível se fôr respeitado o livre desenvolvimento dos povos, o que atualmente não acontece, pois muitos povos ainda continuam oprimidos por outros sob a ameaça de grupos que pretendem consolidar o capitalismo pelo esmagamento das massas populares e a disseminação do terror sob tôdas as formas de pensamento, o que corresponde à sua lenta destruição. Fadeev demonstrou ainda a necessidade da cultura ameaçada pela reedição do fascismo e, afirmando a necessidade da cultura ameaçada pela reedição do fascismo e, afirmando a necessidade da cul-

tura na vida dos povos, relembrou a pergunta de Gorki quando êste denunciava a indigência do humanismo burguês e conclamava os intelectuais a marchar ao lado do povo: «Com quem estais, mestres da cultura?»

O professor Olaf Stapledon, — grande figura da cultura inglesa contemporânea — fêz, em seu estudo sôbre «Cultura e paz» um apêlo comovente aos intelectuais no sentido de «em seus encontros se esforçarem desesperadamente para vencer as barreiras que os separam», pois, na sua opinião, as palestras e o convívio são muito mais importantes do que os discursos. A mesma idéia é expressa por Julien Benda que disse estar convencido de que o dia — remoto mas certo — em que se amiudarem os contactos entre os homens, a maioria deles saberá impôr a supressão das barreiras, realizando a antevisão de Anatole France, por êle citado, quando afirmava que «a paz universal tornar-se-á realidade um dia, porque uma nova ordem de coisas, uma ciência nova, novas necessidades econômicas imporão aos homens o estado pacífico». E êsses dias, acrescentaremos nós, são os nossos.

O professor Chalasinski, fazendo a análise do papel do intelectual na história dos povos, concluiu que o desenvolvimento dêstes é condição essencial para a paz.

Em uma das intervenções mais impressionantes de quantas foram ouvidas em Wroclaw e que a todos pareceu, quer pela precisão quer pelo conteúdo, uma obra prima do pensamento cartesiano — no testemunho de Suzanne Tenant — o professor Marcel Prenant analisou o tema da cooperação internacional das culturas e da livre difusão das obras de pesquisas científicas. Nessa análise, Prenant fixou magistralmente os têrmos gerais do problema da paz:

1) do ponto de vista das relações entre a cultura e a ciência de um lado, e do ponto de vista do interêsse geral do progresso e da felicidade humana de outro lado; 2) do ponto de vista da constatação das abomináveis perseguições sofridas pela cultura nos paises fascistizados e da constatação de que o fascismo militarmente vencido ainda não foi completamente extirpado; 3) do ponto de vista da constatação de que a identificação progressiva dos meios de guerra com os meios econômicos, traz, em muitos paises, dificuldades crescentes à difusão das invenções e descobertas de interêsse militar, imediato ou remoto.

Logo a seguir, referindo-se especificamente à bomba atômica, diz que a atual etapa da civilização se caracteriza não só pelas grandes possibilidades de felicidade que oferece aos homens como também por iguais possibilidades de destruição. Sabemos hoje, acrescenta, que o progresso científico não é suficiente para assegurar a felicidade dos homens, que entre esta felicidade e a técnica se intercala a estrutura econômica e social com a divisão de classes que ela comporta.

De onde a possibilidade de utilização das descobertas serem feitas em sentidos diversos, com um resultado global bom ou mau para a humanidade, segundo muitas circunstâncias e, notadamente, segundo a classe que dirige a utilização seja progressista ou se encontre em decadência. O professor Prenant fundamenta historicamente esta análise fazendo uma revisão do optimismo do século XIX, do capitalismo em ascenção que deu lugar ao irracionalismo dos últimos 50 anos, representado por elementos como Bergson, Heiddegger,

Gabriel Marcel e até mesmo Charles Nicolle. Após examinar outras épocas da história, aborda o problema da especificidade de nossa época no que concerne às relações entre a cultura e a técnica: «temos a felicidade inaudita de viver numa época onde a técnica, auxiliada pela ciência, ultrapassa as necessidades humanas». Nas épocas passadas, quando a humanidade não podia produzir como desejava, era natural que sobreviesse a grande lei biológica da luta pela vida. Na medida que se eleva o nível técnico, melhor satisfeitas são as necessidades dos homens; mais diminue o domínio da necessidade; mais largamente pode se extender o domínio da liberdade e da responsabilidade que represntam a mais alta dignidade humana.

Ilya Ehrenburgo pronunciou veemente discurso na defesa da cultura dos velhos povos da Europa, denunciando o obscurantismo que reina novamente em muitos paises. Estigmatizou a irresponsabilidade e a leviandade azqueles que não deram ouvidos ao apêlo feito, há 13 anos, em Paris, pelos escritores de vanguarda então reunidos também num congresso internacional para a defesa da cultura. A morte de milhões de homens e mulheres, entre os quais muitos gênios que ainda não haviam tido tempo para se manifestar; a destruição de monumentos em tantas cidades da Europa; a perda de homens como Vancura, Seleuski, Garcia Lorca, Max Jacob e outros, tais alguns dos prejuizos decorrentes da leviandade de muitos intelectuais que não quizeram atender ao apêlo de lutar pela paz. Mostra como escritores do tipo de Drieu de la Rochelle tomados de intenso pessimismo, nada julgavam possível fazer e se tornaram, mais tarde, sórdidos colaboradores do nazismo. Mostra que a mesma atitude prenuncia a disposição de muitos escritores que jogam as flores de seus parques nacionais aos pés dos caixeiros-viajantes americanos. A seguir refere-se aos que pretendem dividir a cultura que é indivisível sob o pretexto de defender a «cultura ocidental», quando na realidade pretendem defender essa mesma «cultura ocidental» contra Aragon e Eluard, contra Joliot-Curie e Picasso. Acusa os detentores do poder nos Estados Unidos que, dominados por uma agressividade de fanáticos, atentam contra as fisionomias nacionais dos paises da Europa ocidental, inundando-os com a sub-literatura estandartizada de seus piores escritores como se não tivessem homens como Einstein, Faulkner, Fast ou Chaplin que propositadamente esquecem.

Ironisa, a seguir a tutela cultural que êsses mesmos fanáticos pretendem impor a Londres, Paris e Roma. Ataca a falsa idéia dos Estados Unidos da Europa que, na concepção imperialista, seria mais um sindicato profissional de servidores e gerentes do que um agrupamento de povos. Não será, diz ainda, um Moch qualquer que nos fará esquecer a França de Rimbaud, Pasteur e Zola. «Aos intelectuais, espíritos avançados do mundo, cabe esclarecer o futuro e não temê-lo. Não se pode compreender os outros homens sem ama-los. Paz aos homens».

O abade Jean Boulier leva a adesão do pensamento cristão à tese da convergência — e não da oposição — do progresso técnico, do progresso social e do progresso moral, formulada por Marcel Prenant. Sua oração, elegantíssima na forma, demonstra a possibilidade e a necessidade da paz, da cooperação de todos os homens no terreno prático da ordem social guiada por um pensamento nacional unitário que leve em conta as novas necessidades do mundo.

Donini, da Itália, salienta os prejuízos do obscurantismo consciente que procura envolver os povos. Bernal, o grande físico inglês, afirma que o desenvolvimento econômico é a condição primordial para o progresso dos povos.

E uns depois dos outros, sobem à tribuna os maiores nomes da cultura européia contemporânea: Julien Benda, Paul Eluard, Moussinac, Eugène Tarlé, J. B. S. Haldane, Henri Wallon, Ana Seghers, Irène Joliot-Curie, George Lukacs, Albert Kahn, José Giral, Vercors, Maurice Bedel, André David, Gottuzo, Zoslawski, H. Lewy e ainda muitos outros.

E, entre êstes muitos outros, não podemos esquecer Pablo Picasso que, depois de ter defendido com simplicidade e clareza uma moção de protesto contra as perseguições movidas contra seu amigo Neruda, desce da tribuna aclamado pelo congresso em pé. Também provocaram momentos de emoção no congresso o poeta Aimé Césaire e o romancista hindú Mulk Raj Anaud, o primeiro denunciando o horror das guerras coloniais onde corre sangue de homens de tôdas as côres e onde a «Civilização dita ocidental usa as mais vergonhosas armas», e o segundo descrevendo o sofrimento de seu grande povo. As intervenções dos delegados coloniais impressionaram o congresso pelo alto nível político revelado e pela fibra de seus lutadores. Jorge Amado denunciou os atentados contra a liberdade no Brasil e descreveu a situação de miséria e ignorância das grandes massas de nosso povo. No mesmo sentido falou um delegado da China.

O Congresso também tomou conhecimento de diversas mensagens, entre as quais uma de Vicente Lombardo Toledano, refutando a pretensa unidade política americana no que diz respeito aos planos bélicos e examinando a diversidade do desenvolvimento histórico dos Estados Unidos e dos paises da América Latina.

De um modo geral, tôdas as teses, mensagens, comunicações apresentadas no Congresso assim como os debates que lá se travaram, revelar, o conteúdo necessariamente político que tem o problema da paz mundial sob o ângulo da cooperação internacional dos intelectuais. Os anais do Congresso de Wroclaw constituirão certamente, um ponto de referência histórica para o estudo de nossa época. Lá foram fixados alguns pontos básicos do problema da paz de nossa época, bem como esclarecidas as razões que levam as fôrças reacionárias a obstruir a luta pela paz dos povos e dos intelectuais que trabalham pelo progresso da humanidade. Neste particular, calou fundo na consciência intelectual européia o desmascaramento do imperialismo americano, e foi o que forçou a máquina de propaganda que asfixia o chamado «mundo ocidental» a tentar em vão, a princípio, torpedear o Congresso, depois diminuir-lhe a importância e, finalmente, deturpar seu sentido altamente civilizador (1).

⁽¹⁾ Leia-se, a propósito, a nota do «Time» de 6-9-1948 sôbre o Congresso de Wroclaw com costumeiras distorsões da verdade ditadas pela sua orientação fascistizante. Como exemplos nacionais, recomendam-se duas notas: A primeira publicada na «Revista do Globo», de 25-9-48 que, como de costume, glosa a revista americana, e a segunda publicada na secção «Tempo e Espaço», do «Jornal de Notícias» de 10-10-48 que não passa de uma glosa da nota da «Revista do Globo». São exemplos contristadores do mais abjeto servilismo além de modêlos de irresponsabilidade profissional.

O Congresso de Wroclaw, como acentuou Marcel Prenant, vale por um marco da história moderna. Nele se verificou a implacável convergência das denúncias dos ataques às soberanias e às culturas nacionais, da gigantesca propaganda guerreira como fase preparatória de uma nova conflagração, e a unanimidade do repúdio à guerra, da vontade de luta pela paz expressa pelos mais legítimos representantes da inteligência de 45 paises. Foi o congresso da lucidez, como o chamou Pierre Daix. Não silenciou sôbre os êrros de uns e os crimes de outros, mas os denunciou em alta voz. Congresso da inteligência pois, como dizia Vaillant-Couturier, a paz é a vocação da inteligência. Congresso que demonstrou não ter sido vã a luta dos Barbusse e dos Romains Rolland. Congresso dos povos contra a máquina de guerra da ordem capitalista. Congresso das culturas nacionais com suas fisionomias próprias. Congresso da razão e da virilidade pois, como dizia Spinoza: «a paz não é a ausência da guerra mas a virtude que nasce do vigor da alma». Congresso da fraternidade, da solidariedade, da democracia. Congresso dos intelectuais pela paz que se batem contra a guerra como disse Paul Eluard no poema que leu na tribuna do congresso e que termina assim:

> Et nous vivons contre la mort Nous nous battons contre la guerre Nous luttons pour la vie.

A seguir, transcrevemos na íntegra o manifesto votado no dia 28 de agôsto, aprovado por 371 votos contra 13 e 6 abstenções, e dirigido a todos os intelectuais do mundo.

Manifesto

Nós, homens e mulheres de cultura, de ciência e de arte de quarenta e cinco paises, reunidos na cidade polonesa de Wroclaw, nos dirigimos aos intelectuais do mundo inteiro.

Relembramos-lhe o perigo mortal que, recentemente ameaçou a civilização. Fomos testemunhas da barbarie fascista que destruiu os monumentos históricos e culturais, que perseguiu e assassinou os intelectuais, que espesinhou insolentemente todos os valores espirituais e ameaçou até mesmo as idéias de consciência, de razão e de progresso.

A civilização humana foi salva ao preço de inumeráveis vítimas e de sacrificios indiscritiveis pela imensa tensão das forças democráticas, as da União Soviética, dos povos da Grã Bretanha e dos Estados Unidos e pelo heroico movimento de resistência dos países dominados pelo fascismo.

Ora, eis que na América e na Europa, contra o desejo e a vontade dos povos do mundo, um pequeno grupo de homens sequiosos de dinheiro, que herdaram do fascismo suas teses de supremacia racial e de negação do progresso, que fizeram sua a tendência fascista de tudo resolver pela fôrça das armas, querem perpetrar um novo atentado contra o patriotismo espiritual dos povos.

MANIFESTO — 361

As civilizações dos paises da Europa, que deram imensas contribuições á civilização de toda a humanidade, correm o risco de perder sua fisionomia nacional.

Em certos paises como a Grécia e a Espanha, e paises da América Latina, os adversários do progresso conservam e alimentam a chama do fescismo.

Contra a razão e a consciência prossegue e se agrava a opressão de indivíduos e de povos inteiros que seus senhores denominam «indigenas».

O grupo adotou os métodos do fascismo pratica a discriminação racial no seu próprio país e persegue os sábios e os artistas de vanguarda.

As descobertas científicas, susceptíveis de servir á melhoria do destino da humanidade, são destinadas à produção secreta dos meios de destruição; e assim está desacreditada e depreciada a grande missão da ciência.

A arte e o verbo — lá onde reinam os homens dos quais falamos — não servem para esclarecer e reaproximar os povos, mas para excitar as paixões vís, o ódio do homem e para preparar a guerra.

Acreditamos firmemente na necesidade do livre desenvolvimento e difusão, em todos os paises, das conquistas da cultura progressiva, para a paz, o progresso e o futuro da humanidade; protestamos contra qualquer limitação dessa liberdade e acentuamos a necessidade de uma compreensão mútua entre as culturas e povos no interesse da civilização e da paz.

Reconhecendo que a ciência contemporânea libertou imensas forças novas que serão inevitavelmente utilizadas pela humanidade para o bem ou para o mal, êste Congresso protesta contra a utilização da ciência para fins de destruição; apela para que todos os esforços sejam dirigidos no sentido de dar uma maior circulação aos ensinamentos da ciência e no de aplicá-la na rápida diminuição da pobresa, da ignorância, da doença e da miséria que aletam a maioria do Gênero humano.

Apela também para que sejam reduzidas as limitações opostas à livre circulação de pessoas que servem a causa da paz e do progresso, e áquelas opostas à publicação e à difusão de livros, dos resultados científicos e de tôdas as conquistas científicas e culturais que servem a mesma causa.

Os povos do mundo não querem a guerra e são bastante fortes para proteger a paz e a civilização contra os atentados de um novo fascismo.

INTELECTUAIS DO MUNDO!

Uma grande responsabilidade pesa sôbre nós perante nossos povos, a humanidade, a história.

Levantemos a voz em favor da paz, do livre desenvolvimento cultural dos povos, de sua independência nacional e de uma estreita cooperação entre êles.

Apelamos para todos os intelectuais, de todos os paises, para que discutam as seguintes proposições:

- Organizar, em todos os paises, congressos nacionais de homens de cultura para a defesa da paz:
 - Criar, em todos os paises, comités nacionais para a defesa da paz;
- Reafirmar as ligações internacionais entre os intelectuais de todos os paises para servir à paz.

NOTAS

POLITICA

MISSÃO ABBINK

Encontra-se em nosso país, há já algumas semanas uma comissão de técnicos norte-americanos, composta de especialistas dos mais variados setores de atividades econômicas e financeiras. Essa comissão está sendo assistida por técnicos brasileiros empenhados em proporcionarlhe as mais completas informações a respeito de nossas riquezas natunais, desenvolvimento econômico, problemas financeiros e de govêrno.

Não obstante o desencontro que se observa nas opiniões a respeito dos objetivos atribuidos à Missão Abbink, não padece dúvidas de que ela está votada à elaboração de um plano econômico para o Brasil, enquadrando-o nos planos de amplitude continental orientados e controlados pelos Estados Unidos. A inspiração de todos êsses trabalhos é, como se sabe, a próxima guerra, tão alardeada que até parece ser desejada...

Vale a pena lembrar que a vinda e os trabalhos da Missão Abbink estão relacionados com o «memorandum» que o General Dutra entregou a Mr. Snyder, quando êsse Secretário do Tesouro norte-americano esteve em visita ao nosso país. Não se sabe ao certo o que dizia aquele documento, mas, tratava, ao que se alude, de um pedido do General Dutra agora satisfeito com a vinda da missão planificadora. Por outro lado, há algum tempo, andou por aqui a Missão Morris-Cook, preocupada com as nossas riquezas minergis.

Agora, depois das missões, visitas, etc., surge o caso do petróleo, provocado pelo envio de um projeto de lei ao Congresso, segundo o qual

só os trustes norte-americanos têm capacidade e devem explorar as nossas riquezas minerais.

Tudo indica que em nome da colaboração continental seremos convocados para grandes sacrifícios...

R. B. C.

LIVROS

Le Marxisme est-il dépassé? - V. Leduc.

O triunfo definitivo de um sistema filosófico se avalia pela sua transformação em bom senso. Já nos fins do século 17 não era mais concebível que um cientista baseasse os seus raciocínios em dogmas revelados e indiscutíveis. Tôda argumentação científica devia ter como ponto de partida a dúvida e desenvolverse por meio da observação, da experiência e do raciocínio. Era o sistema filosófico de Descartes, já triunfante; partira êle singelamente bom senso, como «a coisa mais espalhada no mundo», e, reunindo as idéias dos seus predecessores Bacon, Da Vinci, Galileu, e encarnando as aspirações espirituais da classe burguesa em ascensão, argumentou tão convincentemente que as próprias idéias novas que êle conquistou para a Filosofia se transformaram também em bom senso.

A leitura de alguns modernos autores franceses nos dá a impressão de que o mesmo está acontecendo com o marxismo. Já não se nota mais aquela agressividade com que os próprios fundadores dêste sistema ridicularizavam os falsificadores da filosofia; nem o estilo panfletário dos teóricos do comunismo russo, que uniram a essa teoria a sua ação cons-

ciente sôbre o desenrolar da história. Hoje que a nova classe em ascensão já está organizada em tôda parte e já conta com uma tradição de luta, êsse processo de raciocínio dialético materialista já está mais que sedimentado em muitos meios de «elite», e os filósofos e escritores já o empregam como a coisa mais natural do mundo.

E' esta a impressão que nos dá, por exemplo, a leitura do livro de V. Leduc, «Le Marxisme est-il dépassé?». Embora se trate de uma refutação de diversas tentativas de provar a falsidade ou o envelhecimento da filosofia marxista, não se pode dizer que seja um livro de polêmica, pois o seu autor não demonstra o menor esfôrço em provar os êrros dos seus criticados. E mais ainda: exibe com clareza a razão dêsses êrros e o processo de evolução daquelas tentativas.

Depois de uma vista geral sôbre as idéias de Bernstein, um dos primeiros revisionistas do Marxismo, assim como dos teóricos da II Internacional, o autor examina a obra de Henri de Man, autor de «Au délà du Marxisme», demonstrando como essa obra, produto de uma classe operária — a belga — excessivamente submissa à estrutura burguesa do seu país, conduz facilmente às idéias fascistas e nazistas. Toma depois a obra de Leon Blum, com as suas concessões aos dirigentes das classes capitalista e a sua total incompreensão do significado da revolução russa e da política dos dirigentes russos, antes e durante a guerra. Mostra depois as idéias que floresceram e proliferaram logo depois da libertação da França, onde vários escritores tomaram a si a tarefa de negar a luta de classes, em benefício de uma união de todos os franceses, seja sob a direção dos jovens patrões, seja sob a dos tecnocratas, interessados em sustentar uma ordem de coisas que, sob a capa de algumas concessões ao socialismo, mantivesse a iniciativa privada, o não passa de uma grande camuflagem da dominação dos trustes. Tôdas essas tendências gravitam em torno da ditadura de de Gaulle solução que fica sempre de reserva para qualquer eventualidade, enquanto perdurar a estrutura imperialista do mundo ocidental.

Outra análise mais longa e não menos convincente é a que o autor faz da obra de Georges Izard, «L'homme est révolutionaire», uma das mais importantes e recentes tentativas feitas na França para solapar as bases filosóficas do marxismo. A análise de Leduc tira tôda ilusão que se pudesse ter a respeito da sinceridade de mais essa tentativa, tão decantada nos círculos dirigentes do Partido Socialista Francês.

No último capítulo, intitulado «morale et politique», o autor passa em revista as tentativas desesperadas de justificar o anti-comunismo em nome da moral e da liberdade humana. E não só refuta essas perfídias, pondo em têrmos simples e claros o ponto de vista marxista sôbre êsses conceitos, como também situa com grande felicidade essas novas teorias, entra as quais está o existencialismo, que, para a alta burguesia constituem a última táboa de salvação nessa tempestade de contradições em que ela se debate.

Esse livrinho de 180 páginas, escrito em linguagem clara e acessível, pode ser recomendado como um dos mais esclarecedores do panorama ideológico do mundo atual.

O. C.

Mathématiques et Matérialisme Dialectique — Gaston Casanova.

E' antiquíssimo o desejo dos matemáticos de dar um aspecto «definitivo» aos fundamentos da ciência, ou pelo menos de alguns dos seus grandes ramos. Mas o tempo passa, queiramos ou não, e o desenvolvimento da Ciência acarreta consigo o aparecimento de contradições até naquilo que parecia ser a estrutura lógica mais inabalável do mundo. Não é raro os autores e admiradores dessas estruturas pretensamente sólidas e eternas, se rebelarem contra as contradições e procurarem ou desconhecer estas últimas ou explicá-las de maneira incompleta e pouco convincente.

Para prevenir êsse estado de espírito, é muito conveniente a leitura do livro de Gaston Casanova, «Mathématiques et Matérialisme Dialectique». Nele o autor demonstra que o desenvolvimento da matemática tem caracter evolutivo tido sempre um dizer que em dialético; isto quer estudo, chega qualquer teoria em sempre um ponto em que se atinge necessidades do um impasse: as desenvolvimento da ciência revelam aspectos da realidade que são incompatíveis com os fundamentos em que se baseia essa teoria. Torna-se necessário então negar êsses fundamentos, e posteriormente, negando a própria negação, crear uma nova síntese, isto é, fundar a teoria assim desenvolvida em bases mais amplas, que englobem os resultados já conquistados anteriormente e os que os novos estudos revelaram. Essas novas sínteses são verdadeiras creações do espírito humano, condicionado pelas contingências históricas contemporâneas, e apresentam frequentemente exemplos bem claros do processo dialético da transformação da quantidade em qualidade.

Não seria possível, evidentemente, realizar em um pequeno volume um estudo completo da história da Matemática sob o ponto de vista dialético, se bem que seja êsse um empreendimento de sucesso garantido, tal é o esclarecimento que apresentaria um estudo dessa natureza. O livro de Casanova representa uma das primeiras tentativas nesse sentido, e uma tentativa certamente bem sucedida. Toma o autor tôdas as etapas decisivas da Matemática, demonstrando com grande clareza o aspecto dialético das suas grandes creações. O primeiro exemplo é o próprio conceito de unidade, obtido por meio de negações sucessivas de todos os aspectos físicos aparentes de um objeto; como negação do conceito unidade, surge o conceito de multiplicidade, de repetição, e daí, como síntese, o conceito de número cardinal. A extensão das operações elementares conduz a novas contradições, e consequentemente à creação das sucessivas extensões dêsse conceito.

A síntese cartesiana da Geometria Analítica foi fértil em contradições. Basta lembrar as generalizações sucessivas dos conceitos de função e de curva, as discussões sôbre as funções contínuas sem derivada, etc. E foi essencialmente essa geometria que permitiu a creação do Cálculo

Infinitesimal; o seu estudo é um dos capítulos mais brilhantes do livro, o que era de se esperar, pois êsse cálculo — um dos mais potentes instrumentos de pesquisa creados pelo espírito humano — levou mais de um século para se estabelecer em bases sólidas.

Sob o mesmo ponto de vista dialético, o autor examina a extensão do espaço euclideano para o espaço projetivo, assim como as sucessivas extensões de noção de espaço baseadas nos diversos grupos de transformações, até chegar às mais recentes sínteses de Weyl e de E. Cartan. Discute também com grande profundidade e clareza as divergências suscitadas pelo postulado o empirismo Zermelo, examinando de Borel, o nominalismo de Lebesgue, o idealismo de Hadamard e finalmente as diversas tentativas de dar um caracter «definitivo» às teorias matemáticas pelo método axiomátiexemplos demonstrando, pelos históricos recentes, que mesmo êsse método não pode estar ao abrigo de contradições.

Certamente, o método dialético não é redutível a nenhuma fórmula de fácil aplicação; mas uma vez dominado, torna-se um forte instrumento de análise, um verdadeiro processo de «pensar» a realidade em sua constante mutação.

O. C.

Testamento sob a fôrca -Julio Fucik.

Iniciativa merecedora de registro destacado é a do semanário «A Classe Operária», publicando, em trechos sucessivos, o livro postumo do escritor tcheco Julio Fucik — «Testamento sob a fôrca».

Julio Fucik, escritor e jornalista, era dirigente da vanguarda política do proletariado de sua pátria. Ocupada esta pelos nazistas, continuou no país, desenvolvendo intensa atividade de propaganda ilegal contra os invasores e os seus aliados quintacolunistas. Em 1942, Fucik foi aprisionado pela Gestapo. Apesar de atrozmente torturado, a sua bôca não se abriu para denunciar um único companheiro do movimento

patriótico subterrâneo. Cêrca de um ano depois, era êle fuzilado.

Por felicidade nossa, isto é, de todos os que sabemos fazer justiça aos herois precursores de uma nova era, Fucik encontrou num guarda da prisão alguém que já o conhecia de nome e lhe fez chegar papel e lapis. Se Fucik já deixava para os que sobreviveriam um insuperavel exemplo de dignidade, que era a sua vida, acrescentou a êsse exemplo algo de tão imortal como êle — o «Testamento sob a fôrca». Dado à publicidade no após-guerra, uma vez reconquistada pela Tchecoslovaquia a sua independência, o «Testamento fôrca» já foi traduzido para quatorze línguas. Chegou, agora, a vez dos leitores da língua portuguesa, gracas à iniciativa de «A Classe Operária».

O livro póstumo de Fucik recebeu invulgar sucesso de crítica na Europa e na América. Ainda que não tivesse sido um escritor de talento, bastaria que êle houvesse narrado a sua terrível experiência para que tal sucesso se justificasse. Mas acontece— como ressaltou Howard Fast— que Fucik escrevia como poucos. E isso confere ao seu livro, sem dúvida, uma qualidade digna de todo realce.

O que, todavia, merece o maior realce é que Fucik nos legou um dos mais notaveis e vívidos exemplos do novo humanismo, que se vai forjando possantemente na senda marxismo. Nunca, em época alguma, o homem se revelou, de tal maneira, em tôda a sua estatura. Aí está a resposta àqueles que vêm nesse novo homem — precursor da humanidade do futuro - um triste «robot» sem personalidade. Só uma causa como a que levou Fucik a lutar e a morrer poderia despertar e desenvolver na sua personalidade e na de tantos outros, no mundo inteiro, tão poderosas demonstrações de iniciativa, de energia confiante, de dignidade serena e otimista em face dos torturadores e carrascos. Fucik nos dá a medida dêsse humanismo em que a razão, na sua plenitude, se alia à mais profunda paixão revolucionária. Ele podia, por isso, escrever no seu testamento: - «Que a tristeza nunca seja ligada a meu nome... Se vocês pensam que as lágrimas vão apagar o triste turbilhão do sofri-

mento, chorem um pouco. Mas não lamentem nada. Vivi para a alegria e morro para a alegria e seria nijusto para comigo colocarem em meu túmulo o anjo da tristeza».

Não seria completo êste registro se a êle faltasse uma observação sôbre a realidade cultural de nosso país. Enquanto o livro de Fucik só agora veiu a ter divulgação no Brasil, sem que antes tivesse recebido qualquer referência da crítica «bem comportada» de diários e revistas da intelectualidade oficial, que assinala a mais insignificante novidade dos literatos decadentes de Paris, ou de Nova York, verificamos, em igual tempo, o açodamento de certas editôras por traduzir o que de mais podre vem gerando a famosa «cultura do ocidente». Uma literatura que só induz ao pessimismo, que se tece de calunias ou que se vale, no seu completo esgotamento, de temas em que a obcenidade atinge o mais alto nível de repugnância, eis o que está abarrotando as nossas livrarias e recebendo os aplausos, recheiados de auto-suficiente, mas falsa erudição, da da chamada «claque» de críticos grande imprensa. Koestler, caluniador profissional, e Sartre, obceno e vil, fornecem os ingredientes com que se pretende envenenar a nossa juventude. Um suposto diário de Eva Braun, amante de Hitler, se foi trombeteado na primeira página dos jornais, cujo proprietário é, por coincidência, mas não por acaso, o sr. Chateaubriand. A editôra de outros «businessmen» se encarregou de espalhar um livro em que o insignificante Kravchenko aparece como autor sem ter escrito uma de suas páginas, porque o fez, a peso de ouro, o escriba Isaac Don Levine, amigo do ex-embaixador Adolph Berle. E até um ex-chefe de polícia de Mussolini já teve a sua produção «literária» lustrosamente passada para português. Sôbre Howard Fast, sôbre Aragon, sôbre Ehrenbourg e Fadeyev o mais absoluto silêncio.

Se isso não nos deve admirar, pois está na lógica dos fatos, tampouco nos desobriga da constante necessidade de denunciar o contrabando que se pretende apresentar no Brasil como a mais moderna literatura. Daí a necessidade, também, de assinalar com luovores tôdas as iniciativas de editôras e publicações que, apesar do

ambiente reacionário de quase asfixia vigente no país e sem contar com os gôrdos recursos dos comerciantes da cultura, realizam todos os esfôrços possíveis para oferecer ao nosso povo e, em especial, à nossa juventude uma literatura honesta, saudável e autêntica. A divulgação do «Testamento sob a fôrca», de Juuma iniciativa lio Fucik constitui dessa ordem.

I. G.

Science et religion - Marcel Cachin.

Pequena publicação na qual o autor apresenta uma síntese das concepções científicas sôbre o cosmos, sôbre o aparecimento do homem, sua organização em sociedade, por fim a determinação dos movimentos sociais, luta de classes e outros princípios definidos por Marx. O autor põe em relêvo a atitude dos cientistas, que sempre se mostraram coerentes na afirmação de suas descobertas o que motivou sua perseguição e até mesmo condenações, por parte de dirigentes religiosos.

Faz uma rápida análise do que seja o materialismo dialético, opondo-o à concepção idealista (idealista fora da realidade e não elevada), pregada pela Igreja durante 1.300 anos, mas sempre vencida pelas descobertas científicas.

E. S. P.

Histoire d'une langue: le français - Marcel Cohen.

Marcel Cohen, professor e diretor, apresenta-nos quinze capítulos divididos em quatro partes: «Avant Le Français, L'Ancien Français, Moyen Français et Le Français Moderne», síntese do curso desenvolvido na Universidade Operária Paris de 1933 a 1938. Tem por finalidade apresentar a língua francesa em seu desenvolvimento e dar aos leitores algumas idéias sôbre questões linguísticas gerais. Pequenos textos vão exemplificando a explicação teórica para a caracterização das formas, ortografia, versificação e estilo. Os fatos linguísticos são explicados dentro da organização social que a história francesa vem apresentando sendo de notar-se a ligação estreita de cada forma econômica, política e social e seus correspondentes no campo da fonética, semântica, morfologia e sintaxe. Agradam especialmente pelas idéias que desenvolvem os capítulos que tratam do francês arcaico e o período feudal, do francês durante a Revolução e sob Napoleão, do francês e o regime burguês do sufrágio restrito e do francês e o regime burguês do sufrágio universal. O único capítulo focaliza com felicidade a questão do estudo da língua no passado e no presente, esclarecendo que a compreensão de muitos fatos linguísticos fica prejudicada uma vez que os documentos sôbre o passado são incompletos enquanto que no presente são tão complexos e tão insuficientemente observados e classificados, sendo a terminologia utilizada para indica-los, imprecisa e confusa. O autor desenvolve suas idéias até o ano de 1946 terminando com a seguinte frase: «O destino da língua francesa estará ligado ao da população trabalhadora do país, no novo mundo das máquinas e da instrução para todos». Farta e selecionada bibliografia orienta o leitor no conhecimento pormenorizado de múltiplas questões. Linguagem simples, o que torna a obra agradável.

E. S. P.

Une littérature de Fossoyeurs - Roger Garaudy.

Ouatro estudos críticos sôbre a obra de Sartre Mauriac, Malraux e Koestler, formam o volume.

Analisando a obra de Sartre, Garaudy mostra como é falso o conceito de liberdade dos existencialistas que baseiam tôda a sua filosofia num postulado nihilista quando admitem que ao homem tudo é permitido. O homem não surge no mundo para depois definir-se como pretende Sartre, pois êle tem um passado e um passado orientado. Mostra que a liberdade irracional, surgida num mundo sem lei só nos pode levar à impotência, isto é, à servidão e ao desespero. Liberdade, diz Garaudy, não é um dom do céu, mas

uma tareía começada por outros, da qual nós racionalistas participamos no estaleiro coletivo da história. Liberdade é afirmação, luta, trabalho e nunca negação, nihilismo, fuga.

Mas, o existencialismo, divorciado das massas populares e da realidade, não passará nunca de epidemia benigna capaz apenas de atingir alguns intelectuais desmobilisados que vivem mergulhados em ridículos dramas individuais e pretendem construir, sôbre ruinas, uma filosofia para fracassados. E cabe a nós racionalistas, conclui Garaudy, ensinar aos intelectuais que existe algo de mais útil a fazer do que projetar no absoluto suas contradições que são apenas as contradições do regime.

A seguir, Garaudy estuda Mauriac, como escritor e como homem. Reconhece seu grande valor. Mostra que, retratando a burguesia decadente da qual faz parte — implicitamente denuncia os fariseus. E se é verdade que protesta contra o sacrilégio e contra o deshumano, também é verdade que não sabe ir além dessa negação. Mauriac denuncia o que existe de deshumano no regime, mas não sabe em que fôrças apoiar-se para superar êsse regime deshumano, e nisso reside o drama dos homens de sua classe. Daí seu respeito pelas elites, seu mêdo das massas, suas tentativas de ridicularizar o «homem novo», seu ódio contra os partidos e contra os países que querem transformar os homens. Escritores como Mauriac que souberam revelar tudo que existe de sórdido no mundo em que vivemos, que nos ensinaram a dizer não, incapazes agora de compreender o homem novo que surge, recuam diante do mundo que nasce, fogem covardemente da realidade, e hoje apenas possuem os reflexos de sua classe, a burguesia decadente.

E Garaudy aponta a lição dêsse exemplo: Negação pura e simples nada significa. Proclamar-se anticapitalista, não significa trabalhar contra o capitalismo, hoje todo o mundo é anti-capitalista, mas numa atitude negativa que não implica em qualquer compromisso.

Aliás, essa negação platônica é uma cortina de fumaça que capita-

lismo alimenta prazeirosamente.

Malraux — diz Garaudy — é o personagem central, o personagem único de sua obra. Através de seus romances e de seus herois é sua fisionomia que êle vê e nos faz ver. O resto, todo o resto, isto é, os homens, os outros, os povos, as classes, com suas torturas e suas esperanças, com suas derrotas ou suas revoluções, servem apenas de moldura para valorizar as sombras dêsse perfil que pretende ser conquistador e trágico.

E, dêsse ângulo, analisa e disseca em mais de trinta páginas, impiedosas mais irrespondíveis, a obra do autor da «Condition Humaine».

A mentira em estado puro: Arthur Koestler. Éste simples sub-título nos diz qual pode ser o conteúdo da crítica que Garaudy faz da obra do autor de «O Zero e o Infinito». Limita-se a mostrar, documentadamente, algumas das muitas mentiras cínicas que deram a Koestler fama e dinheiro.

G. N.

O último livro de Laski — O prof. Harold Laski goza de prestígio mundial como teórico do socialismo trabalhista inglês. Seus livros sôbre política e teoria do estado grangearam-lhe consideravel nomeada. Laski tem desempenhado cargos de importância no Partido Trabalhista Britânico, inclusive a presidência de sua comissão nacional executiva. Exerce uma cátedra na Escola de Economia e Política de Londres, e, colabora com frequência na imprensa burguesa internacional. E' considerado por seu partido como a maior autoridade inglesa em questões de comunismo. Por essa razão, foi-lhe dada a incumbência de escrever para o partido uma nova apreciação do Manifesto de Marx e Engels, no seu primeiro centenário. O resultado dessa incumbência é o livro «Communist Manifesto-Socialist Landmark» (O manifesto comunista-marco socialista) recém publicado na Inglaterra por Allen e Unwin. E' um livro decepcionante. Logo no prefácio o autor explica que, devido às dificuldades de papel em seu país, deixa de publicar «a muito consideravel bibliografia anotada que preparei, pois o que resta é apenas a sua introdução ao Manifesto Comunista, como chama

o Manifesto do Partido Comunista, sonegando por um lapso consideravel de anotação bibliográfica, o título verdadeiro e histórico do documento. As noventa e três páginas do ensaio são escritas na mesma veia de escamoteação: o tema latente de todo o trabalho é o da insinuação, de que o Manifesto de '48 se dissocia da evolução dos partidos comunistas, os quais não deveriam separar-se dos outros partidos, contrariando desta forma a conhecida passagem do manifesto: «os comunistas não formam um partido separado, em oposição a outros partidos da classe operária». A passagem é citada insistentemente ao longo do ensaio, com o propósito evidente de fixar bem as idéias sôbre esta interpretação presunçosa. Escamoteia o fato de que, por ocasião do manifesto só havia dois partidos da classe operária organizados, os chartistas reformadores na Inglaterra e os agrários nos Estados Unidos; escamoteia o fato de que, os próprios autores do manifesto, em 1879, quando o partido social-democrata alemão sofreu grande infiltração de elementos não trabalhadores, ameaçaram «dissolver a solidariedade com a qual temos até agora representado o partido alemão no exterior», caso não cessassem aqueles enxertos; escamoteia o fato de que, quasi todos os partidos da segunda internacional, **êles sim, afastaram-se do m**arxismo, na primeira guerra mundial, aceitando tacitamente a aliança com os capitalistas de seus paises; e, esca moteia o fato de que, o próprio partido Trabalhista Britânico é o exemplo mais patente de falso socialismo, afastado dos interêsses classes trabalhadoras e cada vez mais achegado aos interêsses classe capitalista. Outra curiosidade do descozido ensaio de Laski é a tentativa de explicação para o uso da palavra comunista pelos autores do manifesto. Teria sido para mostrar que era trabalho da Liga Comunista, teria sido para distinguí-lo dos socialistas da Alemanha, teria sido para homenagear a Comuna de Paris, sugere Laski, acrescentando com consideravel prudência que «temos poucas outras provas em que basear a especulação». No seu próprio livro, a pgs. 115-116, encontraria as seguintes palavras de Engels,

em seu prefácio a edição alemã de 90: «Em 1847 o socialismo significava um movimento burguês, a comunismo um movimento da classe operária. O socialismo era no continente pelo menos, bem respeitavel, enquanto o comunismo era exatamente o oposto». Os autores do manifesto eram sempre tão claros que a escamoteação de seus textos e de seus pensamentos é obra acima da capacidade dos mediocres. O prof. Laski que já teve alguma consistência, vem se contraditando ultimamente de uma forma dolorosa para os seus múltiplos admiradores e discípulos. Ainda há pouco, em artigo de jornal a propósito do Congresso de Wroclaw, insurgiu-se êle contra os «maus tratos» que sofrera a cultura ocidental naquela reunião, e, em particular as figuras «eminentes» de T. S. Eliot e John dos Passos. Tratava-se na sua opinião de uma «fantástica demonstração de más maneiras», e a alusão era direta a Ilya Ehremburg e Fadeiev. Dos elogios Ehremburg a Faulkner, Howard Fast e Chaplin, nenhuma menção.

Mas vejamos o que Laski, êle próprio, diz do eminente Eliot no seu livro «Fé, Razão e Civilização» — um ensaio de análise histórica (edição americana, da Vicking Press, 1944): «tinha a nostalgia do passado», (pg. 39) «o seu sonho já se desvanecera quando êle o sonhou» (pg. 50); que «tinha horror ao homem comum, vulgar, feio e bárbaro», (pg. 97); «a sua obra se destinava a um bando de almas preciosas»; «era uma traição à cultura, uma traição intelectual»; «deixava as massas se tornarem vítimas de homens como Hitler e Mussolini» (pg. 99);, etc., etc. Tal para Laski, o eminente Elliot, cuja obra não deve ser tocada nem mesmo num vigoroso e equilibrado discurso, numa assembléia responsavel de intelectuais, onde estavam quarenta representantes da britânica, que não protestaram (reclama Laski em desespero!). O que se vê na realidade é que, o desmascaramento do Partido Trabalhista como partido socialista, atinge, agora, o seu campo teórico, na pessoa do «autorizado» Prof. Laski. Não se julgue que o livro de Laski, em apreço, seja inutil; bem ao contrário, pois o volume transcrevé a integra do Manifesto, e vários dos prefácios de Engles às sucessivas edições alemãs do grande documento.

J. E. F.

REVISTAS

Província de São Pedro - Nº 10.

Temos em mãos o número 10 da revista «Província de São Pedro», publicação trimestral da Editôra Globo, dirigida por Moisés Vellinho. Trata-se, inegavelmente, de uma revista séria e independente, mas que nos dá a impressão de ser escrita à margem do mundo de hoje, como se êle não existisse.

Afora quatro magníficos poemas de Bueno de Rivera, e algumas contribuições de pesquisadores como José Honório Rodrigues e Walter Spalding, a maior parte das colaborações publicadas no nº 10 da revista riograndense caracterizam-se pelo seu conteúdo idealista, ingênuo e inofensivo. Não encontramos nelas uma linha sequer que não pudesse ter sido escrita há vinte anos atrás, o que bem demonstra o que dissemos acima. Entretanto, como se trata de uma revista séria e honesta mas que apenas ainda não conseguiu libertar-se de um passado superado, permitimonos uma crítica a nosso ver construtiva. E, com essa finalidade, sejanos lícito apreciar superficialmente os artigos de três autores que, pela sua seriedade, merecem tôda a nossa estima.

Carlos Dante de Morais, um dos estudiosos de mais talento do Rio Grande do Sul, ainda vive dentro do clima de 1922 quando escreve «Graça Aranha e o lado trágico da vida», tema há muito superado pela história como demonstra Tristan Tzara no seu livro «Le surrealisme et l'après guerre» Edition Nagel - Paris, 1948. E não esqueçamos que Tristan Tzara foi o líder do dadaismo.

Reinaldo Moura, com seu estilo brilhante e muito pessoal, escreve uma crítica sôbre «O Lustre», romance de Clarice Lispector e, entre outras coisas, diz: «Temos a impressão de que, nesta altura da arte de escrever, neste instante histórico da literatura de ficção, conformar-se com os velhos modêlos de todos os tempos, e repetir as mesmas narrativas de sempre, variando apenas o conteúdo de vida de acôrdo com a diversidade das atitudes humanas, não vale a pena». Nada mais falso. Ciência, arte, literatura só têm sentido quando visam libertar o homem das barreiras materiais que lhe dificultam a vida e muitas vêzes o aniquilam, ou dos dramas interiores que o deformam e o inutilizam.

Vidal de Oliveira escreve com entusiasmo sôbre o livro «El lugar del hombre» de J. Sander que traduziu para o português. Trata-se de uma obra que, no dizer do próprio autor do artigo, «não apresenta solução para os males que esmiuça em traços excepcionalmente vigorosos, mas à leitura de seu livro ressaltam ensinamentos que obrigam a pensar a todos aqueles que, detendo uma parcela de autoridade, se resolverem a ler a obra».

Que ensinamentos poderão ser êstes se o livro «não apresenta solução para os males que esmiuça»? Livros dêsse gênero são perfeitamente inúteis pois todos sabem que as desgraças humanas decorrem da guerra, da miséria, da fome, das doenças. Precisamos de livros que nos apontem a solução para os problemas sociais, que nos digam, sem idealismo, sem romantismo, concreta, objetiva, cientificamente, como evitar a guerra, a miséria e a fome.

-//-

apontados exemplos mostram perfeitamente o espírito e a orientação de uma revista que, pelas suas condições e possibilidades, poderia ser um dos mais importantes órgãos da imprensa brasileira, capaz de contribuir para a elevação do nível de vida de nosso povo, tanto do ponto de vista material, como do ponto de vista moral e cultural. Entretanto, tal não acontece, pois, colocando-se fora da realidade, numa posição de espectador imparcial do que se passa no mundo, «Província de São Pedro» é uma revista que nos dá a impressão de um automovel que patina num terreno arenoso.

Problemas - Nº 11 - Junho de 1948.

A revista dirigida por Carlos Marighela consolida cada vez mais a sua inconfundivel posição de melhor revista do gênero, no Brasil, reunindo sempre matéria do mais alto interêsse para quantos acompanham o pensamento e a ação marxistas no mundo.

Éste número de «Problemas» contém, além de outros trabalhos de grande valor, dois que sobressaem pela sua oportunidade: «O plano Marshall», de autoria de Charles Tillon, membro do Bureau Político do P. C. Francês e «O verdadeiro caracter dos partidos das classes dominantes», de Jacob Gorender.

O estudo de Charles Tillon constitui importante contribuiãço para a da política análise expansionista norte-americana, levada a cabo pelos grandes monopólios hoje no govêrno da república do norte. A argumentação cerrada, à base de fatos e sólida documentação, mostra que o Plano Marshall é uma arma «dirigida contra a industrialisação dos paises democráticos da Europa e. consequentemente, contra as bases de sua independência». O trabalho de Tillon proporciona farto material para compreensão dos recentes esfôrços de certos setores econômicos do Brasil, que desejam a todo custo «um plano Marshall para a América Latina». Fica demonstrado que o Plano Marshall é, essencialmente, um plano de guerra «em escala humana», funcionando como uma das válvulas de escapamento de que lança mão o capital financeiro norte-americano para tentar abrandar os tremendos efeitos dos problemas que ameaçam a sua sobrevivência.

A leitura do trabalho de Charles Tillon destrói a propaganda que se faz em torno das pretendidas vantagens do Plano Marshall. Uma frase que dá bem a idéia dos fundamentos do referido plano, é a seguinte: «Não podendo exportar outros produtos industriais, devido à redução do poder aquisitivo das massas nos paises submetidos ao dólar, o Plano Marshall impõe o consumo dos produtos de guerra americanos».

O artigo de autoria de Jacob Gorender está calcado na tese de Prestes relativa à natureza dos partidos

políticos das classes dominantes no Brasil, segundo a qual tais partidos são agrupações heterogêneas a servico, tôdas elas, dos interêsses dos elementos mais reacionários dessas classes. A diversidade e contradição dos interêsses dessas mesmas classes, impedem que todos os setores econômicos da burguesia se reunam em um só partido ou melhor sob uma única legenda partidária. A êsse propósito, cita a seguinte frase de Prestes, de seu livro «Problemas Atuais da Democracia»: «E' evidente que não pode haver grande entendimento político entre o industrial, que entrega 42% de seus lucros anuais aos bancos e emprêsas de seguro e os financistas, que dirigem estas instituições».

O importante trabalho de Jacob Gorender passa em revista (sob o prisma da tese de Prestes), o «comportamento» de partidos políticos e de homens que os compõem e dirigem, mostrando porque Prestes afirmava, poucos dias depois de libertado da prisão, a propósito das candidaturas Dutra e Eduardo Gomes, jamais se terem apresentado dois candidatos tão semelhantes.

Ao fazer a análise do papel desempenhado por Getúlio Vargas e do 29 de outubro, cita as seguintes palavras de Prestes: «O Sr. Getúlio Vargas preferiu ceder aos seus interêsses de classe a defender, como chefe, os da massa getulista ou queremista que nele confiava».

Concluindo o seu artigo, Gorender salienta que «mais do que qualquer outra circunstância, será a nossa capacidade de organização e direção das massas que vai nos infundir cada vez mais a certeza de que cumpriremos com honra a missão histórica de solucionar os problemas fundamentais da revolução agrária e anti-imperialista».

«Problemas» nº 11 dá à publicidade o importantíssimo documento «Os falsificadores da História», divulgado pelo govêrno da União Soviética através do Bureau de Informações do Conselho de Ministros da URSS. Seria impossível, uma nota tão restrita, dar um apanhado suficiente do conteúdo dêsse documento. Entretanto, para dar uma idéia da matéria nele tratada, basta dizer que divulga fatos até pouco tempo ignorados, hoje conhecidos através de documentos en contrados nos arquivos da chancelaria alemã. Tais documentos revelam a verdade da política «aliada» antes e depois de Munique e por que razão a União Soviética se viu obrigada a aceitar o pacto de não agressão com a Alemanha hitlerista, em 1939.

Antes de terminar esta nota, reputamos de todo interêsse reproduzir, de um dos trechos do documento divulgado pelo govêrno da URSS, a seguinte frase do então senador Truman (1941), que tão bem define o atual presidente ianque e o seu govêrno: «Se virmos a Alemanha conseguir vantagens, devemos ajudar a Rússia e se as vantagens forem do lado da Rússia devemos ajudar a Alemanha, de tal forma que seja o maior possível o número de mortos».

Éste número de «Problemas» traz ainda artigos de Mao Tse Tung, N. Osipenko, J. Ermadev, Charles Bidien e Helena Stassova.

R. B. C.

Problemas - Nº 12 - Julho de 1948.

Este número da revista dos comunistas do Brasil, comemorando o seu primeiro aniversário, apresenta matéria do mais alto valor e coloca o comentarista na posição de não saber o que abordar de preferência. Escolhemos, finalmente, entre outros, os artigos de Luiz Carlos Prestes e o de Eugene Dennis, Secretário Geral do P. C. Americano.

Antes de tratar dêsses dois estudos, entretanto, é indispensável constatar que em seu primeiro ano de lutas, «Problemas» contribuiu efetivamente para a formação e elevação da consciência dos combatentes da causa democrática e anti-imperialista do país. Juntamente com o nosso confrade Carlos Marighela e seus companheiros de jornada, está de parabens tôda a imprensa progressista do Brasil.

Aqui ficam os votos de perene sucesso que «Fundamentos» dirige a «Problemas».

Prestes, em seu artigo «O Imperialismo em Busca de Novos Quadros», ao analisar o que tem sido a posição política do sr. Domingos Velasco, passa em revista, na verdade, o que tem sido a atuação de certos

«democratas» ou «homens de esquerda», a serviço do capital financeiro internacional.

Seria impossível, em poucas linhas, dar ao leitor uma idéia de um trabalho da envergadura dêsse de Prestes. Destacamos, porém, alguns trechos que servirão como amostra do vigor e conteúdo do artigo em apreço.

Diz Prestes: «Queixa-se ainda o sr. Velasco de «outro êrro também de esquerda» dos dirigentes comunistas — «a campanha de desmoralização contra o P. S. B.». «Não cita o sr. Velasco nenhum só fato capaz de comprovar a existência dessa campanha, mas, pelo teor do seu próprio artigo, torna-se evidente o quanto é desnecessário uma tal campanha, pois, bastam as palavras e as atitudes dos dirigentes do P. S. B. para que o proletariado brasileiro compreenda o que vale o socialismo dêsses senhores».

Noutra parte do seu vibrante trabalho, Prestes diz: «Outra pérola do oportunismo do sr. Velasco está sem dúvida naquele «alto preço» já pago pelo P. C. B. em consequência do êrro criticado. Qual foi êsse preço? A cassação dos mandatos parlamentares? A decisão do T. S. E. contra a vida legal do Partido? Ou serão as perseguições policiais e a campanha do anti-comunismo sistemático? Como bom oportunista, o sr. Velasco só vê em tudo isso o lado negativo, não pode nem de longe compreender que a perseguição ao P. C. B. é justamente o melhor indício da sua fôrça e da debilidade dos governantes, obrigados pelos acontecimentos a confessar que já não podem mais governar dentro dos preceitos constitucionais, que a velha ordem semicolonial e semi-feudal já não pode ser mantida senão com o apôio da truculência policial».

O artigo de Prestes, pela sua importância, vem de ser reproduzido em «Jornal de Debates» e na «Classe Operária», bem como em outros órgãos da imprensa brasileira.

O estudo de Dennis — «O terceiro partido e as eleições de 1948» — está dividido em três partes, cujos títulos indicam o roteiro seguido pelo autor da análise do assunto em questão:

I — Os perigos crescentes do fascismo e da guerra e a crescente resistência do povo. II — Os objetivos e as táticas do campo trabalhista-progressista nas eleições de 1948.

III - O papel do Partido Comu-

nista na situação atual.

As características das novas condições em que se realizam, nos Estados Unidos, as eleições de 1948, reveladas pelo autor, explicam o conteúdo do seu artigo. Essas características são as seguintes:

1. Clima de ofensiva reacionária sem precedentes, de história e pre-

parativos guerreiros.

2. Luta eleitoral acompanhada por um conflito econômico que se aguça com o agravamento da inflação e com a aproximação da crise econômica de após-guerra.

3. Essa ofensiva da reação monopolista cria novos perigos de fas-

cismo.

- 4. O sistema bi-partidário serve de base à dominação dos magnatas, apresenta dois grandes partidos na forma, mas como partidos gêmeos do monopólio, com objetivos imperialistas comuns, funcionam como partido único, como organisação guerreira por excelência.
- 5. Os social-democratas reacionários e a maioria dos dirigentes trabalhistas reformistas, aliaram-se aos imperialistas.
- 6. Um novo surto de resistência está empolgando o campo trabalhista-progressista e estão aparecendo novas formações políticas progressistas.

«Problemas», neste número 12, publica ainda: Editorial, por Carlos Marighela; «A decisão de Bucarest» por João Amazonas; «O capitalismo monopolista de estado», de I. Kouzminov; «Reforcemos a luta pela paz», de Palme Dutt; «Um exemplo do internacionalismo proletário»; «O movimento agrário nas Filipinas», de Harlan R. Crippen; «Figuras do movimento operário — Karl Liebknecht e Rosa de Luxemburgo, internacionalistas de ação», de K. Funk.

R. B. C.

Literatura - Nº 7 - Abril-Setembro de 1948.

A excelente revista dirigida pelo sr. Astrojildo Pereira está agora no seu nono número. Depois de forçada a interromper sua publicação sob o pêso dos clássicos impecilhos que sempre dificultam a vida da imprensa independente, «Literatura» ressurge agora para continuar a desempenhar, no campo da cultura, sua ação patriótica e fecunda, apoiada por um grupo de «amigos da revista» entre os quais «Fundamentos» pede que seja incluído seu nome.

Destacamos neste número um artigo de Nicolas Guillen sôbre a morte de três grandes poetas que encarnaram a alma do povo espanhol e morreram na luta dêste mesmo povo contra a tirania franquista: Garcia Lorca, Antônio Machado e Miguel Hernandes. Um magnífico libelo contra três crimes de Franco entre os milhares que cometeu e continua, impunemente, a cometer todos os dias.

Merece também uma referência especial, um pequeno ensaio de Henri Denis sôbre «O humanismo e o materialismo no pensamento de Karl Marx».

As demais colaborações dêste número, assinadas por Edison Carneiro, Maurício Vinhas de Queiroz, Dalcídio Jurandir, Anibal M. Machado, Paulo Cavalcanti, Dias da Costa, Moacir Werneck de Castro, Alvaro Moreyra e outros, contribuem igualmente para a ação cultural que é a razão de ser de «Literatura».

G. N.

Clã - Nº 4 - Agôsto, 48 - Ceará.

«Cla», revista editada em Fortaleza, sob a direção de Fran Martins e Aluizio Medeiros, merece destaque entre as publicações do gênero. Apresentação gráfica elegante, com farto material literário, «Clã» oferece aos seus leitores trabalhos de intelectuais representativos do Ceará. Colaboram neste número Fran Martins, Antônio Martins Filho, Nei Guimarães, Aluízio Medeiros, Gastão Juta e outros. Poemas de Fernando Ferreira de Loanda, Otacílio Colares e Lêdo Ivo. Florival Seraine assina um artigo que merece a atenção dos folcloristas: «Sôbre uma indústria extrativa vegetal do interior cearense». E' um trabalho que focaliza a carnaúba, planta genuinamente nacional e uma das principais fontes de renda do Estado do Ceará. Em linguagem agradavel, Florival Seraine descreve a vida da carnaúba, fixando todos os seus aspectos, desde sua origem até sua utilização, que se desdobra em múltiplos proveitos para os sertanejos cearenses. Além de examinar êsse lado bastante interessante do aproveitamento da fibra da carnaúba, encontramos ainda, no trabalho, a nomenclatura e as denominações tipicamente sertanejas dos rústicos processos de industrialização dessa planta brasileiríssima. Esse estudo é um esboço do trabalho que o articulista pretende desenvolver oportunamente. Sôbre Monteiro Lobato escreve Aluízio Medeiros o seu interessante «Do Jeca Tatú ao Zé Brasil», em que analisa o curso da evolução política de Lobato. O número 4 traz ainda comentários sôbre livros, revistas, cinema, rádio, teatro, música e artes plásticas. «Clã» merece amplamente o seu moto de revista da «província para todo o Brasil».

S. F. B.

Época - Nº 1 - Agôsto. 1948 - Aracajú - Sergipe.

pensamento pro-Para servir ao gressista surge em Aracajú, Sergipe, um bem orientado mensário: «E'poca». O seu número de estréia reflete perfeitamente o objetivo que visa alcançar: «pugnar por uma cultura nova e militante, que busque formas mais perfeitas do conhecimento e de expressão». O seu programa de ação é uma vibrante plataforma para a defesa das liberdades democráticas. Dirigida por Walter Sampaio, N. de Araujo e Fragmon Carlos Borges, «E'poca», revista simples na sua confecção, mas viva no seu conteúdo, inicia suas páginas com uma expressiva homenagem a Monteiro Lobato, numa ilustração de Alvaro Santos. Entre outros trabalhos inseridos em seu número inaugural, destacamos: Luta contra a fome, do dr. Walter Cardoso, interessante estudo sôbre o problema da fome e da alimentação em Sergipe; Pablo Neruda, de Walter Sampaio; A arte nos Estados Unidos, de Villa-Lobos; Forrobodó, conto

inédito de Carvalho Neto; Meu preço em Rentenmark, famoso artigo de Louis Aragon; Poemas de José Sampaio e Bonifacio Fortes. Ainda, num de homenagem a Lobato, «E'poca» dedica o seu editorial — «Monteiro Lobato, consciência uma época» — ao grande vulto das letras brasileiras. O aparecimento dessa revista — mensário a serviço da cultura e da democracia - constitue uma valiosa contribuição ao desenvolvimento da literatura e da arte e mais uma voz na defesa da democracia e do progresso.

S. F. B.

Filosofia, Ciências e Letras - Nº 10.

Acaba de aparecer o nº 10 da revista «Filosofia, Ciências e Letras», publicada pelos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A publicação comenta, na nota de apresentação, a falta de periodicidade dos órgãos culturais das Associações Estudantinas atribuindo tal falha às aflições financeiras e à falta de apôio econômico. A seguir dedica suas primeiras páginas a uma crônica sôbre o petróleo, encarecendo a necessidade de luta firme e intransigente contra os trustes estrangeiros e contra os entreguistas nacionais. Trata ainda de matéria de grande interêsse cultural em vários ramos do conhecimento humano tais como história, geografia, filologia e crítica literária. Percebe o leitor o especial carinho dedicado aos valores da cultura nacional, com estudos sôbre o sítio urbano de São Paulo, a geomorfologia do Jaraguá e suas vizinhanças, a vida de Joaquim Nabuco, e sôbre alguns. originais topônimos dos arredores de São Paulo. E' de destacar-se também os trabalhos de etnologia e tupí-guaraní, pela clareza da argumentação e segurança de conhecimentos. Finalmente apresenta um estudo do «Niebelungenlied», de leve tendência metafísica, mas como o primeiro da lista — A questão da Irlanda —, bem documentado. A revista revela, de maneira geral, pesquisa séria e técnica bem orientada.

do petróleo Lutando pela defesa nacional, definiram-se os estudantes da Faculdade de Filosofia, firme e conscientemente, contra a entrega de nossas riquezas aos trustes estrangeiros; defendem dessa maneira as futuras gerações de estudantes, batalhando desde já pelo aumento seu nível de vida econômico, a possibilidade de serem publicadas revistas periodicamente, sem falhas e dificuldades, numa língua nacional realmente falada pelo povo, sem lusitanismos e colocações de pronomes mas verdadeiramente científica, fonética e semânticamente, e baseada realmente populares e nos valores nacionais.

E. S. P.

Caderno da Baía - Nº 1 -Agôsto de 1948.

Também na Baía surge uma revista de novo tipo, «Caderno da Baía», iniciativa e realização dos intelectuais da nova geração baiana, sob a direção de Cláudio Tuiuti Tavares, Vasconcelos Maia, Darwin Brandão e Wilson Rocha. Este número inaugural traz variada colaboração literária e farta ilustração, tudo no excelente arranjo gráfico que dá à revista, também na sua feitura material, o caracter vivo, moderno que ela tem no seu conteúdo. Outro traço distintivo de «Caderno da Baía» é o equilíbrio da matéria que publica: um belo conto de Vasconcelos Maia: «A grande safra»; dois ensaios de crítica de poesia: «Drummond até agora» e «Conceito e função da poesia», de Nilo Pinto e Wilson Rocha, respectivamente: uma nota crítica de Darwin Brandão sôbre os estudos afrobrasileiros — tão importantes — de Edison Carneiro; uma apreciação de Paulo Jatobá sôbre as influências recíprocas entre a música popular e a erudita; a oportuna transcrição, em resumo, de um artigo de Alvarez del Vayo sôbre «Existencialismo e Política», no qual o político e escritor republicano espanhol demonstra a esterilidade dessa mistificação; poemas de Claudio Tuiuti Tavares e Manoel Bandeira.

Merecem destaque na parte das ilustrações, dois desenhos de Bonadei que, com o costumeiro apuro de sua fina sensibilidade fixou dois aspectos da terra baiana. Se «Caderno da Baía» conseguir manter o nível de seu primeiro número, e se introduzir em sua colaboração, um contingente maior de contribuições de caracter científico, em contraposição a predominância literária do seu primeiro número, tornar-se-á uma das principais publicações periódicas do país. Para tanto, não faltam os elementos na Baía.

J. E. F.

Vértice - Ns. 58 e 59 - Junho-Julho de 1948.

«Vértice» se diz uma «revista de cultura e arte», e poucas são as publicações contemporâneas que poderão assim apresentar-se com mais justificado orgulho, consideradas as condições que hoje existem para uma revista racionalista num país como Portugal. Apesar de tudo, «Vértice» não transige um instante sequer na sua luta pela razão, luta que sabemos ser das mais difíceis sob a ação da polícia fascista de Salazar.

O número de junho, afóra um oportuno editorial sôbre a responsabilidade que cabe ao Estado nas edições dos livros de ciência e de algumas páginas de notas sempre oportunas e interessantes, é inteiramente dedicado a Gomes Leal em comemoração ao primeiro centenário de seu nascimento.

No número de julho, destaca-se um artigo excepcional de Luis Francisco Rebelo: «A náusea da vida», onde o ensaista português faz uma análise extremamente lúcida da obra de Jean-Paul Sartre, mostrando o negativismo dissolvente, falso, imoral e reacionário do existencialismo.

As demais colaborações muito boas. As notas excelentes como sempre.

G. N.

Europe - Nº 31 - Julho de 1948.

Colaboram neste número de «Europe», Louis Martin-Chauffier, Serge Borodine, Jacques Gaucheron, Marguerite Jouve, Jean Viollis, Aragon, Claude Roy, Jean Baumier, Jean Auger-Duvignaud, Felix Castan, René Lacote, Roger Payet Burin e outros.

Entre tôdas essas colaborações, destacamos a conferência pronunciada por Louis Martin-Chauffier na «Maison de la Pensée Française» sôbre Chateaubriand no dia 15 de junho último, dia do centenário da morte do autor de «Memoires d'Outre-Tombe», e os poemas de um grande poeta popular que nos era desconhecido: Jacques Gaucheron.

Além disso, parece-nos merecer um comentário especial a crônica me tuez-Claude Roy: «Pourquoi vous?», escrita na Itália, na qual, através de livros mais ou menos recentes, faz um inteligente estudo do clima de conformismo e delinquência mental em que vivem certos inconscientemente telectuais e que (já que são intelectuais), direta ou indiretamente, militam como instrumentos dos mais infames propósitos da reação imperialista, quer pregando o conformismo das classes ou povos explorados, quer justificando os crimes dos que os exploram. «Koestler e Sartre — diz Claude Roy com os livros que escreveram fizeram a campanha eleitoral de De Gasperi. Tôdas as fôrças que, durante vinte anos apoiaram o fascismo, os grandes industriais, os grandes latifundiários exploradores de servos, a Igreja, fizeram comícios com «O Zero e o Infinito» na mão. Os jornais, no dia seguinte da «premiére» de «Mains abriram manchetes nestes Sales», têrmos: «Gian Paolo Sartre Anticomunista». G. N.

> Études Sovistiques - Ns. 3 e 4 de Julho e Agôsto

Revista mensal que os russos editam em Paris, em língua francesa, contendo interessantes artigos, que se caracterizam pela sua objetividade, sôbre tudo quanto se passa na Rússia, tanto no campo literário e artístico, como no campo da ciência, da política, da economia, da agricultura, da indústria, etc.

de 1948.

Uma saudação do povo soviético ao povo francês pela passagem de

mais um aniversário da tomada da Bastilha, abre o número de julho. Neste mesmo número, destacamos ainda: a) uma entrevista de Fadeev com escritores alemães sôbre o realismo socialista na literatura russa; b) um artigo de I. Smirnov sôbre a harmonia do interêsse coletivo e individual; c) uma crônica de V. Pudovkin sôbre o tema: «A massa e o heroi»; d) um estudo de G. Guertrovich sôbre a situação econômica na zona alemã de ocupação soviética no qual, entre outras coisas, mostra, com cifras, os excelentes resultados alcançados com a reforma agrária do outono de 1945, o que permitiu um grande desenvolvimento da agriculde ocupação russa, tura na zona grande e muito superior ao alcançados nas zonas de ocupação inglesa, americana e francesa; e) uma nota, algarismos, demonsilustrada com trando que a Rússia não pode querer a guerra, pois a última conflagração custou-lhe esforços e sacrifícios maiores do que os sofridos pelos demais povos do mundo reunidos. Vejamos alguns dêsses números: — Soldados mortos — Rússia 7.500.000, Alemanha 3.300.000 (dos quais 3.020.000 no front russo), U. S. A. 396.000, Inglaterra 336.000, outros paises excluída a China 270.000; Prejuizos materiais sofridos pela Rússia: 1.710 cidades destruídas, 70.000 aldeias e 6.000.000 de casas, 31.850 estabelecimentos industriais, 100.000 estabelecimentos agrícolas e 65.000 kms. de linhas ferreas; Esfôrço de Guerra: Os russos tiveram que enfrentar 257 divisões alemãs, ao passo que os demais aliados enfrentaram 75 divisões; Custo e lucros de guerra: A guerra custou à Rússia 485 bilhões de dólares ao passo que os Estados Unidos realizaram um lucro de 87 bilhões; Material de guerra utilizado pelo exército soviético: Aviões — produção soviética 140.000, importados 11.384; tanques — p. s. 100.000, i. 9.224; Canhões — p. s. 400.000, i. 5.350; obuses — p. s. 775.000.000, i. 40.200.000; balas — p. s. 22.200.000.000, i. 1.316.000.000; fusis — p. s. 20.000.000, i. zero.

Um artigo de Ilya Ehrenburg: «Le siècle Nouveau» é o editorial do número de agôsto que concluiu com as seguintes palavras: «Não queremos impor a ninguém nossa verdade e

nosso modo de vida. O capitalismo quer dominar e reprimir. Nossas pretensões são, ao mesmo tempo, muito mais modestas e muito maiores — somos os inspiradores. Cada povo escolherá seu próprio caminho. E nós não temos ddúvidas sôbre a escolha que farão».

Neste número destacamos ainda dois fragmentos inéditos de Gorki sôbre os Estados Unidos da América, o primeiro datado de 1906 e o segundo de 1927 nos quais o famoso romancista acusa impiedosamente os milhardários americanos, responsáveis pelas misérias e vícios que pesam sôbre as classes exploradas no país do dólar.

Merece também uma referência um artigo do engenheiro P. Kamychev sôbre a vida do operário soviético, e alguns impressionantes dados estatísticos sôbre a produção industrial e agrícola do 2º trimestre de 1948, que já ultrapassou, em todos os seus setores, as previsões do atual plano quinquenal de reconstrução e desenvolvimento de economia nacional russa.

Éste número traz, na íntegra, a nota que o govêrno soviético enviou americano, inglês e aos governos francês sôbre o caso de Berlim na qual acentua que a situação criada em Berlim é o resultado da violação pelos governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França das decisões tomadas de comum acôrdo pelas quatro potências a respeito da Alemanha, violação esta que se concretizou com a aplicação de uma reforma monetária separada, com a introdução de papel-moeda especial para os setores oeste de Berlim e pela política de desmembramento da Alemanha.

G. N.

Arquivos Brasileiros de Nutrição — Tomo 4 — Número 6 — Dezembro, 1947.

Em circulação com bastante atrazo o órgão do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, dirigido pelo prof. Josué de Castro. Má apresentação gráfica, bem como o papel de inferior qualidade, refletindo as dificuldades das publicações técnicas e científicas em nossa terra.

Dentre as matérias publicadas, chamamos a atenção para a importância do editorial sôbre a «Situação Alimentar Brasileira».

Diz o articulista que a situação de crise alimentar brasileira, tem sua origem no início da organização econômica de nossa terra, e o agravamento da mesma «não encontra símile em todo o curso de nossa evolução histórica».

«Desde que nos estruturamos como unidade colonial do império português, outra cousa não temos feito senão produzir matérias primas e gêneros de vantajosa colocação mercado externo. Essa preocupação de produzir para aproveitar as conjunturas do comércio exterior de tal maneira absorve o esfôrço de trabalho nacional que o dever precípuo de produzir alimentos para atender às necessidades da população do país foi inteiramente esquecido pelos que orientavam a nossa produção. As transformações políticas operadas no país de nada valeram no particular: a conduta econômica continua a mesma e, consequentemente, idêntica à despreocupação pela produção de gêneros alimentícios.

Somos, por isso, um povo em permanente estado de subnutrição que periodicamente, por circunstâncias várias, se vê atingido por verdadeiros episódios de fome aguda.»

Diz ainda, que estamos sofrendo de um dêsses surtos; que os nutricionistas brasileiros não revelam, mas que somente uma reduzida minoria de nosso povo, não sofre de insuficiência alimentar qualitativa e quantitativa; que as pesquisas atuais revelam que a grande massa da população, não apenas está subnutrida, em grande porcentagem, como apresenta-se faminta, aumentando ainda o número de pessôas que cada vez comem menos, sendo que a subnutrição se agrava progressivamente, atingindo grupos cada vez maiores da população.

O articulista, acha que para resolver o problema alimentar brasileiro será necessário modificar o sentido de nossa economia. Em vez da preocupação de produzir para o exterior, deveriamos satisfazer as necessidades alimentares da população do país. E prossegue: «permanecere-

mos no histórico estado de subnutrição em que temos até hoje vivido e que o correr dos tempos irá agravar pelo simples crescimento vegetativo da população». Teremos de produzir para consumir e não para o mercado.

Reclama ainda a transformação do nosso panorama agrário, tornando a terra acessível às classes laboriosas que não a possuem. Criar a pequena propriedade junto aos grandes centros. Sem estas medidas permaneceremos na situação alimentar atual.

Salienta que devemos nos capacitar da impossibilidade de produzir o suficiente para alimentar nossa população, com os métodos arcáicos ainda usados na nossa agricultura. Continuando com os nossos métodos, devemos nos capacitar que não podemos produzir suficientes alimentos, para uma população com um índice de crescimento dos maiores, apesar da alta taxa de mortalidade, prevendo o autor que, dentro do atual índice de crescimento, teremos dentro de trinta anos, o dôbro da população, isto é, seremos cêrca de oitenta milhões de pessôas.

Se quizermos alimentar a nossa população com gêneros alimentícios produzidos no país, teremos, na opinião do autor, que realizar uma verdadeira revolução agrária, notando que usa a expressão no sentido de emprêgo de métodos mecânicos nas atividades agrícolas.

Devemos produzir tudo, pois de todos os gêneros alimentares temos necessidade, a começar pela água. Água que é um alimento imprescindível ao homem, que no Brasil não temos em quantidade suficiente e que mereça confiança. Em milhares de localidades brasileiras, os habitantes têm de fazer grande esfôrço para conseguir água, e bebem-na em reduzida quantidade e de má qualidade.

Traz ainda a citada revista, um artigo original do Prof. F. A. de Moura Campos, do Departamento de Fisiologia da Universidade de São Paulo, sôbre «Cálcio, Ferro e Manganês em alguns alimentos nacionais». E' iniciada nova secção sôbre novas aquisições da Nutrologia, do qual chamamos a atenção, a respeito do método da avaliação das condições de nutrição, através de cál-

culos rápidos e seguros de excreção urinária de determinados elementos nutritivos. O resumo das experiências G. H. Benyman e C. R. Henderson completa êste número.

O. L.

ARTES PLÁSTICAS

de arte — A importância do Congresso Internacional de Crítica de Arte que se realizou em Paris no mês de junho último, já foi posta em evidência pela imprensa do mundo inteiro. Inúmeros foram os trabalhos apresentados pelos mais autorizados críticos que participaram do referido congresso. Como não poderia deixar de acontecer, foram dos mais animados os debates entre os abstracionistas e os partidários da arte figurativa.

diversas interven-Da leitura de ções que nos chegaram às mãos através de jornais e revistas francesas, abstracionismo ora favoráveis ao como a de Victor Servianckx (belga), ora de um ecletismo confuso como as de Herbert Read (inglês) e Lionello Venturi (italiano), ora favoráveis ao realismo como as de Waldemar Georges e André Lhote (franceses), constatamos que todos defenderam principalmente uma posição filosófica, o que nos ajuda a concordar com Waldemar Georges quando diz que «o realismo não é a adopção de um estilo, mas sim um modo de pensar, uma posição do homem em face do mundo, e a única posição progressista e revolucionária concebivel nos dias em que vivemos. Afirmativa esta dialeticamente comprovada pela propaganda que fazem da arte abstrata os homens mais conscientes e ativos da reação, como, por exemplo, Nelson Rockfeller.

Aqueles que dizem que desprezam o mundo exterior e só se preocupam com seu próprio mundo interior, negam à arte sua finalidade maior que é exprimir o universal e não o único, como diz André Lhote. Mas, deixando de lado qualquer consideração de ordem filosófica, como público só nos poderemos interessar pelo mundo interior de um artista se nos fôr possível compreendê-lo. Somos racionalistas, gostamos de compreen-

der e entendemos que as obras de arte devem - ao mesmo tempo dirigir-se aos nossos sentidos e à nossa inteligência. Não podemos aceitar, como obras de interêsse humano, aquelas que só pretendem impor-se à margem da inteligência. Isso não significa, porém, que apenas as formas exteriores nos interessem, preocupanos a vida interior (desconhecida) de tudo quanto existe, mas não suportamos a mistificação. E porque a repelimos, também não podemos deixar de repelir a fraseologia incompreensível dos partidários do abstracionismo quando dizem, como Victor Servrancks, que «o homem só realizará seu destino pela abstração cósmica». E' ainda do mesmo crítico a frase seguinte: «A arte abstrata, espiritual e mágica, ritual e religiosa, só tem a ganhar com essa base sagrada que lhe permite conservar uma plástica pura, pura de qualquer «doublage» do espiritual pelo materialismo sensualista» (ARTS - nº 178, pág. 4, 5ª col.).

E é numa linguagem plástica semelhante a esta que, através de suas telas, se exprimem os pintores abstracionistas.

Museu de Arte Moderna — Quiz o Museu de Arte Moderna, antes de inaugurar oficialmente suas galerias em sede definitiva, oferecer um cocktail à imprensa especialisada durante o qual apresentou uma parte dos quadros de sua rica coleção. A visita foi, infelizmente, rápida demais para nos permitir uma análise segura do que nessa ocasião nos foi possível ver. Cumpre-nos, entretanto, declarar que, de um modo geral, nossa impressão foi das melhores e hoje estamos certos de que o Museu de Arte Moderna de São Paulo muito poderá fazer pela elevação do nível cultural da cidade. Uma observação de detalhe queremos, porém, deixar aqui registrada: Ao lado de telas excelentes de grandes pintores estrangeiros, lá estavam uma de Volpi e outra de Di Cavalcanti, e a comparação de uma com as outras nos permitiu consolidar a convicção de que temos em São Paulo pintores de alto nível internacional.

Afóra os quadros pertencentes ao museu, foi-nos permitido ver algumas dezenas de quadros abstracionistas que o sr. Léon Dégand trou-

xe da Europa e que serão brevemente apresentados ao público paulista. Quadros de Kandinsky, Delaunay, Deyrolle, Arp, Magnelli, etc., que vieram apenas reforçar a opinião que, através de reproduções, já haviamos formado sôbre arte abstrata.

Voltaremos ao assunto por ocasiaço da exposição prometida que deverá coincidir, cremos, com uma exposição individual das telas de Cícero Dias depois de sua adesão ao abstracionismo e que, confiadas à guarda do Museu de Arte Moderno, tivemos a oportunidade de ver nesse mesmo dia.

Di Cavalcanti — Quando êste número de «Fundamentos» começar a circular, já deverá ter sido inaugurada a grande exposição retrospectiva de Di Cavalcanti que comemora êste ano o trigéssimo aniversário de sua vida de pintor. Será certamente o maior acontecimento artístico do ano, que nos permitirá acompanhar, passo a passo, a evolução de um artista que muito cedo revelou seu talento nos anos malucos do primeiro após-guerra, de um dos raros intelectuais daquela geração que, ao lado de Mário de Andrade e Alcântara Machado, tinham algo a dizer, de um pintor hoje seguro de seu «mettier», consciente de sua arte e de seus deveres de artista.

Exposições — Entre as inúmeras exposições todos os dias franqueadas ao público de São Paulo, assinalamos, nos dois últimos meses, apenas cinco que, por motivos diversos, merecem registro: Flávio de Carvalho (a melhor das cinco) e depois Calder no Museu de Arte, Kauffmann e depois Flexor na Galeria Domus, Ostrova na Galeria Itapetininga.

«Artes Plásticas» — Sob a direção de Ciro Mendes, Flávio Mota e Cláudio Abramo, apareceu no mês de julho o primeiro número de «Artes Plásticas», publicação especializada como seu nome indica, destinada a preencher uma séria lacuna da imprensa paulista. Boa apresentação gráfica, charges magníficas de Hilde Weber, colaboração variada e interessante. Em suma, uma tentativa séria que merece ser apoiada.

2º CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETURA

Realizar-se-á em Pôrto Alegre, de 20 a 27 de novembro próximo o 2º Congresso Brasileiro de Arquitetura, com o apoio de todos os institutos de arquitetos do Brasil. A comissão organizadora, composta pelos arquitetos Firmino Fernandes Saldanha — presidente; Nestor P. de Figueiredo — vice-presidente; Paulo de Camargo e Almeida — diretor geral; Américo Campello — tesoureiro; e Eduardo Corona — secretário geral, tudo tem feito para que do referido congresso algo de útil resulte.

O temário divide-se em quatro partes: I Urbanismo e arquitetura — a) bases teóricas e tendências da arquitetura contemporânea; b) Problema das nossas cidades — Distribuição dos grupos populacionais — Habitação — Circulação — Transportes — Trabalho — Recreação — Carta de Atenas; c) Conjuntos residenciais; d) Núcleos industriais e rurais; 5) Habitação popular. II Ensino e prática da arquitetura — a) Escolas de arquitetura — Difusão do ensino de arquitetura — Programas. b) Regulamentação da profissão. III — A arquitetura e a indústria — a) A indústria na evolução da arquitetura; b) A indústria nacional de materiais de construção e nossas necessidades — Modulação de construção — Padronização. IV — Temas Livres — Teses e estudos avulsos.

Com tal temário é de se esperar que muitos trabalhos de interêsse coletivo sejam apresentados, principalmente no que diz respeito à habitação popular, aos núcleos industriais e rurais e à indústria nacional de materiais de construção e nossas necessidades.

NOTAS CIENTÍFICAS

SONIA ASHAUER — Registramos com grande pesar o falecimento, no dia 21 de agôsto passado, da jovem cientista brasileira, sta. Sônia Ashauer. Sônia Ashauer era um dos mais promissores talentos da física teórica no Brasil. Desaparece em ple-

na juventude, aos 25 años de idade, após cursos brilhantes no Ginásio do Estado e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Logo depois da formada foi convidada para assistente da Cadeira de Física Teórica, do Prof. Wataghin. Em 1944, foi para a Inglaterra a convite do Brisitsh Council, onde, em Cambridge prosseguiu suas pesquisas sob a direção de Dirac, um dos maiores físicos teóricos da atualidade. Em princípios de 1948 recebeu o seu diploma de Ph. D. (título dos mais altos em Cambridge) defendendo uma tese de valor sôbre «Problemas dos electrons e das radiações eletromagnéticas». Deixa ainda outros trabalhos de grande valia científica. A morte prematura da Dra. Ashuer é particularmente de se lamentar, no momento em que o país necessita mais do que nunca de verdadeiros valores científicos para orientação de seu progresso e formação das novas gerações.

Prof. MARIO SCHEMBERG - Encontra-se em Birmingham, Inglaterra, o prof. Mario Schenberg, catedrático de Mecânica Racional de nossa Universidade. O prof. Schenberg que participa de um Congresso de Física naquela cidade, irá depois a Bristol onde tomará parte em outra reunião de física teórica. Como se sabe, o prof. Schenberg foi um dos convidados especiais brasileiros ao Congresso Mundial de Intelectuais de Wroclaw. Visitou rapidamente alguns paises europeus, antes de ir para a Inglaterra, onde acaba de receber novo e honroso convite, qual o de trabalhar em Manchester com o prof. L. Rosenfeld, físico belga, discípulo de Niels Bohr e considerado. um dos maiores físicos teóricos da atualidade. Se o prof. Schenberg aceitar o convite, perderemos durante algum tempo o concurso dêsse jovem e notavel cientista, em nosso meio universitário, mas ganhará a ciência brasileira em prestígio com sua presença no famoso centro de física que é a Universidade de Manchester, onde professores Rutherford, Bohr e onde professam Rosenfeld, Blackett e outros mestres da física moderna.

SCHWARTZMANN

Garantia ...

0

>

Z

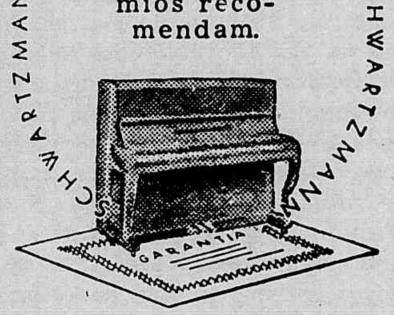
7

X > Z Z

S

0

MANZ máxima de qualidade sonoridade - assistência - é o que recebe por 10 anos, um pos-≽ suidor de um Piano I Schwartzmann - o U pianc que os S grandes mestres consagraram e ZZKZ grandes prêmios recomendam.



Schwartzman

São Paulo Av. Ipiranga, 714 - Tel. 4-7478 Rua Xavier de Toledo n. 272

Rio de Janeiro Av. Rio Branco, 257 A - Tel. 32-7529



Variedade de côres e desenhos

desde \$600,00



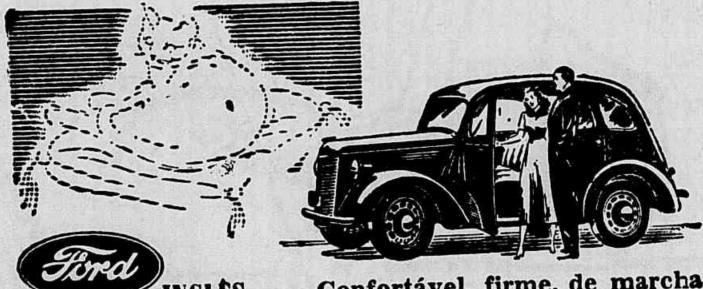
Mais de Meio Século a Serviço do Confôrto Doméstico



Xavier de Toledo 65

APARELHOS DOMÉSTICOS FRIGIDAIRE - APARE-LHOS DOMÉSTICOS BENDIX - RÁDIOS PHILIPS, RCA VICTOR E DE OUTRAS MARCAS - AUTOMÓVEIS SINGER E RENAULT - MÓVEIS FINOS E TAPEÇARIAS conforto-prazer...

— que a todos agrada!



Confortável, firme, de marcha macia, o "Ford-Inglês" desliza

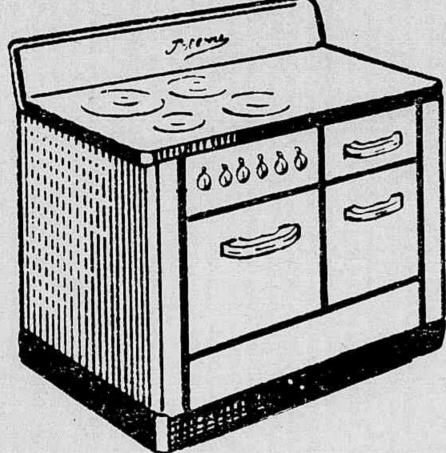
suavemente, proporcionando momentos de prazer, quer na cidade, quer na estrada! Ágil, possante e econômico. Agora para pronta entrega.

RUA DAS PALMEIRAS, 315 - SÃO PAULO
FILIAL: R. MÉXICO, 31-C-RIO DE JANEIRO

Arco-Arlusi

PATERNO

1716



::: SÍMBOLO DE GARANTIA :::

O Fogão PATERNO é imprescindivel em todos os lares modernos. Porque é o fogão elétrico mais perfeito que se conhece. Economiza tempo e calor.

:::: COZINHA MAIS DEPRESSA ::::

Linhas elegantes. Próprio para qualquer ambiente. Vários tipos e tamanhos. — Resistente. — Perfeito. —

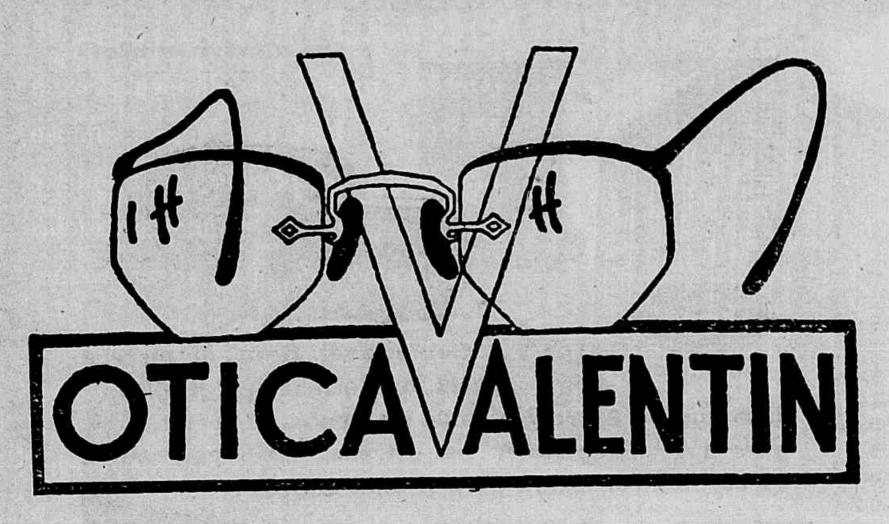
*

Matriz: RUA CONS. CRISPINIANO, 39 — Fones: 4-6856 — 4-1212

INDÚSTRIAS PATERNO

20 ANOS DE EXPERIÊNCIA E TIROCÍNIO Loja: RUA CONCEIÇÃO, 59 — Fone: 6-4274 — SÃO PAULO

Fábrica: CAMPINAS — Estado de São Paulo



OTICA EM GERAL — PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

R. S. BENTO Nº 100 - SB. LOJA - SALA L

S. PAULO

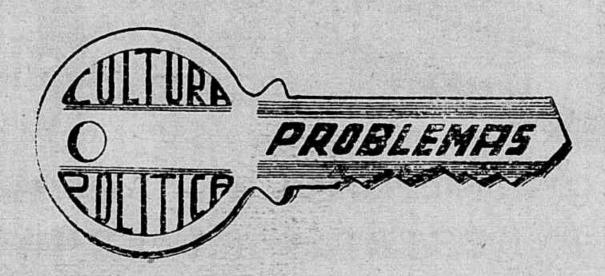
FONE: 2-2397

Compre seus livros na

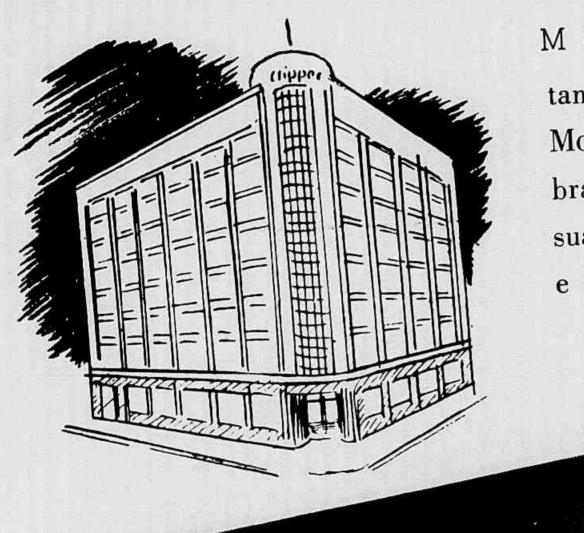
Livraria ITATIAIA

Livros Nacionais e Estrangeiros Secção de Papelaría

DISTRIBUIDORES DE



RUA 7 DE ABRIL, 412 - TELEFONE: 6-6282



MODAS CLIPPER

também presta sua homenagem a Monteiro Lobato — o saudoso brasileiro que ofereceu sua vida e sua capacidade de criador de idéias e de homem de ação ao engrandecimento da pátria.



A vitrina MONTEIRO LOBATO, montada na CLIPPER — conforme se vê na foto — decorada com personagens das obras de Lobato, teve como com personagens das obras de Lobato, teve como objetivo estimular aos que a vissem — principalobjetivo estimular aos que a vissem — principalmente as crianças — a contribuir para o monumente as criador da literatura infantil brasileira mento ao criador da literatura infantil brasileira — uma dívida de gratidão de várias gerações — nacionais.

FUNDAMENTOS*

nos seus três primeiros números publicou

A LUTA PELO PETROLEO BRASILEIRO

Fernando Luiz Lobo Carneiro

A LISTA DE JOB

Anibal Machado

PÁGINA INÉDITA

Graciliano Ramos

O PROBLEMA HIDRO-ELÉTRICO DE S. PAULO

Catulo Branco

ECONOMIA INDUSTRIAL E AGRICOLA

L. Herrmann

CRISE DO ESPIRITO

Astrojildo Pereira

7 CARTAS LOUCAS — I e II

Afonso Schmidt

ARTE FUNCIONAL

H. J. Koellreutter

ESPLENDOR E DECADÊNCIA DO ALGODÃO EM SÃO PAULO

Ruy Barbosa Cardoso

AYDANO DO COUTO FERRAZ

Jacob Grender

O FANDANGO EM CANANÉIA

Alceu Maynard Araujo

PROBLEMAS DA MÚSICA CONTEMPORÂNEA

Claudio Santoro

REALISMO E ABSTRACIONISMO

E. Di Cavalcanti